RESIDENT EVIL
VOLUME VI
CÓDIGO:
VERÔNICA
S.D.PERRY
BASED ON THE BESTSELLING
VIDEOGAME FROM CAPCOM

S.D. PERRY

RESIDENT EVIL

Livro 6

CÓDIGO: VERÔNICA

Tradução de Raphael L. Vicente
Revisão de Monnie “Red Queen”
Formatação ePub de LeYtor

Pocket Books
2001

Resident Evil – Code: Veronica

Autora: Stephani Danelle Perry.
Editora: Pocket Books (U.S.A.)

Tradução: Raphael Lima Vicente.
Revisão: Monnie ~ Red Queen
Tradução iniciada em 15 de Outubro de 2005.
Tradução terminada em: 25 de Março de 2007.

Resident Evil TM & © 2001
Capcom Co., Ltd.
© 2001 Capcom U.S.A., Inc.

PRÓLOGO

Encarado pela morte eminente, cercado por infectados e pessoas morrendo, enquanto destroços do helicóptero em chamas choviam do céu, tudo o que Rodrigo Juan Raval conseguia pensar era a garota. Nela e em um jeito de sair de lá.

Ela também morrerá – anda!

Ele mergulhou para se proteger atrás de uma lápide em branco enquanto o cemitério chacoalhava.

Com um som de metal se estilhaçando em alta velocidade, uma grande parte do helicóptero em chamas caiu no canto mais distante do cemitério, espirrando combustível nos apodrecidos prisioneiros e soldados. Brilhantes e oleosas linhas de combustível espalharam-se pelo chão como lava grudenta – e quando Rodrigo caiu no chão, sentiu uma tremenda dor na barriga, duas de suas costelas quebrando contra um pedaço de mármore escuro escondido debaixo do mato. A dor foi súbita e terrível, paralisante. Mas de alguma forma ele não desmaiou. Ele não podia se dar ao luxo.

Uma das pás do rotor cortou a terra a sessenta centímetros dele, levantando areia para o alto. Ele ouviu um novo coral de gemidos sem palavras, os infectados reclamando da chuva de areia. Um guarda infectado passou por ali, seu cabelo brilhando como uma tocha, seus olhos cegos vasculhando.

Eles não sentem, não sentem nada, Rodrigo lembrou a si desesperadamente, concentrando-se em sua respiração, com medo de andar enquanto a dor ia de um berro para um mero grito. Não são mais humanos.

O ar estava pesado com uma enjoativa fumaça, cheiro de decomposição acelerada e carne queimada. Ele ouviu alguns tiros em algum lugar no complexo carcerário, mas só alguns; a batalha estava acabada, e todos eles tinham perdido. Rodrigo fechou os olhos pelo tempo que conseguiu ousar, certo de que nunca mais veria outro nascer do sol. E por falar em dia ruim.

Tudo começou há dez dias, em Paris. A Redfield tinha invadido a administração do quartel general e criado uma infernal e violenta briga antes que Rodrigo a pegasse. A verdade era, ele teve sorte – ela tinha sacado a arma e estava vazia.

É, muita sorte, ele pensou amargamente. Se ele soubesse o que o futuro lhe reservava ele teria recarregado a arma para ela.

A recompensa por tê-la pego com vida foi a chance de levar sua unidade de segurança de elite para combater contaminados vivos no complexo Rockfort, numa remota ilha do Atlântico Sul. A garota terminaria virando uma cobaia para os cientistas, ou talvez uma isca para seu problemático irmão e os rebeldes do S.T.A.R.S., dos quais Rodrigo não parava de ouvir. Dezessete pessoas foram seriamente feridas e outras cinco morreram durante a presença da Redfield na administração do quartel general. Boa parte deles não era confiável e Rodrigo não dava a mínima para eles, mas capturar a garota significaria que ele poderia conseguir um bom pagamento. A Umbrella podia transformá-la numa barata gigante de néon, ele não ligava, e certamente fariam algo pior.

Sortudo de novo, era o que parecia. Ele teve dez dias para preparar suas tropas, dez dias enquanto o quartel tentava interrogá-la sem sucesso. A viagem Paris/Capetown*(Nota 1)*/Rockfort foi fácil.

Os pilotos eram de primeira e a garota ficou sabiamente calada. Todos os seus homens tinham sido preparados psicologicamente para a oportunidade, o astral estava alto assim que tocaram o chão

e começavam a se prepara para os primeiros tiros.

E então, menos de oito horas depois do pouso – em sua segunda visita à ilha – o complexo foi brutalmente atacado por desconhecidos, um repentino e preciso ataque aéreo. Com certeza foi financiado por uma corporação, tecnologia de ponta e munição ilimitada – os helicópteros e aviões cruzaram o céu como um trovejante pesadelo negro, o ataque bem planejado e impiedoso. Até onde podia dizer, tudo foi atingido – o presídio, os laboratórios, o centro de treinamento... ele pensou que a casa dos Ashford podia ter sido poupada, mas não apostaria nisso. O ataque foi devastador o bastante, porém imediatamente superado pelo que veio em seguida – o destruído laboratório de segurança máxima vazou meia dúzia de variações do T-virus, e um número de B.O.W.s experimentais escaparam. A série T transformava humanos em canibais sem cérebro, um infeliz efeito colateral, mas não tinha sido criado para pessoas. Através dos questionáveis milagres da ciência moderna, a maioria das armas vivas nem lembrava humanos, e o vírus as tornava máquinas de matar.

O caos prosseguiu. O comandante da base, aquele maníaco esquisito Alfred Ashford, não fez nada, e foi a vez dos soldados graduados liderarem. Os prisioneiros eram inúteis, mas havia soldados suficientes no chão para lançarem uma defesa e contra-ataque sem sucesso; seus próprios homens caíram tão rápido quanto os outros, eliminados a caminho do heliporto por um trio de OR1, a espécie T-Virus da vez.

Todo aquele treinamento perdido em apenas um ou dois minutos. Os OR1 eram particularmente asquerosos, violentos, agressivos e extremamente poderosos. Felizmente, apenas alguns deles tinham escapado... mas apenas alguns foram o suficiente. Os soldados os chamavam de Bandersnatches, por causa dos longos

braços. Engraçado como sua equipe foi tão cuidadosa para evitar infecção, usando máscaras desde as primeiras bombas – e ainda assim foram mortos por uma forma do vírus.

Pelo menos foi rápido, antes de saberem o tamanho do problema em que estavam. Rodrigo pensou, invejando a esperança deles. Ele estava ferido, exausto, e tinha visto coisas que o assombrariam pelo resto da vida, independente do quanto longa ela seria. Eles foram sortudos .

Rockfort tinha se tornado um inferno na terra. O vírus criado pelo homem era um aerotransmissível de vida curta e tinha se dispersado rapidamente, infectando cerca de metade da população da ilha... mas os novos infectados correram atrás da outra metade, espalhando a doença. Alguns conseguiram escapar logo depois, mas entre os infectados e as criaturas à solta, fugir tinha se tornado uma fria opção. A ilha inteira estava infestada.

Talvez foi o que deveria ser. Talvez todos nós tivemos o que merecíamos.

Rodrigo sabia que não era um homem ruim, mas não queria se enganar, ele também não era o mocinho. Ele já se fez de cego para coisas muito ruins em troca de um bom pagamento, e por mais que quisesse entregar a verdade, ele não podia negar sua participação no apocalipse que agora o cercava. A Umbrella vinha brincando com fogo... mesmo depois de Raccoon City, do desastre em Caliban Cove e no complexo subterrâneo, ele nunca considerou que algo assim poderia acontecer com sua equipe e consigo.

Outro cadáver passou perto de seu abrigo temporário, um razoável tiro de espingarda onde seu queixo deveria estar. Rodrigo instintivamente agachou mais, e novamente teve que se esforçar para não desmaiar, a dor chocantemente intensa. Ele já tinha quebrado costelas antes; mas isso era diferente, algo interno. Fígado

perfurado, talvez, morte certa se não conseguir ajuda.

Considerando que a onda de azar ainda permanecia, ele acabaria perdendo todo o sangue antes que alguém o comesse...

Seus pensamentos estavam vagando, a dor tinha se aprofundado e por mais que quisesse descansar, havia a garota, ele não podia se esquecer dela. Ele estava perto agora, muito perto. Um dos guardas a tinha deixado inconsciente antes de fazer o exame físico e preencher o formulário, e isso tinha sido antes do ataque. Ela ainda devia estar na cela de isolamento, a entrada para o subsolo estava atrás dos destroços do helicóptero.

Quase lá, depois posso descansar.

A maioria dos quase humanos tinha se afastado dos destroços em chamas, seguindo algum instinto primário, talvez. Ele tinha perdido sua arma a caminho, e se pudesse correr para trás das lápides da parede oeste...

Rodrigo sentou-se calmamente, a dor piorando, fazendo-o se sentir enjoado e fraco. Devia haver um frasco de líquido hemostático no kit de primeiros socorros do presídio, ele poderia ao menos diminuir o sangramento interno – apesar de já estar preparado para aceitar a morte, tanto quanto qualquer um.

Mas não antes de chegar até a garota. Eu a capturei, eu a trouxe aqui. É minha culpa, e se eu morrer, ela morre também.

Apesar de todo o terror que tinha testemunhado naquele dia, os amigos que tinha perdido e o constante sofrimento de uma horrível morte, ele não conseguia parar de pensar nela. Claire Redfield tinha sangue nas mãos, claro, mas não de propósito, não como a Umbrella. Não como ele.

Ela não tinha matado por ambição, ela não o tinha feito ser

indiferente por todos esses anos... e ter visto sua equipe de elite virando espaguete pelos monstros, ter passado a tarde lutando por sua vida, estava claro que levar a Umbrella para a justiça era o que os mocinhos faziam. A garota merecia algo por aquilo, mesmo se não for para morrer sozinha e no escuro. E aconteceu de ele estar com um molho de chaves tiradas do cinto de um guarda, com certeza uma delas serviria.

Faíscas subiam dos destroços para o céu escurecendo, pequenos insetos brilhantes sumindo, ocasionalmente acertando um dos zumbis mais próximos, chiando em sua pele cinza antes de apagar. Eles não se incomodavam. Rodrigo apertou os dentes e ficou de pé, ciente de que a jovem Claire não duraria dez minutos sozinha, ciente de que queria dá-la uma chance. Não era o mínimo que podia fazer; era simplesmente a única coisa restando.

Capítulo 1

A cabeça de Claire doía.

Ela esteve meio adormecida, lembrando de coisas, até que o distante som de um trovão preencheu o escuro, levando-a mais perto da consciência. Ela sonhou com a insanidade que tinha virado sua vida nos últimos meses, e mesmo que uma parte consciente dela sabia ser real, ainda parecia inacreditável demais. Momentos do que tinha acontecido na Raccoon pós-vírus continuavam aparecendo, imagens da criatura inumana que perseguia a garotinha no meio da devastação, memórias da família Birkin, o encontro com Leon, as orações para Chris.

Outro trovão, mais alto, e ela percebeu que algo estava errado, mas parecia não conseguir acordar, parar de lembrar. Chris, seu irmão, tinha se aprofundado na Europa, e eles o seguiram, e agora ela estava com frio, com dor de cabeça e não sabia porque.

O que aconteceu? Ela se concentrou, mas a lembrança viria em partes, imagens e pensamentos desde as semanas em Raccoon City. Ela não parecia controlar as memórias. Era como assistir um filme em um sonho, e ainda assim não conseguia acordar.

Imagens de Trent no avião e um deserto, um disco de códigos que por fim foi inútil para achar seu irmão. O longo vôo para Londres, o salto para a França – um telefonema, “Chris está aqui, ele está bem”. A profunda e amigável voz de Barry Burton.

Rindo, o incrível alívio a enchendo, sentindo a mão de Leon em seu ombro – Foi o começo, e a levou para a próxima lembrança – um encontro foi arranjado, num dos postos de vigilância da ala

administrativa do quartel general, no território da Umbrella. Leon e os outros esperavam na van, olhei no relógio, coração pulando de empolgação, onde ele está, onde Chris está?

Claire não sabia que estava ferrada até as primeiras balas passarem por ela, perseguindo-a sob o feixe de um holofote, até dentro de um prédio – correndo por corredores, ensurdecida por metralhadoras e um helicóptero do lado de fora, balas perto o bastante para cravar estilhaços de piso em suas roupas – e uma explosão, soldados armados caindo sob a fúria do estouro, e... eu fui pega.

Eles a seguraram por mais de uma semana, tentando de tudo para fazê-la falar. Ela falou também, sobre ir pescar com Chris, ideologia política, suas bandas favoritas... resumindo, ela não sabia de nada vital; ela estava apenas procurando pelo irmão, e só, e de alguma foram ela os convenceu de que não sabia nada de importante sobre a Umbrella. O fato de ter dezenove anos ajudava, pois parecia tão mortal quanto uma escoteira. O que ela realmente sabia, como o sinistro Trent ou o paradeiro de Sherry Birkin, a filha dos cientistas, ela enterrou fundo e deixou lá.

Quando eles perceberam que ela não era uma informante, eles a levaram. Agredida fisicamente, assustada, dois jatos particulares e um helicóptero depois, veio a ilha. Ela nem a viu, estava usando um capuz, a sufocante escuridão só aumentando seu medo. Rockfort Island (Ilha Rockfort), não foi o que o piloto disse? Foi uma longa viagem de Paris, algo mais para seu conhecimento.

Trovão, houve um som de trovão. Ela lembrou de estar sendo empurrada através de um lamacento cemitério em uma manhã cinzenta, ela tinha visto lápides através de seu capuz. Descendo uma escada, bem vinda a sua nova casa e BOOM – O chão estava tremendo, chacoalhando. Claire abriu os olhos só para ver a luz

acima apagar, as grossas barras de metal de sua cela de repente marcadas em negativo e flutuando para a esquerda na escuridão. Ela deitou de lado no sujo e úmido chão.

Isso não é bom, não, é melhor você levantar. Ignorando o pulsar em sua cabeça, ela engatinhou para ficar de joelhos, seus músculos rígidos e doloridos. A escuridão da úmida sala estava bem silenciosa, exceto pelo som de água pingando, lenta e solitária; parecia que ela estava sozinha.

Não por muito tempo. Ah, Deus, eu estou atolada agora. A Umbrella a tinha, e considerando a bagunça que tinha feito em Paris, era improvável que serviriam sorvete e depois a libertariam.

A renovada avaliação de sua situação deu um nó em seu estômago, mas fez o possível para deixar o medo de lado. Ela tinha que pensar direito, analisar suas opções, e precisava estar pronta para agir. Ela não teria sobrevivido em Raccoon se tivesse entrado em pânico – só que você está numa ilha controlada pela Umbrella. Mesmo passando pelos guardas, para onde você irá?

Um problema por vez. Primeiro, ela devia tentar se levantar. Exceto pelo doloroso inchaço em sua têmpora direita, ela não achava estar ferida – Houve outro barulho, abafado e distante, e um pouco de pó caiu do teto, ela pôde senti-lo em sua nuca. Ela tinha interpretado esses barulhos em seus sonhos semiconscientes como um trovão, mas definitivamente parecia que Rockfort estava sob artilharia pesada. Ou do Godzilla. Que diabos estava acontecendo lá fora?

Ela ficou de pé, franzindo com a dor na cabeça enquanto se espanava com os braços, esticando os rígidos músculos. A sala subterrânea a estava fazendo desejar ter vestido algo mais quente do que o jeans e o colete sem mangas para o encontro com Chris – Chris! Por favor, esteja a salvo! Em Paris, ela tinha atraído a equipe

de segurança da Umbrella para longe de Leon e os outros, Rebecca e os dois S.T.A.R.S. de Exeter; Chris não tinha sido pego, Claire considerou que já devia estar reunido com a equipe agora. Se ela pudesse achar um computador com internet, ela podia mandar uma mensagem para Leon...

... é, apenas entorte as barras de aço, ache algumas metralhadoras e extermine a população da ilha. Ah, depois invada o sistema de comunicação altamente protegido e ache um computador desse tipo. Você também pode dizer a Leon que não sabe onde fica Rockfort – Uma voz interna mais alta a interrompeu – pense positivo, droga, seja sarcástica depois, caso sobreviva. O que você pode fazer?

Boa pergunta. Não havia guarda. Estava extremamente escuro, um pingo de luz vindo de algum lugar à direita, o que poderia ser uma vantagem caso – Claire apalpou os bolsos de repente, desejando esperançosamente que ninguém a tivesse revistado enquanto esteve inconsciente, certa de que alguém deve ter – esquecido de olhar o bolso interno do colete, lá estava!

“Idiotas.”. Ela suspirou, tirando o velho isqueiro de metal que Chris a tinha dado um tempo atrás, seu confortável peso nas mãos. Quando a revistaram atrás de armas, um soldado fedendo tabaco o tinha achado, mas devolvido quando ela disse que fumava.

Claire colocou o isqueiro de volta no bolso, não querendo cegar seus olhos agora que estava se acostumando ao escuro. Havia luz suficiente para ela saber como a sala era – uma mesa um armário diretamente à frente de sua cela, uma porta aberta à esquerda – a mesma pela qual tinha entrado – uma cadeira e alguma coisa empilhada à direita.

Tá bom, você conhece o ambiente. O que mais você descobriu?

Sua voz interna foi mais calma desta vez. Claire procurou nos outros bolsos rapidamente, achando alguns elásticos de cabelo e duas balas de menta numa embalagem amassada. Ótimo. A não ser que ela queira derrubar o inimigo com uma pequena e refrescante bala de menta, ela estava sem sorte – Passos, no corredor fora da sala, chegando mais perto. Seus músculos apertaram e sua boca secou. Ela estava desarmada e presa, e o modo como alguns dos guardas a olharam durante o transporte...

... podem vir. Estou desarmada mas não sou inofensiva. Caso alguém a quisesse atacar sexualmente ou de outra forma, ela faria questão de causar alguns danos. Já que ia morrer, não iria sozinha.

Thump. Thump. Era apenas uma pessoa, e seja lá quem fosse, estava ferido ou ferida. Os passos eram instáveis e lentos, arrastados, quase como...

Não, sem chance.

Claire prendeu a respiração quando uma figura masculina entrou mancando na sala, seus braços na parte da frente. Ele andava como um dos zumbis, como um bêbado, cambaleando, e imediatamente foi até a cela dela. Reflexivamente, Claire recuou, aterrorizada com as implicações – se houve algum tipo de contaminação na ilha, ela terminaria morrendo de fome, na pior das hipóteses.

Jesus, outra contaminação? Milhares tinham morrido em Raccoon City. Quando a Umbrella aprenderá que suas experiências insanas não valem a pena?

Ela precisava enxergar. Se for um guarda bêbado, ao menos estava sozinho, ela podia derrubá-lo.

E se for um infectado, ela estaria a salvo no momento. Provavelmente. Eles não podiam abrir portas, ao menos os de

Raccoon não. Ela pegou o isqueiro, abriu a tampa em acionou o mecanismo.

Claire o reconheceu na hora e suspirou, recuando outro passo. Alto e encorpado, hispânico talvez, bigode e impiedosos olhos escuros. Era o homem que a tinha detido em Paris, que a tinha escoltado para a ilha.

Pelo menos não é um zumbi. Não é um alívio tão grande, mas aproveitaria qualquer chance.

Ela congelou por um momento, sem saber o que esperar. Ele parecia diferente, e era mais do que seu rosto sujo de terra ou as pequenas manchas de sangue em sua camiseta branca. Era como se houvesse alguma mudança interna, pelo modo como suas expressões estavam. Antes, ele parecia um assassino a sangue frio. Agora... ela não tinha certeza, e quando ele tirou um molho de chaves do bolso, ela rezou para que tivesse mudado para melhor.

Sem uma palavra, ele abriu a porta da cela e olhou para ela sem expressões antes de acenar com a cabeça para o lado – o sinal universal para “caia fora”.

Antes que pudesse agir, ele virou e se afastou, definitivamente ferido pelo modo como segurava a barriga com uma trêmula mão. Tinha uma cadeira entre a mesa e a parede oposta; ele sentou pesadamente e pegou um pequeno frasco da mesa com seus dedos sujos de sangue. Ele chacoalhou o frasco, do tamanho de um carretel de linha, antes de arremessá-lo pela sala, resmungando para si mesmo.

“Perfeito...”.

O frasco vazio quicou no chão de cimento, rolando e parando logo fora da cela. Ele olhou na direção dela, cansado, sua voz pesada com exaustão. “Anda. Pode sair daqui”.

Claire deu um passo na direção da porta da cela e hesitou, imaginando se era algum tipo de armadilha – ser baleada tentando "fugir" passou por sua mente, e não parecia tão impossível, considerando para quem ele trabalhava. Ela ainda lembrava claramente do olhar nos olhos dele quando apontou a arma no rosto dela, um frio desprezo curvando seus lábios.

Ela limpou a garganta apreensivamente, decidindo pedir uma explicação. "O que você quer dizer exatamente?".

"Você está livre". Ele disse, resmungando para sim de novo enquanto se esparramava mais na cadeira, o queixo indo até o peito. "Eu não sei, deve ter sido algum tipo de força especial, todos os soldados foram eliminados... não há como escapar". Ele fechou os olhos.

Seus instintos a diziam que ele realmente queria libertá-la, mas ela não arriscaria. Ela saiu da cela e pegou o frasco do chão, andando bem devagar, observando ele com cuidado enquanto se aproximava. Ela não achava que sua atuação era falsa; ele estava mau, uma palidez acinzentada sobre sua pele escura, como uma máscara transparente. Sua respiração não tinha ritmo e suas roupas cheiravam suor e fumaça.

Ela olhou para o frasco, uma ampola de seringa vazia com um impronunciável nome na etiqueta, reparando na palavra hemostático. Hemo era sangue... algum tipo de anti-sangramento?

Talvez um ferimento interno... ela queria perguntar por que ele queria libertá-la, perguntar como estava lá fora e para onde ela devia ir – mas ela podia ver que ele estava à beira de desmaiar, suas pálpebras tremendo.

Eu não posso apenas sair, não sem tentar ajudá-lo – que se dane! Vá agora!

Ele pode morrer...

Você pode morrer! Vá logo! A disputa interna foi breve, mas a emoção venceu a razão, como sempre. Ele não deve tê-la soltado por alguma afinidade pessoal, mas seja qual for o motivo, ela estava agradecida. Ele não devia tê-la soltado, mas foi o que fez.

“E você?”. Ela perguntou, imaginando se havia algo que pudesse fazer por ele. Ela certamente não iria carregá-lo para fora, e ela não era médica – “Não se preocupe comigo”. Ele disse, levantando a cabeça para olhá-la por um segundo, parecendo irritado por ela ter perguntado.

Antes que ela pudesse perguntar o que tinha acontecido lá fora, ele perdeu a consciência, seus ombros caindo, seu corpo congelando. Ele estava respirando, mas sem um médico, ela não apostaria se continuaria.

O isqueiro estava ficando quente, mas ela agüentou o calor tempo o bastante para vasculhar a sala, começando pela mesa. Havia uma faca de combate, alguns papéis avulsos... ela viu seu próprio nome em um deles e vasculhou o documento enquanto colocava a faca no cinto.

Claire Redfield, prisioneira número WKD1196, data de transferência, blá, blá, blá... escoltada por Rodrigo Juan Raval, Oficial Comandante da 3ª Unidade de Segurança, Umbrella, Paris.

Rodrigo. O homem que a tinha capturado e a libertado, e que agora parecia estar morrendo bem na frente dela. Ela não podia fazer nada sobre isso, não se pudesse achar ajuda.

Coisa que eu não posso fazer daqui, ela pensou, fechando o isqueiro super aquecido depois de terminar a busca. Nada além de tranqueira, na maioria uniformes de prisioneiros e papelada na mesa. Ela achou o par de luvas sem dedos que tinham tirado dela,

suas velhas luvas para andar de moto, e as vestiu, grata pelo pequeno calor que elas proporcionaram. Tudo o que ela tinha para se defender era a faca, uma arma mortal nas mãos da pessoa certa... e as suas infelizmente não eram.

Cavalo dado não se olha os dentes. Há cinco minutos você estava presa e desarmada, pelo menos você tem uma chance agora. Você devia estar feliz por Rodrigo não ter descido aqui para te matar.

Mesmo assim, ela ainda não sabia lutar com uma faca. Depois de uma breve hesitação, ela rapidamente vasculhou Rodrigo por armas, sem sucesso. Ela achou um molho de chaves, mas não o pegou, sem querer carregar algo que pudesse chamar a atenção de alguém indesejável. Se ela precisar das chaves, ela podia voltar.

É hora de detonar esse lugar, ver o que tem lá fora.

“Vamos nessa”. Ela disse suavemente, só para fazê-la andar, ciente de que estava mais assustada com o que vira a achar... E também porque não tinha escolha. Enquanto estiver na ilha, estará na posse da Umbrella – e até entender a situação, não podia planejar uma fuga.

Apertando a faca, Claire saiu da sala, imaginando se a loucura da Umbrella acabaria algum dia.

Sozinho, Alfred Ashford sentou nos largos degraus de sua casa, cego com raiva. A destruição tinha finalmente parado de chover do céu, mas sua casa tinha sido danificada, a casa deles. Ela tinha sido construída pela bisavó de seu avô – a brilhante e bela Veronica, que Deus a tenha – no isolado oásis que nomeou de Rockfort, aonde construiu uma vida mágica para si e para seus descendentes... e agora, num piscar de olhos, algum terrível grupo de fanáticos ousou tentar destruí-la. A maior parte da arquitetura do segundo andar foi

atingida, portas esmagadas, apenas os dormitórios deles ficaram de pé.

Animais grosseiros cretinos. Eles nem podem imaginar o tamanho de sua própria ignorância.

Alexia estava chorando lá em cima, seu delicado coração agora doendo com a perda. O mero pensamento da dor desnecessária de sua irmã alimentou sua raiva, fazendo-o querer agir. Mas não havia ninguém em que pudesse descontar, todos os oficiais de comando e cientistas chefe estavam mortos, até mesmo sua equipe pessoal. Ele viu tudo acontecer da sala de monitoramento secreta de sua mansão particular, cada pequeno monitor contando uma história de sofrimento brutal e incompetência patética. Quase todo mundo morreu, e o resto correu como um coelho assustado; quase todos os aviões da ilha tinham decolado. Sua cozinheira particular foi a única sobrevivente na mansão de recepção, mas ela gritou tanto que ele foi forçado a atirar nela.

Nós ainda estamos aqui, longe das mãos sujas do mundo. Os Ashford sobreviverão e prosperarão, para dançar nos túmulos de seus adversários, para beber champanhe nos crânios de suas crianças.

Ele se imaginou dançando com Alexia, segurando-a de perto, dançando ao dinâmico som dos gritos de seus inimigos... a felicidade não seria pequena, o olhar de sua irmã gêmea travado no seu, compartilhando a consciência da superioridade sobre o homem comum, sobre a estupidez daqueles que tentaram destruí-los.

A questão era, quem foi o responsável pelo ataque? A Umbrella tinha muitos inimigos, de legítimas companhias farmacêuticas até acionistas particulares (a perda de Raccoon City foi desastrosa para o mercado) até os poucos concorrentes da White Umbrella, o departamento disfarçado para pesquisa com armas biológicas.

Umbrella Pharmaceutical, a criação de Lord Oswell Spencer e o avô de Alfred, Edward Ashford, foi extremamente lucrativa, um império industrial... mas o verdadeiro poder está nas atividades clandestinas, operações das quais tornaram-se vastas demais para passarem desapercebidas. E havia espiões por todo lado.

Alfred fechou o punho, frustrado, seu corpo inteiro como um conduite vivo de furiosa tensão – e de repente sentiu a presença de Alexia atrás dele, um aroma de gardênia no ar. Ele estava tão mergulhado em seu caos emocional que nem a ouviu se aproximar.

“Você não deve se desesperar, meu irmão,”. Ela disse gentilmente, e desceu um degrau para sentar-se perto dele. “nós prevaleceremos; nós sempre prevalecemos”.

Ela o conhecia tão bem. Quando ela ficou longe de Rockfort durante todos aqueles anos, ele ficou muito sozinho, com muito medo de perder um pouco do laço especial com ela... mas agora estavam mais próximos do que nunca. Eles nunca conversaram sobre sua separação, sobre as coisas que aconteceram depois das experiências no complexo Antártico, ambos apenas muito felizes por estarem juntos, a ponto de não dizerem nada para não estragar o momento. Ela sentia o mesmo, ele tinha certeza.

Ele olhou para ela por longos segundos, amenizado por sua graciosa presença, impressionado com sua beleza, como sempre. Se ele não a tivesse visto chorando no quarto, não saberia que tinha derrubado uma lágrima. Sua pele de porcelana estava radiante, seus olhos azul-céu, claros e brilhantes. Mesmo hoje, o mais escuro dos dias, a imagem dela o dava tal prazer...

“O que eu faria sem você?”. Alfred perguntou suavemente, sabendo que a resposta seria dolorosa demais para considerar. Ele quase pirou de solidão enquanto ela esteve fora, e ainda tinha estranhos pesadelos em que se encontrava sozinho, em que Alexia o

abandonava. Era um dos motivos pela qual a encorajava a nunca deixar a segurança de sua residência particular, localizada atrás da mansão de visitantes. Ela não se importava; tinha seus estudos e estava ciente de que era muito importante, muito delicada para ser admirada por qualquer um, muito feliz sendo sustentada pelo afeto de seu irmão, confiando nele como seu único contato com o mundo exterior.

Se eu pudesse ficar com ela o tempo todo, só nós dois, escondidos... mas não, ele era um Ashford, responsável pelo patamar dos Ashford na Umbrella, responsável pelo complexo inteiro de Rockfort.

Quando seu incompetente pai, Alexander Ashford, desapareceu quinze anos atrás, o jovem Alfred assumiu sua posição. As pessoas chave por trás da pesquisa com armas biológicas da Umbrella tentaram mantê-lo fora do grupo, mas só porque ele os intimidava, os incomodava com a supremacia natural de sua família. Agora eles mandavam relatórios regularmente, respeitosamente explicando as decisões que tomaram em sua ausência, deixando claro que entrariam em contato com ele imediatamente caso precisassem de sua opinião.

Eu suponho que devo entrar em contato, dizer o que tinha acontecido... ele sempre deixou esses problemas para seu secretário pessoal, Robert Dorson, que se juntou aos outros prisioneiros ao demonstrar curiosidade demais em relação à Alexia.

Ela estava sorrindo para ele agora, seu rosto brilhando com compreensão e adoração. Sim, ela estava muito melhor para ele desde que voltou para Rockfort, verdadeiramente mais devotada a ele do que sempre foi para ela.

“Você vai me proteger, não vai?”. Ela disse, nem foi uma pergunta. “Você vai descobrir quem fez isso conosco, e então

mostrará a eles o que acontece com quem tenta destruir um legado tão poderoso quanto o nosso".

Cheio de amor, Alfred levantou a mão para tocá-la, mas parou, ciente de que ela não gostava muito de contato físico. Ele acenou, parte de sua raiva voltando só de pensar em alguém tentando machucar sua amada Alexia. Nunca, não enquanto ele viver, deixaria isso acontecer.

"Sim, Alexia,". Ele disse apaixonadamente. "eu os farei sofrer, eu juro".

Ele podia ver nos olhos dela que acreditava nele, e seu coração encheu de orgulho, enquanto seus pensamentos voltavam-se para a descoberta do inimigo. Um absoluto ódio pelos agressores de Rockfort estava crescendo dentro dele, pela mancha de fraqueza que tentaram colocar no nome dos Ashford.

Eu os ensinarei a se arrepender, Alexia, e eles nunca se esquecerão da lição.

Sua irmã confiava nele. Alfred morreria antes de desapontá-la.

Capítulo 2

Claire apagou o isqueiro na base da escada coberta e respirou fundo, tentando se preparar psicologicamente para o que viria em seguida. O frio do escuro corredor a empurrando como uma mão gelada, mas ainda assim hesitou, a faca meio suada entre seus dedos enquanto guardava o isqueiro em seu colete. Ela não estava muito a fim de subir para o desconhecido, mas não tinha para onde ir a não ser que quisesse voltar para a cela. Ela sentia cheiro de óleo queimado, e adivinhou que as sombras dançando no topo dos degraus de cimento eram de fogo.

Mas o que há lá em cima? Esse é um complexo da Umbrella...

E se estiver igual a Raccoon City, e se o ataque libertou um vírus, ou algumas das criaturas que a Umbrella criava? Ou será que Rockfort era apenas um presídio para seus inimigos? Talvez os prisioneiros se rebelaram, talvez as coisas estão ruins apensas sob o olhar de Rodrigo...

...talvez você devesse subir os malditos degraus e ver por si mesma ao invés de ficar aí tentando adivinhar, que tal?

De pulsação acelerada, Claire forçou a si mesma para dar o primeiro passo, vagamente imaginando porque os filmes faziam isso parecer tão fácil, atirar-se corajosamente no provável perigo. Depois de Raccoon, ela sabia. Talvez ela não tivesse muita escolha sobre o que fazer, mas não significava que não estava com medo.

Ela subiu devagar, aguçando os sentidos enquanto nova adrenalina varria seu sistema, lembrando do pequeno lance que teve do pequeno cemitério quando os guardas a trouxeram. Não

ajuda muito, ela só tinha visto algumas lápides, bizarramente ornadas para um cemitério de presídio.

Havia definitivamente um incêndio perto do topo da escada, mas aparentemente não tão grande — não havia calor descendo, só uma fresca e úmida brisa que carregava o impregnante odor. Parecia calmo, e assim que chegou no topo, ouviu pingos de chuva evaporando ao cair no fogo, um som estranho, porém confortante.

Quando emergiu da escadaria, ela viu a origem do fogo, a metros de distância. Um helicóptero tinha caído, uma grande parte dele queimando no meio da fumaça. À sua esquerda havia uma parede, e outra atrás dos destroços; à direita, o cemitério, sombrio e coberto pela crescente chuva e pelo cair da noite.

Claire franziu ao olhar para a chuva e viu um número de escuras formas, apesar de nenhuma estar se movendo; mais lápides, ela pensou. Um suspiro de alívio cruzou pela sua ansiedade; seja lá o que tinha acontecido, parecia ter acabado.

Incrível como ela poderia estar aliviada estando sozinha num cemitério à noite. Há seis meses, sua imaginação teria aparecido com todos os tipos de coisas horríveis. Parecia que fantasmas e espíritos amaldiçoados não assustavam mais, não depois de seus encontros com a Umbrella.

Ela entrou à direita seguindo um caminho em forma de U, andando devagar, lembrando de como tinha sido conduzida pelo cemitério antes de ser levada escada abaixo. Ela identificou o que poderia ser um portão depois da linha de túmulos no centro do pátio, ou ao menos um espaço aberto na parede mais distante — e de repente ela estava voando, o som de uma explosão atrás dela, WHUMP, uma onda fervente de calor jogando-a na lama. A úmida luz da lua ficou mais clara de repente, o odor de combustível queimando cobrindo seu nariz e olhos. Ela aterrissou sem graça,

mas conseguiu não se machucar com a faca, tudo acontecendo tão rápido que mal teve tempo para registrar a confusão. — acho que não me machuquei — o tanque de combustível do helicóptero deve ter explodido — "Unnnh...".

Claire ficou de pé instantaneamente, o suave, patético e inconfundível gemido inspirando uma ação quase apavorada, o som acompanhado por outro, e outro. Ela girou e viu o primeiro tropeçando em sua direção, vindo do que restou do helicóptero, um homem, suas roupas e cabelo em chamas, a pele de seu rosto escurecida e cheia de bolhas.

Ela virou de novo e viu mais dois emergindo do chão de lama, seus rostos com um adoentado branco acinzentado, seus dedos esqueléticos sedentos em sua direção, apertando o ar enquanto se arrastavam na direção dela.

Droga! Igual em Raccoon, o vírus da Umbrella tinha transformado eles em zumbis, roubando sua humanidade e suas vidas.

Ela não tinha tempo para descrença e medo, não com três deles se aproximando, não quando percebeu que havia outros ao longo do caminho. Eles surgiram das sombras, faces brutalizadas voltando-se lentamente para ela, bocas abrindo, seus olhares vazios e sem movimento. Alguns vestiam farrapos de uniformes, camuflados ou cinza chapado, guardas e prisioneiros. Afinal, houve um vazamento.

"Uhhhh...".

"Ohhh...".

As transições de choro traziam lembranças, cada gemido como o de um homem faminto num banquete. Amaldiçoada seja a Umbrella pelo que fez! Era mais que trágico, a transformação de humano para criaturas apodrecidas sem mente, morrendo enquanto

andavam. O fim inevitável de cada contaminado era a morte, mas ela não podia ficar de luto por eles, não agora, sua pena limitada pela necessidade de sobrevivência.

Vai vai vai AGORA!

Sua avaliação e decisão tomaram menos de um segundo e já estava se movendo, nenhum plano exceto o de fugir. Com o caminho bloqueado em ambas as direções, ela saltou para o centro do pátio, escalando as pedras de mármore que marcavam o local de descanso dos verdadeiros mortos. Sua calça suja de lama grudando em suas pernas, atrasando-a, suas botas escorregando nas lisas lápides, mas ela conseguiu subir em duas delas e se equilibrar, a salvo por enquanto.

Por um segundo! Você tem que sair daí, rápido. A faca não ajudaria, ela não ousaria chegar perto o bastante para usá-la — uma única saborosa mordida a faria se juntar à turma deles, caso não a comessem antes.

O de rosto escurecido estava mais perto, seu cabelo derretido, parte de sua camisa ainda queimando. Ele estava perto o bastante para ela sentir o oleoso e nauseante cheiro de carne queimada, coberto pelo odor de combustível que o tinha cozinhado. Ela tinha dez, quinze segundos no máximo antes que ele chegasse perto o bastante para agarrá-la.

Ela olhou para o canto sudeste do pátio, seus braços abertos para manter o equilíbrio. Só havia dois deles entre ela e a saída, mas era demais, ela nunca conseguiria passar por entre os dois. Ela aprendeu com Raccoon que eles eram lentos, e que suas habilidades de raciocínio eram nulas — eles viam uma presa e iam atrás dela em linha reta, independente do que estava no caminho. Se ela ao menos pudesse afastá-los do portão — Boa idéia, só que havia muitos deles no chão, seis ou sete, ela terminaria cercada — mas

não se você subir nas lápides.

Havia vários zumbis de cada lado da linha central de túmulos, mas apenas um de pé no fim da linha, diretamente na frente dela... e esse mau se agüentava de pé, um olho pendurado, um braço quebrado e solto.

Era um plano arriscado, um tropeço e estaria frita, mas o homem queimado já estava alcançando seu tornozelo com suas mãos carbonizadas e trêmulas, chuva gotejando em sua face voltada para cima.

Claire saltou, braços remando assim que pousou com ambos os pés na estreita superfície da pedra ao lado. Ela começou a cair para frente, balançando e girando o corpo para manter seu centro de gravidade, mas não estava funcionando, ela iria cair — e sem pensar, ela rapidamente pulou de novo, e de novo, usando as desordenadas lápides como pedras num rio, usando sua falta de equilíbrio como fonte de impulso. Um infectado de cara desintegrada esfregou suas canelas, gemendo de fome, mas ela já tinha passado por ele, saltando para a próxima. Ela não tinha tempo para considerar como ia parar — e era necessário — porque as pedras acabavam com o próximo salto, e seu próximo movimento foi um salto, caindo e rolando no chão de lama um metro abaixo.

Oof, uma queda difícil, mas ela continuou e ficou de pé, ou quase, suas pernas escorregando no barro. O zumbi de um olho avançou sobre ela, gargarejando, bem perto — mas ela rapidamente o contornou, ficando em seu lado cego, de faca preparada. A criatura girou de novo para procurar sua refeição, mas ela ficou facilmente fora de seu campo de visão.

Ela arriscou desviar o olhar de sua desajeitada dança com o zumbi e viu os outros se aproximando.

A chuva ficou mais intensa, lavando a lama de seu corpo.

Está funcionando, só mais alguns segundos —

Frustrado com sua falta de sucesso, o zumbi parcialmente cego varreu o ar com seu braço bom.

Suas unhas sujas rasparam no peito dela e o zumbi gemeu ansiosamente, mas não conseguiu agarrar nada.

Deus, ele está encostando em mim —

Com um choro sem palavras de medo e nojo, Claire retalhou com a faca, profundamente, cortes quase sem sangue em seu pulso. O zumbi continuou agarrando ela, indiferente com os danos que ela estava fazendo, e Claire decidiu que era hora de partir.

Ela jogou os braços para trás, fechou as mãos e as jogou no peito da criatura, empurrando o mais forte que podia. Ela virou de novo para a linha central de lápides enquanto a criatura caia para trás, os outros muito perto agora.

Como ela conseguiu subir tão rápido ela não sabia; um segundo ela estava no chão, no outro ela estava no topo angulado de uma lápide de granito. Ela viu que a saída estava livre, os zumbis agora agrupados na parede oeste.

Sua segunda jornada por cima das pedras foi um pouco mais controlada do que a primeira, cada salto bem pensado, ela não iria escorregar e se machucar seriamente. A chuva estava afinando e ela conseguiu ouvir os enlameados passos de seus lentos perseguidores; a não ser que algum deles se lembre como correr, estavam muito longe para alcançá-la.

Agora eu só devo rezar para que a porta não esteja trancada, ela pensou enjoada, pulando da última lápide. O portão estava aberto, mas a porta depois dele não; se estiver trancada, estaria

condenada.

Três gigantes passos de onde aterrissou e cruzou o portão, tocando a maçaneta da porta de metal da parede de pedras. Ela abriu sem problemas e preparou a faca, esperando que se houvessem infectados do outro lado, talvez as chances seriam melhores. Atrás dela, os canibais lamentaram a perda, gemendo alto assim que sumiu.

Era algum tipo de pátio, com pilhas de destroços espalhados, vigiados por uma baixa torre de segurança. Havia um caminhão tombado à esquerda, um pequeno foco de incêndio lá dentro. A noite estava caindo rapidamente, mas a lua também estava subindo, cheia ou quase, e assim que fechou a porta, pôde ver que não havia perigo imediato — nenhum zumbi apareceu. Haviam vários corpos espalhados, nenhum se mexendo, e ela cruzou os dedos mentalmente para que algum deles tivesse uma arma e munição —

Uma brilhante luz acendeu de repente, um holofote na torre de vigilância, a potência dela cegando-a instantaneamente — e ela desviou o olhar instintivamente, o ensurdecedor clicar de uma metralhadora começou a soar, balas mergulhando na lama aos seus pés. Cega e apavorada, Claire procurou cobertura, o pensamento de que estaria melhor trancada na cela passando em sua mente.

A batalha cessou por um tempo, os últimos tiros há talvez uma hora, mas Steve Burnside pensou em ficar mais um pouco onde estava, só por precaução. Além disso, ainda chovia um pouco, um amargo vento oceânico passando. A torre de vigilância era segura e seca, nenhum cadáver e nenhum zumbi, era capaz de ver qualquer um e teria muito tempo para reagir... com uma pequena ajuda da metralhadora montada na janela, claro, uma baita arma. Ele derrubou todos os zumbis do pátio sem uma gota de suor. Ele tinha um revólver também, uma 9mm semi-automática que tinha pego de

um guarda, que também era uma baita arma, mas nem tanto.

Fique aqui mais uma hora, caso não comesse a chover de novo, e ache uma saída dessa ilha.

Ele pensou em pegar um avião, ele já viu seu... já esteve numa cabine algumas vezes, mas achou que um barco seria melhor — não cairia se quebrasse o casco.

Steve encostou casualmente na janela de cimento, olhando para o pátio iluminado pela lua, imaginando se deveria procurar uma cozinha antes de dar o fora. Os guardas não passaram servindo almoço, eles estavam morrendo, e não pareciam estocar doces na torre, ele já tinha procurado. Steve estava faminto.

Talvez eu devesse ir para a Europa, pedir um prato internacional, eu posso ir para onde eu quiser agora, qualquer lugar mesmo. Não há nada me impedindo.

O pensamento devia tê-lo deixado empolgado, mas não, só o fez sentir-se ansioso e meio estranho, e voltou a pensar em sua fuga. O portão principal da prisão estava trancado, e pensou que se procurasse nos guardas acharia uma das chaves emblema. Ele tinha achado o carcereiro, Paul Steiner, mas suas chaves tinham sumido.

Tal como seu rosto, Steve pensou, não tão triste com isso. Steiner foi um completo idiota, desfilando por aí como se fosse o Rei Bosta da montanha do Cocô, sempre sorrindo quando outro prisioneiro era levado para a enfermaria. E ninguém jamais voltava de lá — a porta...

Steve congelou, olhando para a porta de metal na frente da torre. O cemitério ficava do outro lado, e sabia que estava cheio de zumbis, ele verificou logo depois de ter baleado os zumbis do pátio.

Jesus, eles sabem abrir portas? Eles eram vegetais vivos com

cérebro derretido, eles não deviam abrir portas, e se podiam fazer isso, do que mais seriam capazes — não entre em pânico. Você tem uma metralhadora, lembra?

Todos os outros prisioneiros estavam mortos. Se for uma pessoa, ele ou ela não seria seu amigo... e se não for humano, ele o tiraria de sua miséria. De qualquer modo, ele não hesitaria, e não ficaria com medo. Medo era coisa de maricas.

Steve segurou o holofote com sua mão direita, sua esquerda já no gatilho da metralhadora. Assim que a porta abriu, ele engoliu seco e ligou a luz, atirando assim que o alvo ficou evidente.

A arma cuspiu um feixe de balas, o punho chacoalhando sua mão, balas levantando pequenos espirros de lama. Ele reparou em algo vermelho, uma camisa talvez, e então seu alvo estava mergulhando para fora da linha de fogo, movendo-se rápido demais para ser um dos canibais. Ele ouviu algo sobre monstros que a Umbrella tinha criado, e com ou sem metralhadora, ele rezou para Deus que não encontrasse um deles.

Eu não estou com medo, não estou — Ele andou com ao holofote para a direita e continuou atirando, um repentino suor de ansiedade em sua sobrancelha. A pessoa ou a coisa estava atrás da parede perto da base da torre, fora de visão, mas se não conseguir matar a coisa, ao menos podia espantá-la. Lascas de cimento voavam sob o feixe de alta-intensidade iluminando as pernas de um guarda da prisão, lama, e destroços, mas sem acertar o alvo — e houve um movimento rápido como relâmpago atrás da parede, a visão de um pálido rosto voltado para cima — BAM! BAM! BAM! — e o holofote estilhaçou, pedaços quentes de vidro espirrando no chão da sala. Steve gritou involuntariamente enquanto se afastava da metralhadora, alguém estava atirando nele, e ele não se importava se era coisa de maricas, ele estava quase sujando as

calças.

“Não atire!”. Ele gritou, sua voz falhando. “Eu desisto!”.

Houve um silêncio mortal por alguns segundos, e então uma voz feminina surgiu da escuridão, baixa e de alguma forma espantada.

“Diga alguma coisa”.

Steve piscou incerto, confuso — e lembrou de respirar de novo, sentindo suas bochechas ficarem vermelhas enquanto o medo ia embora.

“Eu desisto” isso foi totalmente ruim. Nada bom para primeiras impressões.

“Eu estou descendo”. Ele disse, aliviado por sua voz não ter falhado desta vez, decidindo que uma pessoa fazendo uma piada depois de ter sido metralhada não devia ser tão má. Se ela for inimiga, ele tinha a 9mm... mas amiga ou não, não havia chance de ele pedir para ela não atirar de novo, isso o faria parecer pior.

E era uma garota... talvez bonitinha...

Ele fez o possível para ignorar esse pensamento, sem motivos para elevar suas esperanças. Por via das dúvidas, ela tinha noventa anos, careca e fumava... mas mesmo não sendo assim, mesmo sendo muito bonita, ele não aceitaria assumir a responsabilidade por uma vida que não seja a sua, que se dane. Ele estava livre agora. Ter alguém contando com ele seria tão ruim quanto depender dos alguém...

O pensamento era desconfortável, e ele o deixou de lado. De qualquer modo, a situação não era exatamente romântica, com monstros correndo por aí e morte em cada canto. Morte nojenta, do tipo com larvas e pus.

Steve desceu para o pátio, seus olhos ajustando-se ao pós-holofote para encontrá-la. Ela estava de pé no meio do pátio, armada... e quando ele se aproximou, fez de tudo para não encará-la.

Ela estava suja de lama e molhada, e era a moça mais bonita que já tinha visto, seu rosto como o de uma modelo, olhos grandes e bonitas e serenas expressões. Cabelo avermelhado e rabo de cabalo pingando. Três ou quatro centímetros mais baixa do que ele e talvez a mesma idade — ele faria dezoito em alguns meses e ela não devia ser mais velha. Ela vestia jeans, botas e um colete vermelho sem mangas por cima de uma apertada meia-camiseta preta, sua reta barriga de fora, o conjunto inteiro acentuando seu corpo atlético... e apesar de parecer cansada e desconfiada, seus olhos azuis acinzentados brilhavam forte.

Diga algo legal, seja maneiro...

Steve queria pedir desculpas por ter atirado nela, dizer quem ele era e o que tinha acontecido durante o ataque, dizer algo delicado e interessante — "Você não é um zumbi". Ele disse, xingando a si mesmo enquanto dizia. Brilhante.

"Não brinca". Ela disse pacificamente, e percebeu de repente que a arma dela estava apontada para ele, ela a mantinha baixa, mas estava definitivamente mirando. Até quando ele parou, ela recuou um passo e levantou a arma, observando ele atentamente, seu dedo no gatilho, o cano a centímetros de seu rosto. "E quem diabos é você?".

O garoto sorriu. Se ele estava nervoso, estava fazendo um ótimo trabalho para esconder. Claire não tirou de dedo do gatilho, mas já estava quase convencida de que ele não era uma ameaça. Ela tinha apagado a luz, mas ele poderia ter descido no pátio e a eliminado facilmente.

“Relaxa, gatinha,”. Ele disse, ainda sorrindo. “Meu nome é Steve Burnside, eu sou — eu era um prisioneiro aqui”.

“Gatinha?” Que ótimo. Nada a incomodava mais do que uma cantada. Por outro lado, ele certamente era mais jovem do que ela, o que significava que ele estava provavelmente tentando acentuar seu machismo, tentar ser mais homem do que garoto. Com sua experiência, havia poucas coisas mais detestáveis do que alguém tentando ser algo que não era.

Ele a olhou de cima para baixo, obviamente a analisando, e ela recuou outro passo, a arma estável; ela não arriscaria. A arma era uma M93R, uma 9mm italiana, um excelente revólver e aparentemente arma padrão para os guardas da prisão; Chris tinha uma delas. Ela a tinha achado depois de mergulhar no chão para se proteger, perto do cara morto de uniforme... e se ela atirar no jovem Sr. Burnside a essa distância, a maior parte de seu rosto bonito iria para o chão. Ele se parecia com um ator conhecido, o protagonista daquele filme sobre o navio que afunda; a semelhança era impressionante.

“E eu acho que você não é da Umbrella também”. Ele disse casualmente. “A propósito, me desculpe por atirar em você daquele jeito. Eu não achei que havia mais alguém vivo por aqui, e quando a porta abriu...”. Ele deu com os ombros.

“Mesmo assim”. Ele disse, levantando uma sobrancelha, obviamente tentando fazer chame. “Qual é o seu nome?”.

A Umbrella certamente não contratou esse garoto, ela tinha mais certeza disso a cada palavra que saia da boca dele. Ela abaixou a semi-automática vagarosamente, imaginando porque a Umbrella aprisionaria alguém tão jovem.

Eles quiseram te prender, lembra? E ela só tinha dezenove

anos.

“Claire. Claire Redfield,”. Ela disse. “eu fui trazida aqui como prisioneira ainda hoje”.

“Falando em tempo”. Steve disse, e ela teve que sorrir com aquilo; ela esteve pensando na mesma coisa.

“Claire, esse é um belo nome,”. Ele continuou, olhando nos olhos dela. “Eu não me esquecerei dele”.

Ai, Deus. Ela pensou se calava a boca dele agora ou depois — ela e Leon estavam bem chegados. — e decidiu que o calaria depois. Não havia dúvidas de que iria com ele para achar uma saída, e não queria ter que agüentar as cantadas dele ao longo do caminho.

“Bom, por mais que eu quisesse passear por aí, eu tenho que pegar um avião,”. Ele disse, suspirando melodramaticamente. “caso eu encontre um. Eu procuro você antes de decolar. Tome cuidado, esse lugar é perigoso”.

Ele foi para a porta ao lado da torre, no lado oposto da porta que ela tinha usado. “Te vejo depois”.

Ela estava surpresa e quase não achou sua voz a tempo. Ele era maluco, ou apenas burro? Ele já estava na porta antes dela falar, correndo atrás dele.

“Steve, espere! Nós devemos ficar juntos—”.

Ele virou e balançou a cabeça, suas expressões incrivelmente condescendentes. “Eu não quero que você me siga, tá? Sem ofensas, mas você só vai me atrasar”.

Ele sorriu triunfantemente, empenhando-se no contato visual o melhor podia. “E você definitivamente será uma distração. Olha, apenas fique de olhos e ouvidos bem abertos, você ficará bem”.

Ele cruzou a porta e sumiu antes que pudesse falar algo. Chocada e incomodada, ela observou a porta fechar, imaginando como ele tinha sobrevivido até agora. Sua atitude sugeria que ele considerava tudo isso como um grande jogo de video game, onde jamais poderia se machucar ou morrer. Parecia que machismo valia alguma coisa... a única coisa que garotos renegados tinham de sobra.

Isso e testosterona.

Se sua principal preocupação era aparentar ser um cara maneiro, ele não conseguiria ir muito longe. Ela tinha que ir atrás dele, ela não podia deixá-lo morrer —

Arrooooooooo...

O terrível, feroz e solitário som que apareceu de repente na calma noite, era igual a um que já tinha ouvido antes, em Raccoon City, e vinha de trás da porta que Steve tinha usado. Era inconfundível.

Um cachorro infectado pelo T-virus, de animal doméstico a assassino brutal.

Depois de uma rápida busca nos guardas mortos, ela achou mais dois clipes cheios e um pela metade. Despreparada como não deveria estar, Claire respirou fundo algumas vezes e empurrou a porta vagarosamente com o cano da 9mm, esperando que Steve Burnside tenha sorte até ela o achar... e que ao achá-lo, sua própria sorte não mude para pior.

Capítulo 3

Por mais terrível e dolorosa que seja a destruição em Rockfort, Alfred não podia negar que gostou de derrubar alguns de seus empregados a caminho da sala de controle principal do complexo. Ele não fazia idéia do quanto gratificante seria vê-los doentes e morrendo, pulando em cima dele com fome – os mesmos homens que zombavam dele pelas costas, que o chamavam de anormal, que fingiram amizade com os dedos cruzados – e agora mortos pelas suas mãos. Haviam escutas e câmeras escondidas espalhadas no complexo, instalados por seu próprio paranóico pai, um monitor escondido em suas casa; Alfred sempre soube que não gostavam dele, que os empregados da Umbrella o temiam, mas não o respeitavam como merecia.

E agora...

Agora não importava, ele pensou, sorrindo, saindo do elevador para ver John Barton no final do corredor, indo na direção dele com os braços estendidos. Barton era o responsável por treinar a milícia de armas leves da Umbrella, ao menos em Rockfort, e era um bárbaro vulgar – fanfarronando por aí com seu cigarro barato, tensionando seus músculos ridiculosamente inchados, sempre suando, sempre sorrindo. A pálida e ensangüentada criatura tropeçando em sua direção não tinha mais a mesma aparência, mas era o mesmo homem.

“Você não está sorrindo mais, Sr. Barton”. Alfred disse baixo, levantando seu rifle calibre .22, usando a mira para colocar um pequeno ponto vermelho sobre o olho esquerdo injetado de sangue do treinador. O babante Barton não percebeu – Bam! – certamente

teria apreciado a excelente mira e escolha de munição de Alfred. A .22 estava carregada com balas de segurança, balas projetadas para se expandirem com o impacto – designadas “seguras” por não atravessarem o alvo e ferir alguém. O tiro de Alfred estilhaçou o olho de Barton e certamente uma boa parte de seu cérebro, resultando em uma inofensiva morte. O grande homem caiu no chão, uma poça de sangue se espalhando em volta dele.

Algumas das BOWs não o atacaram, e estava aliviado por muitas delas estarem trancadas ou mortas devido ao ataque – ele certamente não andaria por aí caso houvessem algumas delas soltas – mas não achava os zumbis tão assustadores. Alfred tinha visto muitos homens – e mulheres também – virarem zumbis com o emprego do T-virus, experimentos que presenciou em sua infância e que ele mesmo conduziu como adulto. Nunca houve mais do que cinqüenta ou sessenta prisioneiros vivendo em Rockfort ao mesmo tempo; entre o Dr. Stoker, o anatomista e cientista que trabalhava na “enfermaria”, e a constante necessidade de alvos para treinamento e peças de reposição, nenhum prisioneiro do complexo apreciava a hospitalidade da Umbrella por mais de seis meses.

E onde estaremos daqui a seis meses, fico imaginando.

Alfred passou por cima do corpo de Barton, indo para a sala de controle para falar com seus contatos no quartel general da Umbrella. Será que a Umbrella escolherá reconstruir Rockfort?

Alfred concordaria? Alexia e ele estiveram perfeitamente a salvo do vírus durante seu período “quente”, ambas as passagens de sua casa para o resto do complexo bloqueadas pelo ataque, mas sabendo que o inimigo da Umbrella podia usar medidas extremas, será que Alfred aceitaria reconstruir o laboratório tão perto de sua casa? Os Ashford não temiam nada, mas também não eram inconseqüentes.

Alexia nunca concordaria em fechar o complexo, não agora, não estando tão perto de seu objetivo...

Alfred parou onde estava, olhando para os rádios e equipamentos de vídeo, para o monitor em branco do computador que o olhava com olhos mortos. Ele olhava, mas não via, um estranho vazio crescendo dentro dele, o confundindo. Onde estava Alexia? Qual objetivo?

Ela se foi.

Era verdade, ele podia sentir em seus ossos – mas como ela podia deixá-lo, como podia sabendo que ela era seu coração, que ele morreria sem ela?

A monstruosidade, gritando e cega, um fracasso e estava frio, tão frio, a formiga rainha nua, suspensa no mar e ele não podia tocá-la, só podia sentir o forte vidro sob seus carentes dedos.

Alfred respirou, o pesadelo imaginário tão real, tão horrível que não sabia onde estava, o que fazia.

Distantemente, ele sentiu suas mãos apertando algo, os músculos de seu braço tremendo – e houve um estouro de estática no console à sua frente, alto e quebradiço, e Alfred percebeu que alguém estava falando.

"... por favor, se alguém puder me ouvir – aqui é o Doutor Mario Tica, no laboratório do segundo pavimento,". A voz disse, falhando de medo. "Eu estou trancado, e todos os tanques quebraram, eles estão acordando – por favor, você tem que me ajudar, eu não estou infectado, eu estou de roupa, juro por Deus, você tem que me tirar daqui–".

Dr. Tica, trancado na sala dos tanques do embrião. Tica, que tem constantemente enviando relatórios particulares para a

Umbrella sobre o progresso do projeto Albinóide, relatórios secretos diferentes dos que mandava para Alfred. Alexia tinha sugerido mandá-lo para o Dr. Stoker há alguns meses... ela não ficaria feliz em ouvi-lo agora?

Alfred esticou o braço e desligou o apelo de Tica, sentindo-se muito melhor. Alexia o tinha alertado sobre esses sentimentos, os flashes de intensa solidão e confusão – estresse, ela insistiu, dizendo que ele não devia levá-los a sério, que ela nunca o abandonaria voluntariamente, ela o amava muito para fazer isso.

Pensando nela, pensando em todos os problemas e sofrimento que as defesas incompetentes da Umbrella tinham trazido, Alfred decidiu abruptamente que não faria a ligação. O quartel general certamente já ouviu falar do ataque, e estaria enviando uma equipe em breve; realmente, não havia necessidade de falar com eles... além disso, eles não mereciam ouvir suas observações da situação, não mereciam saber com antecedência dos perigos que encontrariam. Ele não era um empregado, não era um criado que precisava reportar aos seus superiores. Os Ashford tinham criado a Umbrella; eles é que deviam estar reportando para ele.

E eu falei com Jackson há apenas uma semana, sobre a Redfield – Alfred sentiu seus olhos arregalarem, sua mente trabalhando insanamente. Claire Redfield, irmã de Chris Redfield, ele, o intrometido do S.T.A.R.S., tinha chegado algumas horas antes do ataque. Ela foi pega em Paris, dentro do prédio administrativo do quartel general da Umbrella, alegando estar à procura de seu irmão – e eles a enviaram para Alfred, para mantê-la presa enquanto decidiam o que fazer com ela.

Mas... e se o plano foi para atrair o irmão dela, para acabar com sua rebeldia de uma vez por todas, um plano que eles convenientemente esqueceram de contá-lo? E se ela foi seguida até

Rockfort por Redfield e seus amigos, sua presença como um sinal para atacar...

... ou ela se deixou capturar de propósito?

Era como seu um quebra-cabeça estivesse sendo resolvido. Claro, claro que ela deixou. Garota esperta, ela fez sua parte muito bem. Se a Umbrella causou o ataque sabendo ou não, não importava mais, não agora, ele lidaria com eles depois; o que importava era que a Redfield ainda podia estar viva, roubando informações, espionando, talvez até, até planejando machucar sua Alexia – "Não". Ele suspirou, o medo imediatamente se transformando em fúria. Certamente esse foi o plano desde o começo, causar o máximo de estrago possível na Umbrella – e Alexia era indubitavelmente a mente mais brilhante trabalhando na pesquisa com armas biológicas, talvez a mais brilhante em todas as áreas.

Claire não faria isso. Ele a acharia... ou melhor, esperaria ela chegar até ele como certamente faria.

Ele podia observá-la, esperar como um caçador, ela como sua presa.

E por que matá-la de imediato, se você pode se divertir com ela antes? Era a voz de Alexia em seus pensamentos, lembrando de suas brincadeiras na infância, o prazer que dividiam em seus próprios experimentos, criando ambientes de dor, observando coisas sofrendo e morrendo. Isso tinha forjado seus laços com aço, compartilhando coisas tão íntimas...

... eu posso mantê-la viva, deixar Alexia brincar com ela, eu podia inventar um labirinto para ela, ver como ela lidaria com alguns de nossos bichinhos... havia muitas possibilidades. Com poucas exceções, Alfred podia destrancar a maioria das portas da

ilha por computador; ele podia conduzi-la facilmente para onde quiser, e matá-la com sua sensatez.

Claire Redfield o tinha subestimado, todos tinham, até agora... e se as coisas correrem do jeito que Alfred desejava, o dia terminaria mais feliz do que a triste discórdia que marcou seu início.

Se haviam cães infectados ali, estavam se escondendo. O pátio aberto que Claire entrou estava forrado de corpos, sua carne acinzentada sob a pálida luz da lua com exceção dos incontáveis espirros de sangue; nenhum cachorro, nada se movendo além das nuvens no céu. Claire parou por um momento, observando as sombras, analisando o ambiente antes de se afastar da porta.

“Steve”. Ela suspirou asperamente, com medo de gritar, com medo do que possa estar a espreita.

Infelizmente, Steve Burnside sumiu tal como o rosnado do cachorro; parece que ele disparou correndo.

Por que? Por que ele escolheria ficar sozinho? Talvez ela esteja errada, mas aquele papo de atrasar Steve não parecia sério. Quando ela desembarcou em Raccoon, encontrar com Leon fez toda a diferença; eles não ficaram juntos o tempo todo, mas só de saber que havia mais alguém por aí tão assustado como ela... ao invés de se sentir indefesa e isolada, ela foi capaz de formar um plano claramente, objetivos mais do que apenas sobrevivência – achar transporte para fora da cidade, procurar Chris, cuidar de Sherry Birkin.

E simplesmente pela segurança, ter alguém para vigiar sua retaguarda é muito melhor do que ir sozinho, sem dúvida.

Seja qual fosse o motivo dele, ela tentaria convencê-lo, caso o ache. Esse pátio era maior do que o outro, uma longa cabana térrea

à sua direita, uma parede sem portas à esquerda, talvez a parte de trás de um prédio maior. Havia um foco de incêndio baixo em uma das janelas quebradas da parede, e havia vários destroços entre os corpos, evidências de um forte ataque. Diretamente à sua direita havia um portão trancado e depois dele um caminho de terra e uma porta fechada... ou Steve entrou na cabana ou deu a volta em torno dela, seguindo o caminho até o fim e virando à direita.

Ela decidiu tentar a cabana primeiro... e enquanto subia os poucos degraus da varanda ao longo da cabana, ela pensou em quem teria atacado Rockfort, e porque. Rodrigo disse algo sobre uma equipe de forças especiais, e se fosse verdade, quem ordenou o ataque? Parecia que a Umbrella tinha seus inimigos, o que era uma boa notícia – mas o ataque à ilha não era. Prisioneiros morreram junto com seus empregados, e o T-virus – talvez o G-virus, também, e só Deus sabe quantos outros – sem diferenças entre os culpados e os inocentes.

Ela subiu na sacada, e segurando a 9mm, ela gentilmente empurrou a porta, seu percurso definido por dois contaminados que viu lá dentro, ambos cambaleando em volta da mesa. Um segundo depois, houve uma pancada na porta, um baixo e triste gemido saindo.

Então o caminho é... ela duvidava que o convencido do Steve teria deixado alguém de pé se tivesse entrado na cabana, e ela teria ouvido os tiros – a não ser que o pegaram primeiro.

Claire não gostou da idéia, mas a dura realidade era que ela não poderia gastar munição para descobrir. Ela contornaria a cabana para ver onde dava... e se não conseguir achá-lo, ela o deixaria por conta própria. Ela queria fazer a coisa certa, mas também estava muito certa de que queria salvar seu traseiro; ela tinha que voltar para Paris, para Chris e os outros, coisa que

certamente não conseguiria fazer se gastasse toda sua munição e acabasse virando o almoço de alguém.

Ela voltou pela varanda, todos os seus sentidos alertas enquanto se aproximava da quina da cabana. Ela não tinha se esquecido dos cães zumbi, e procurou o som de patas sob a lama, e pelo pesado arfar que lembrava através de sua experiência em Raccoon. A úmida e fria noite estava quieta, uma brisa correndo levemente pelo pátio, ouvindo apenas sua respiração.

Uma rápida olhada na esquina e nada, só a metade de um homem para fora de um buraco do porão, uns cinco metros adiante. Outros dez depois dele e o caminho virava à direita de novo, para o alívio de Claire – ela tinha visto o fim daquele caminho através do portão e estava vazio.

Então ele deve ter passado por aquela porta, a da parede oeste... também era um alívio saber de algo, ter certeza de algo em se tratando da Umbrella. Ela começou a andar, pensando sobre o que convenceria o jovem machão a ficar com ela. Talvez se o contasse sobre Raccoon, se explicasse que ela tinha prática com desastres da Umbrella...

Claire estava para pular o corpo do homem quando ele se mexeu.

Ela pulou para trás, sua semi apontada para a cabeça ensangüentada do homem, seu coração martelando – e ela percebeu que ele estava morto, que alguém ou algo o estava puxando pelas pernas para dentro do buraco, fortes e ritmados puxões – como um cachorro recuando com algo pesado na boca.

Ela não pensou em nada depois disso, instintivamente saltando sobre o corpo e correndo, ciente de que o cão – se é o que era – não se preocuparia para sempre. Perceber que esteve a menos de um

metro dele aumentou sua velocidade ao fazer a curva, suas botas socando a molhada e dura terra, seus braços remando. Zumbis eram lentos, desengonçados; os cães eram violentos e velozes. Mesmo armada, ela não tinha interesse em enfrentar um deles, uma única mordida e também seria infectada.

Arrrooooooo! O rosnado veio de longe, além do buraco de algum lugar na parte de trás do pátio.

Droga, quantos – Não importava, ela já estava quase lá, sua salvação à frente e à esquerda. Sem ousar olhar para trás, ela não diminuiu o passo até alcançar a porta, agarrar a maçaneta e empurrar. Ela abriu facilmente, e não vendo nada com dentes diretamente à frente, ela pulou e bateu a porta – só para ouvir vários lamentos de zumbis, para sentir o cheiro de podridão dos contaminados assim que algo bateu forte na porta atrás dela e começou a arranhar, rosnando como um monstro feroz.

Quantos cães, quantos zumbis? O pensamento cruzou mente em pânico, a necessidade de poupar munição profundamente gravada depois de Raccoon, e se eu estiver à beira de um beco sem saída? Ela quase voltou apesar do risco, até ver onde os zumbis estavam.

A passagem em que entrou estava pesada com sombras, mas podia ver vários infectados trancados num cercado à esquerda dela. Um deles estava batendo na porta gradeada, suas quase esqueléticas mãos com fitas de tecido penduradas, indiferente com a dor de seu corpo desintegrando.

Deve ser o canil...

Claire avançou alguns passos, olhando preocupada para a simples e frágil trava que mantinha a porta fechada – e viu os três zumbis livres enquanto o primeiro ia para cima dela, sua boca

pingando com saliva e outro líquido escuro, seus dedos sem carne esticando-se para tocá-la. Ela ficou tão distraída com os enjaulados que não percebeu haver mais deles.

Ela reflexivamente derrubou seu peso e chutou o peito da criatura, um sólido e efetivo chute lateral que o derrubou. Ela pode sentir sua bota afundar na carne deteriorada, mas não tinha tempo para sentir nojo, já levantando a 9mm – e com um metálico crash, a porta do canil escancarou, e subitamente estava enfrentando sete ao invés de três. Eles se amontoaram na direção dela, desviando desajeitadamente de um contêiner, de alguns barris e de seus amigos caídos.

Bam! Ela atirou no mais próximo sem pensar, um limpo buraco em sua têmpora direita, entendendo que estava ferrada enquanto ele caía no chão. Muitos e muito perto, ela nunca conseguiria – os barris! Um deles estava marcado como inflamável, o mesmo truque que usei em Paris – Claire mergulhou atrás do contêiner para se proteger, mudando a arma para sua mão esquerda enquanto aterrissava. O alvo marcado em sua mente, ela atirou, somente seu braço para fora enquanto os zumbis confusos procuravam, gemendo de fome – Bam! Bam! B – KA-BLAM!

O contêiner bateu em seu ombro direito, derrubando-a de costas. Ela se curvou como uma bola, seus ouvidos apitando enquanto entalhes de metal queimando choviam do alto, caindo em cima do contêiner, alguns deles caindo em sua perna esquerda. Ela os afastou, mal acreditando que tinha funcionado, que estava viva.

Ela sentou, agachando-se, olhando para o que tinha restado dos zumbis. Só um deles ainda estava inteiro, apoiado no canil, suas roupas e cabelo pegando fogo; a parte de cima de outro estava tentando se arrastar para ela, sua escura e borbulhante pele rasgando enquanto avançava.

Os outros estavam em pedaços, a terra em chamas clamando os restos patéticos como seu.

Claire rapidamente despachou os dois vivos, sua cabeça doendo um pouco com o fim triste que eles tiveram. Desde Raccoon City, seus sonhos foram assombrados por zumbis, por criaturas fedorentas que se alimentavam de carne viva. A Umbrella não teve intenção de criar esses monstros, como se fossem cadáveres vivos vindos diretamente dos filmes, e era matar ou morrer, não havia escolha.

Exceto por terem sido pessoas há pouco tempo. Pessoas com famílias e vidas, que não mereciam morrer de tal modo, não importava que males tinham cometido. Ela olhou para os pobres corpos queimados, sentindo-se quase enjoada de dó – e um baixo, mas insistente ódio pela Umbrella.

Claire balançou a cabeça e fez o possível para esquecer, ciente de que carregar essa dor poderia fazê-la hesitar em algum momento crucial. Como um soldado na guerra, ela não podia humanizar o inimigo... apesar de não saber ao certo quem o inimigo era, e desejou fervorosamente que os líderes da Umbrella queimassem no inferno pelo que tinham feito.

Sem querer ser surpreendida novamente, ela cuidadosamente verificou as sombras antes de dar o próximo passo. No fundo do canil estava uma guilhotina de verdade, manchada com o que parecia ser sangue de verdade. Olhar para o dispositivo a fez tremer, fazendo-a se lembrar do Chefe Irons e de seu calabouço secreto; Irons era a prova viva de que a Umbrella não fazia testes psicológicos antes de contratar seus empregados. Atrás do nojento aparelho de execução estava uma porta, mas Steve obviamente não tinha passado por ela, não com os zumbis trancados. Ao lado do canil havia uma porta metálica de enrolar, trancada... e ao lado

dela, a única porta que ele poderia ter usado, pois a passagem não continuava a partir dali.

Claire andou para a porta, sentindo-se cansada e velha de repente, suas emoções gastas. Ela checou a 9mm e tocou na maçaneta, imaginando se jamais veria seu irmão. Às vezes, apoiar-se na esperança tornava tudo mais difícil, tornava tudo mais pesado porque não conseguia deixá-la de lado, nem por um momento.

* * *

Steve pulou quando ouviu a explosão lá fora, olhando em volta no pequeno escritório como se esperasse as paredes caírem. Depois de algumas batidas de coração, ele relaxou. Desde o ataque, os focos de incêndio no presídio ocasionalmente atingiam algo combustível, um cilindro de oxigênio ou querosene, e bum, outra explosão.

Na verdade foi esse tipo de explosão que o manteve vivo – ele tinha sido nocauteado por um pedaço de parede quando um barril de óleo explodiu, os destroços cobrindo ele completamente, escondendo ele. Quando ele finalmente acordou, o espetáculo de zumbis tinha acabado, todos os guardas e prisioneiros mortos...

Péssima lembrança. Ele voltou sua atenção para a tela do computador, para o diretório de arquivos que encontrou ao acaso enquanto procurava por um mapa da ilha. Algum tonto escreveu a senha em uma nota e colocou no disco rígido, dando fácil acesso a algumas coisas obviamente secretas.

Pena que a maioria das coisas era besteira – orçamento do presídio, nomes e datas que não reconhecia, informações sobre

algum tipo de liga metálica antidetecção... essa até que era interessante, considerando o fato de ter precisado passar por dois detectores de metal para chegar ao escritório, nada que três ou quatro balas bem colocadas não dessem conta do recado. Isso também foi bom; ele achou uma das peças-chave do portão principal numa gaveta, o que definitivamente teria acionado o detector.

Tudo o que eu preciso é de um maldito mapa até o barco ou avião mais próximo e fim de papo. Ele também buscaria a garota depois de abrir caminho, bancar o cavaleiro de armadura brilhante... e ela certamente ficaria agradecida, talvez o bastante para querer – Um nome no diretório de arquivos chamou sua atenção. Steve franziu, olhando mais de perto.

Havia uma pasta intitulada Redfield, C... como em Claire Redfield? Ele a abriu, curioso, e ainda estava lendo, completamente absorvido quando ouviu um barulho atrás dele.

Ele pegou sua arma da mesa e girou, brigando consigo mentalmente por não ter prestado mais atenção – e lá estava Claire, a arma dela apontada para o chão, um leve olhar irritado no rosto dela.

“O que você está fazendo?”. Ela perguntou casualmente, como se não tivesse assustado ele. “E como você passou pelos zumbis lá fora?”.

“Eu corri”. Ele respondeu, incomodado com a pergunta. Ela achava que ele era indefeso ou o quê?

“E eu estou procurando por um mapa... ei, você tem algum parente chamado Christopher Redfield?”.

Claire franziu. “Chris é meu irmão. Por quê?”.

Irmãos. Então está explicado. Steve foi até o computador, vagamente imaginando se toda a família Redfield detonava. O irmão dela certamente detonava, ex-piloto da Força Aérea e membro do S.T.A.R.S., atirador de elite e um baita espinho na pele da Umbrella. Steve jamais diria isso em voz alta, mas estava bem impressionado.

“Você deve dizer para ele que a Umbrella o está vigiando”. Ele disse, recuando para que ela pudesse ver o que estava na tela. Aparentemente Chris estava em Paris, apesar da Umbrella não ter localizado seu paradeiro. Steve ficou grato por ter achado um arquivo que significasse algo para ela; um pouco de gratidão de uma garota bonita era sempre uma coisa boa.

Claire olhou a informação e apertou algumas teclas, olhando para ele com alívio. “Deus abençoe os satélites particulares. Eu posso falar com Leon, é meu amigo, ele já deve estar com Chris agora...”.

Ela já tinha começado a digitar, dando explicações enquanto movia as mãos sobre o teclado. “Tem um quadro de mensagens que sempre usamos... ali, viu? ‘Entre em contato assim que possível, todos estão aqui.’ Ele escreveu na noite em que fui pega”.

Steve deu com os ombros, sem interesse na vida dos amigos de Claire. “Volte um arquivo, a latitude e longitude dessa pedra estão lá”. Ele disse, sorrindo um pouco. “Porque você não dá as direções para o seu irmão, deixe-o vir pra salvar o dia?”.

Ele esperou outro olhar irritado, mas Claire apenas acenou, suas expressões mortalmente sérias.

“Boa idéia. Eu vou dizer que houve um vazamento nessas coordenadas. Eles saberão o que quero dizer”.

Ela era bonita, mas bem ingênua. “Foi uma piada”. Ele disse,

balançando a cabeça. Eles estavam no meio do nada.

Ela estava olhando para ele. “Muito engraçado. Eu vou contar pro Chris quando ele aparecer”.

Sem aviso, uma ardente raiva cresceu dentro dele, um tornado de irritação e desespero e um monte de coisas que mal podia entender. Mas o que ele sabia era que a Senhorita Claire estava errada, ela era burra, orgulhosa e equivocada.

“Você está brincando? Você acha que ele vai aparecer, do jeito que as coisas estão aqui? E olhe para as coordenadas!”. As palavras saíram mais quentes, rápidas e mais altas do que queria, mas não se importou. “Não seja tão idiota – acredite em mim, você não pode depender de pessoas como elas, você só vai se machucar no final, e não terá ninguém para culpar a não ser você”.

Agora ela estava olhando para ele como se tivesse perdido a cabeça, e sentiu uma esmagadora onda de vergonha, como se tivesse pirado sem motivo algum. Ele podia sentir lágrimas ameaçando cair, contribuindo para sua humilhação, e não iria chorar na frente dela como um bebê, de jeito nenhum. Antes que ela dissesse algo, ele virou e correu, ficando vermelho.

“Steve, espere!”.

Ele bateu a porta do escritório e continuou andando, querendo apenas sair dali, que se dane o mapa, eu tenho a chave, eu me viro, vou matar qualquer coisa que tentar me impedir – Depois dos detectores de metal e do longo corredor, de arma pronta, uma parte dele estava amargamente desapontada enquanto passava pelo canil, quase tropeçando pela segunda vez em molhadas e queimadas partes de corpos – não havia nada para matar, ninguém para contestar, para impedi-lo de pensar em seja lá o que estava pensando.

Ele cruzou a porta que dava atrás da cabana e começou a contorná-la, suando, seu coração pulando, seu cabelo grudando na pele apesar do ar frio – e ele estava tão concentrado em sua própria loucura e na necessidade de correr, que não ouviria nem veria nada até que fosse tarde demais.

Wham, algo acertou ele por trás, derrubando-o no chão. Steve imediatamente rolou de costas, um súbito terror mortal bloqueando tudo mais – e havia dois deles, dois dos cães de guarda, um deles fazendo a volta depois do salto, o outro rosnando profundamente, suas pernas duras e cabeça abaixada enquanto se aproximava devagar.

Jesus, olhe para eles – Eles eram rottweilers, eram; eles foram infectados, dava para perceber em seus olhos avermelhados e em seus focinhos pingando, em seus músculos estranhos flexionando sob sua melecada pele. E pela primeira vez desde o ataque, a imensidão da loucura da Umbrella – seus experimentos secretos e sua ridícula mentalidade capa e espada – atingiram seu lar. Steve gostava de cães, muito mais do que gostava de gente, e o que aconteceu com os dois pobres animais não era justo.

Nada justo, hora errada e lugar errado, eu não merecia nada disso, eu não fiz nada errado – Ele nem estava ciente de que o objeto de sua piedade tinha mudado, que estava admitindo a seriedade da situação, o quanto estava encrencado; ele não teve tempo para perceber. Passou menos de um segundo desde que rolou no chão, e os cães estavam se preparando para atacar.

Tudo acabou e outro segundo, o tempo que levou para atirar uma vez, girar e atirar de novo.

Ambos os animais morreram instantaneamente, o primeiro na cabeça, o segundo no peito. O segundo cachorro deu um único ip de dor ou medo ou surpresa antes de cair na lama, e o ódio de Steve

pela Umbrella se multiplicou exponencialmente com um som estrangulado, sua mente repetindo de novo e de novo, o quanto injusto tudo era enquanto ficava de pé e começava a correr.

Ele tinha a chave do portão principal; ele não seria mais um prisioneiro.

Hora de um pequeno troco, ele pensou com raiva, de repente esperando, rezando para cruzar com um deles, um dos desgraçados superiores idiotas que trabalhavam para a Umbrella. Talvez se ele os ouvisse implorar pela morte, poderia se sentir melhor.

Capítulo 4

Chris Redfield e Barry Burton estavam recarregando as armas na sala dos fundos do esconderijo em Paris, quietos e tensos, nenhum deles falando. Foram péssimos dez dias, sem saber o que aconteceu com Claire, sem saber se a Umbrella a tinha viva...

... pare, sua voz interna disse firmemente. Ela ainda está viva, tem que estar. Considerar a alternativa era impensável.

Ele vem dizendo isso há dez dias, e já estava cansado. Foi ruim o bastante saber que ela esteve em Raccoon City atrás dele. Leon Kennedy, o amigo policial dela, tinha escrito para eles sobre seu primeiro encontro. Ela sobreviveu a Raccoon só para ser seqüestrada por Trent a caminho da Europa, ela, Leon e os três renegados do S.T.A.R.S.; eles terminaram encarando outro grupo de monstros da Umbrella, em um complexo em Utah*(Nota 2)*. Chris não sabia nada disso, achava que ela estava a salvo estudando na universidade.

Ouvir que ela tinha se envolvido na luta contra a Umbrella era ruim – mas saber que a Umbrella a tinha capturado, que sua irmãzinha poderia estar morta... estava matando ele, consumindo-o por dentro. Era tudo o que podia fazer para não invadir o quartel general da Umbrella com metralhadoras exigindo respostas, mesmo sabendo que isso seria suicídio.

Barry enchia o cartucho enquanto Chris os pegava e embalava, o forte e familiar cheiro de pólvora no ar. Ele estava aliviado por seu amigo de longa data parecer entender sua necessidade de silêncio, o constante click-click do recarregador era o único som na sala.

Também era um alívio ter algo para fazer depois de uma semana parado e rezando, esperando que Trent entrasse em contato trazendo notícias, ou oferecendo ajuda. Chris nunca conheceu Trent, mas o estranho misterioso ajudou o S.T.A.R.S. algumas vezes no passado, trazendo informações internas sobre a Umbrella. Apesar de suas motivações serem desconhecidas, seu objetivo parecia claro o bastante – destruir a divisão secreta de armas biológicas da companhia.

Infelizmente, esperar por Trent era um tiro no escuro; ele sempre aparecia quando era conveniente para ele, e sem saber como encontrá-lo, a ajuda dele parecia cada vez mais distante.

Click-click. Click-click. O repetitivo som era tranqüilizante, um silencioso processo mecânico na quietude do esconderijo alugado. Todos tinham trabalhos específicos em sua busca pela destruição da Umbrella, tarefas que mudavam de dia para dia conforme a necessidade. Chris tem ajudado Barry com as armas na última semana, mas geralmente cuidava da vigilância do quartel general. Eles receberam uma mensagem de Jill algumas semanas atrás, ela estava a caminho de Paris, e Chris sabia que sua juventude mal gasta viria a cair bem para reconhecimento interno.

Leon veio a ser um hacker decente, ele estava no computador na sala ao lado; ele mal dormiu desde a captura de Claire, passando a maior parte do tempo tentando rastrear os movimentos recentes da Umbrella. E o trio de S.T.A.R.S., que veio com Claire e Leon para a Europa – Rebecca, do S.T.A.R.S. de Raccoon, e dois S.T.A.R.S. de Maine, David e John – estava atualmente em Londres, negociando com um vendedor de armas. Depois de tudo que passaram juntos, os três trabalhavam bem juntos.

Não há muitos de nós, mas temos as habilidades e a determinação. Já Claire...

Com seus pais falecidos, ele e Claire desenvolveram um relacionamento muito próximo, e achava que a conhecia bem; ela era esperta, durona e independente, sempre foi... mas também era apenas uma universitária. Diferente do resto deles, ela não tinha nenhum treinamento formal de combate. Ele não podia evitar pensar que ela teve sorte até agora, e em se tratando da Umbrella, sorte não era o suficiente.

"Chris, venha aqui!". Era Leon, e parecia urgente. Chris e Barry olharam um para o outro, Chris vendo sua própria preocupação espelhada no rosto de Barry, e ambos se levantaram. De coração na garganta, Chris seguiu na frente pelo corredor até onde Leon estava trabalhando, empolgado e com medo ao mesmo tempo.

O jovem policial estava de pé ao lado do computador, suas expressões ilegíveis.

"Ela está viva". Foi tudo o que Leon disse.

Chris nem tinha noção do quanto as coisas tinham sido ruins para ele até ouvir aquelas três palavras. Foi como se seu coração tivesse sido libertado depois de ter sido preso num torniquete por dez dias, a sensação de alívio físico como se fosse emocional, sua pele ganhando cor.

Viva, ela está viva – Barry bateu no ombro dele, rindo. "Claro que ela está, ela é uma Redfield".

Chris sorriu, voltando sua atenção para Leon – e sentiu seu sorriso sumir ao ver as cuidadosas expressões do policial. Havia algo mais.

Antes que ele perguntasse, Leon apontou para o monitor respirando fundo. "Eles a prenderam numa ilha, Chris... e houve um acidente".

Com um passo, Chris já estava sobre o computador, ele leu a breve mensagem duas vezes, a realidade dela difícil de engolir.

Infecção a aproximadamente 37S 12W seguido de ataque, motivo desconhecido. Nenhum cara mau sobrando, eu acho, encurralada no momento. Tome cuidado, eles sabem a cidade se não a rua. Tentarei voltar em breve.

Chris levantou, olhando silenciosamente para Leon enquanto Barry lia a mensagem. Leon sorriu, mas parecia forçado.

“Você não a viu em Raccoon”. Ele disse. “Ela sabe se virar sozinha, Chris. E ela conseguiu achar um computador, não foi?”.

Barry se estendeu, pegando o gancho de Leon. “Isso quer dizer que ela não está presa,”. Ele disse seriamente. “e se a Umbrella conseguiu outra contaminação, não iria se preocupar com outra coisa. O importante é que ela está viva”.

Chris acenou ausente, sua mente já pensando no que levaria para a viagem. As coordenadas a colocavam num ponto incrivelmente isolado, bem no Atlântico Sul, mas tinha uma dívida para acertar com um velho amigo da Força Aérea, ele podia levá-lo de avião até Buenos Aires, talvez até Capetown; ele podia alugar um barco lá, equipamento de sobrevivência, corda, kit médico, muita munição...

“Eu vou com você”. Barry disse, lendo suas expressões rigorosamente. Eles eram amigos há muito tempo.

“Eu também”. Leon disse.

Chris balançou a cabeça. “Não, de jeito nenhum”.

Ambos começaram a protestar e Chris ergueu a voz para se sobressair.

“Vocês viram o que ela disse sobre a Umbrella estar perto de mim, de nós”. Ele disse firmemente.

“Isso significa que nós devemos mudar, talvez para uma dos estados fora da cidade – alguém tem que ficar aqui, esperar Rebecca e os outros voltarem, e precisamos achar uma nova base de operações. E não se esqueçam da Jill, ela deve chegar em breve”.

Barry franziu, coçando a barba, sua boca apenas uma linha. “Eu não gosto da idéia. Ir sozinho é uma má idéia...”.

“Nós estamos numa fase crucial agora, e vocês sabem disso”. Chris disse. “Alguém tem que cuidar da casa, Barry, e você é o cara. Você tem a experiência e conhece todos os contatos”.

“Tá bom, mas ao menos vá com o garoto”. Barry disse, apontando para Leon. Leon não reclamou do título, melhorando a postura, ombros para trás e cabeça erguida.

“Se não for por você, faça por Claire”. Barry continuou. “O que acontecerá com ela se você for morto? Você precisa de um reforço, alguém para segurar a barra”.

Chris balançou a cabeça, imóvel. “Barry, você sabe que isso deve ser o mais discreto possível. A Umbrella já deve ter enviado uma equipe de reforço. Apenas um, entrar e sair antes que alguém perceba”.

Barry ainda franzia, mas não pressionou mais, nem Leon, apesar de Chris poder ver que estava tentando; o policial e Claire tinham obviamente ficado mais próximos.

“Eu vou trazê-la de volta”. Chris disse, suavizando o tom de voz olhando para Leon. Leon hesitou, mas depois acenou, suas bochechas corando, fazendo Chris imaginar o quanto realmente tinham se aproximado.

Mais tarde eu me preocupo com as intenções dele se voltarmos vivos – quando voltarmos vivos, ele se corrigiu rapidamente. “Se” não era uma opção.

“Está decidido”. Chris disse. “Leon, procure um bom mapa da área, geográfico, político, tudo, nunca se sabe o que pode ajudar. Responda a mensagem de Claire em caso de ela ter outra chance de ver mensagens – diga que estou a caminho. Barry, eu quero levar muita coisa, mas tem que ser leve, algo que eu possa escalar sem muitos problemas, uma Glock*(Nota 3)* talvez... você é o especialista, você decide”.

Ambos acenaram e viraram para começar, e Chris fechou os olhos por apenas um segundo, rapidamente fazendo uma oração em silêncio.

Por favor, por favor, fique a salvo até eu chegar aí, Claire.

Não foi muito – mas Chris sabia que teria muito tempo para rezar nas próximas longas horas.

A sala de monitores secreta estava atrás de uma parede de livros na residência particular dos Ashford. Depois de voltar para seu lar, atrás da mansão de recepção “oficial”, Alfred pendurou o rifle e imediatamente andou para a parede, tocando a lombada de três livros numa rápida sucessão. Ele sentiu uma centena de pares de olhos o observando nas sombras do hall de entrada. Apesar de ter se acostumado com a dispersa coleção de bonecas de Alexia, ele desejava que às vezes elas não o olhassem tão intensamente. Havia momentos em que ele desejava mais privacidade.

Enquanto a parede girava, ele ouviu o som dos morcegos escondidos e franziu, apertando os lábios. Parecia que o telhado foi danificado durante o ataque.

Sem problemas, sem problemas. Preocupações para outro dia.

Ele tinha negócios mais importantes que exigiam sua atenção. Alexia aparentemente se trancou em seus aposentos mais uma vez, o que era melhor; Alfred não a queria mais preocupada, e a notícia de um possível assassino em Rockfort certamente a deixaria. Ele entrou na sala secreta e fechou a parede atrás dele.

Havia setenta e cinco câmeras diferentes que ele podia escolher para observar em um dos dez monitores na pequena sala – mas a maioria dos equipamentos do complexo foram danificados ou destruídos, deixando ele com apenas trinta e uma ativas. Sabendo dos tolos objetivos de Claire, roubar informações e procurar Alexia, Alfred decidiu se concentrar na aproximação dela partindo do presídio. Ele não tinha dúvidas de que ela apareceria em breve; alguém como ela não tinha os bons modos de morrer no ataque ou depois... apesar de suas expectativas estarem crescendo junto com seu interesse no jogo, ele começou a se sentir ansioso com o fato dela já poder estar morta.

Aliviado, sua aposta inicial estava correta. Outro prisioneiro cruzou o portão principal do presídio, seguido logo depois pela Redfield. Impressionado com o progresso deles, Alfred observou enquanto Claire tentava alcançar o jovem rapaz, prisioneiro 267 de acordo com as costas do uniforme, e não tinha idéia de que estava sendo seguido.

Ao chegar no topo da escadaria depois da ponte, ele parou incerto entre o palácio de recepção e o complexo de treinamento, Alfred digitou 267 no teclado sob sua mão esquerda e achou um nome, Steve Burnside. Não era familiar para ele, e enquanto o garoto hesitava indeciso, Alfred voltou sua atenção para a outra detenta, curioso sobre a jovem mulher que seria sua adversária em breve.

Claire estava andando pela ponte danificada sobre o abismo um

momento ou dois atrás de Burnside, andando como uma atleta. Ela parecia bem auto-confiante, cuidadosa, mas sem se importar com o direito de cruzar a ponte... e também não olhava para a escuridão cheia de névoa logo abaixo, as grandes paredes do precipício estendendo-se dezenas de metros abaixo, e não hesitou. Na quente segurança de sua casa, Alfred sorriu, imaginando o delicioso medo dela... e foi pego lembrando da brincadeira que Alexia e ele fizeram com um guarda uma vez.

Eles tinham seis ou sete anos de idade, e Francois Celaux era o comandante do turno, um dos favoritos de seu pai. Ele era muito bajulador, um puxa-saco, mas só com Alexander Ashford. Pelas costas de seu pai, ele ousou rir de Alexia ao tropeçar durante a chuva, sujando seu novo vestido azul de lama. Tal ofensa não ficaria impune.

Ah, como nós planejamos, discutindo tarde da noite sobre uma punição cabível para seu imperdoável comportamento, nossas mentes infantis vivas e pensando em todas as possibilidades...

O plano final foi simples, e o executaram perfeitamente apenas dois dias depois, enquanto Francois trabalhava como guarda no portão principal. Alfred tinha implorado docemente ao cozinheiro para levar o café da manhã para Francois, uma cortesia para funcionários favorecidos... e a caminho da ponte, Alexia adicionou um ingrediente especial à amarga mistura, apenas umas gotas de uma substância paralisante que ela mesma tinha sintetizado. A droga paralisava a carne, mas permitia que o sistema nervoso continuasse funcionando, para que a vítima não pudesse se mover ou falar, mas sentir e entender o que estava acontecendo.

Alfred se aproximou dos portões bem devagar, tão devagar que o impaciente Francois foi ao seu encontro. Sorrindo, Alfred estava ciente de que Alexia tinha retornado para a mansão e estaria

olhando e ouvindo pelos monitores – Alfred estava usando um pequeno microfone – ele se aproximou do parapeito antes de oferecer a meia-xícara para Francois. Ambos os gêmeos observaram deliciados enquanto o guarda bebia. E em segundos, ele estava ofegando, se apoiando fortemente no parapeito da ponte. Para alguém olhando, parecia que ele e o garoto estavam olhando para o abismo... exceto por Alexia, claro, que mais tarde disse ter aplaudido sua performance de inocência.

Eu olhei para ele, para as congeladas expressões de medo em suas indelicadas feições, e expliquei o que tínhamos feito. E o que iríamos fazer.

Quando ele finalmente entendeu que estava indefeso contra uma criança, Francois conseguiu dar um leve grito apesar da mandíbula fechada. Durante uns cinco minutos, Alfred xingou alegremente Francois de cria dos porcos, caipira ignorante e espetou a coxa dele com uma agulha de costura incontáveis vezes.

Paralisado, Francois Celaux só conseguiu agüentar a dor e a humilhação, certamente arrependido de sua estúpida conduta contra Alexia enquanto sofria em silêncio. E quando Alfred se cansou da brincadeira, ele chutou os sujos calcanhares do guarda algumas vezes, descrevendo cada sentimento seu por Alexia enquanto Francois deslizava paralisado sob o parapeito e mergulhava para a morte.

E então eu gritei, fingindo chorar enquanto os outros corriam para a ponte, tentando desesperadamente consolar seu jovem patrão enquanto perguntavam um ao outro como tal coisa terrível podia ter acontecido. E mais tarde, bem mais tarde, Alexia foi até meu quarto e beijou minha bochecha, seus lábios quentes e suaves, seus cachos sedosos fazendo cócegas em meu pescoço – Os monitores afastaram sua atenção das doces lembranças, Claire parada no

mesmo ponto onde Burnside tinha hesitado. Bravo consigo mesmo pela falta de cuidado, Alfred passou um tempo procurando pelo jovem machão, passando de câmera em câmera até achá-lo nos degraus da mansão de recepção. Rapidamente, Alfred checou o painel de controle do console para ter certeza de que todas as portas da mansão estavam destrancadas, suspeitando de que o garoto conseguiria se virar bem sozinho – e cacarejou de prazer quando viu Claire escolhendo o mesmo caminho que seu companheiro.

O quanto esquisito será seu terror ao implorar por sua vida ajoelhada no sangue resfriado do Sr. Burnside...

Se ele quiser recebê-los propriamente, ele precisava partir agora mesmo. Alfred levantou e abriu a parede mais uma vez, sua empolgação crescendo enquanto a fechava e ia para o hall principal. Ele queria muito contar seus planos para Alexia antes de partir, compartilhar algumas de suas idéias, mas sabia que tempo era um fator – "Estarei observando, meu querido". Ela disse.

Assustado, Alfred olhou para cima e a viu no topo da escadaria, não muito longe da boneca gigante pendurada no teto, uma das favoritas de Alexia.

Ele ia perguntar como ela sabia, mas percebeu o quanto boba a pergunta era. Claro que ela sabia, ela conhecia seu coração; era o mesmo que batia entre seus seios cor de neve.

"Agora vá, Alfred". Ela disse, presenteando-o com seu sorriso. "Aproveite por nós dois".

"Irei, minha irmã". Ele disse, devolvendo o sorriso, mais uma vez agradecido por ser irmão de tal criação milagrosa, tinha sorte por ela entender suas necessidades e desejos.

Era como uma distorção bizarra da realidade, Claire concluiu, fechando as portas da mansão. Do desorganizado frio cheio de

morte do presídio até onde estava agora... era difícil de acreditar, mas não tinha escolha.

O grande, rebaixado e bonito saguão belamente projetado abria-se diante dela com somente algumas pegadas sujas no chão de lajotas, e alguns borrões de sangue numa das paredes cor de creme. Havia também algumas rachaduras perto do teto, e uma única marca escura de mão num dos pilares decorados da parede oeste, gotas de sangue escorridas na base da palma.

Então os prisioneiros não foram os únicos a terem uma péssima tarde. Era classista e insignificante para ela, mas a fez se sentir melhor saber que os superiores da Umbrellla também levaram um chute no traseiro.

Ela parou onde estava por um momento, aliviada por ter saído do frio, e ainda chocada com as diferentes faces do complexo de Rockfort. Atrás dos pilares à sua esquerda havia uma porta azul, e uma segunda porta no canto noroeste do saguão. Bem à frente havia uma mesa de recepção de mogno polido e um lance de escada que corria junto à parede da direita levando até o balcão superior decorado com um retrato estranhamente danificado. O rosto da pessoa pintada foi arranhada por algum motivo.

Claire desceu os degraus, agachou e passou o dedo numa das pegadas de lama; ainda fresca, e mais pegadas indo para a porta do canto. Ela não podia dizer se eram de Steve, mas havia boas chances. Ele deixou um rastro, o portão aberto do presídio e algumas balas fora da mansão, junto com dois cães mortos. Para um cara certamente perturbado, até que atirava bem...

... então porque estou passando por tantos problemas para ajudá-lo? Ela pensou mau humorada.

Ele não quer minha ajuda, não parecia querê-la, e não é que

não tenho nada melhor para fazer.

Quando ele partiu correndo, ela não o seguiu imediatamente, querendo receber uma mensagem de Leon o quanto antes; ela também se sentiu forçada a vasculhar o escritório em busca de um kit médico, algo para ajudar Rodrigo, mas não tinha achado nada útil – “Ajuda! Me ajudemmm!”. Um berro abafado, em algum lugar do prédio.

Steve?

“Me tirem daqui! Ei, alguém me ajude!”.

Claire já estava correndo armada para a porta do canto. Ela pulou na pesada porta de madeira, a porta abrindo em um longo corredor. Steve gritou de novo, o som vindo do fim do corredor. Claire hesitou tempo o suficiente para ver que os três corpos no chão não se levantariam mais e então correu, escolhendo a porta diretamente à frente.

“Socorro!”.

Deus, o que está acontecendo com ele? Ele estava em pânico, sua voz falhando.

Chegando no final do corredor, Claire empurrou a porta e varreu o local com o revólver – e não viu nada, uma sala com vitrines de vidro e sofás estofados. Um alarme estava tocando em algum lugar, mas não conseguia ver a origem.

Havia movimento à esquerda. Claire girou, desesperada pelo alvo – e viu que um filme estava sendo projetado numa tela na parede, silencioso e instável. Um casal de crianças loiras e bonitas, olhando intensamente um nos olhos do outra. O menino estava segurando algo, algo se movendo – uma libélula, e ele está – Claire desviou o olhar involuntariamente, enojada. O menino estava

arrancando as asas do inseto, sorrindo, ambos sorrindo.

“Steve!” . Por que ele não gritava mais, onde ele estava? Só podia ser a sala errada – “Claire? Claire, aqui dentro! Abra a porta!”.

A voz dele vinha de trás da tela de projeção. Claire correu pela sala, vasculhando a parede, sem notar que a criança no filme tinha colocado a libélula torturada num recipiente cheio de formigas e estavam observando o inseto ser devorado.

“Que porta, onde?”. Claire gritou, correndo suas ansiosas mãos pela parede, empurrando a vitrine de vidro, puxando a tela de projeção – e a tela retraiu, desaparecendo no suporte. Atrás estava um painel, um teclado e seis desenhos em duas fileiras de três, um botão sob cada um.

“Claire, faça alguma coisa, eu to derretendo aqui!”.

“O que eu faço, como você entrou aí? Steve!”.

Sem resposta, e pôde ouvir o desespero crescendo em sua voz, pôde senti-lo corroendo seu cérebro – concentre-se. Faça, agora.

Claire lutou contra o quase pânico, a clara voz de intelecto em sua mente. Se ela entrar em pânico, Steve morre.

Não há porta. Só um painel com pictogramas.

Isso, essa era a chave. Steve gritou outro apelo aterrorizado, mas Claire apenas olhou concentrada para os desenhos, cada um é diferente, um barco, uma formiga, um revólver, uma faca, um revólver, um avião – Não eram todos diferentes, havia dois revólveres, porém de diferentes modelos, os botões etiquetados como “C” e “E”. Nada mais combinava, e sua primeira impressão era de que se tratava de um daqueles testes de inteligência, em que dois tinham algo em comum. Sem questionar seu raciocínio, Claire

acionou os dois botões, acendendo os dois desenhos – e a sua direita, uma vitrine de vidro deslizou da parede. O alarme parou, e um sopro de calor seco foi expelido da abertura, envolvendo ela. Meio segundo depois, Steve cambaleou para fora e caiu de joelhos, seu rosto e braços vermelhos. Ele estava segurando um par de armas iguais, o que pareciam ser Lugers*(Nota 4)* douradas.

Acho que escolhi os desenhos certos.

Ela se curvou sobre ele, tentando se lembrar quais eram os efeitos do superaquecimento – enjôo e náusea, ela pensou. “Você está bem?”.

Steve levantou a cabeça para olhar para ela. Com suas bochechas vermelhas e leves expressões de vergonha, ele não parecia nada além de um garotinho que tomou sol demais. Então ele sorriu, e a ilusão foi perdida.

“Por que você demorou tanto?”. Ele disse, levantando sem ajuda.

Claire enrijeceu, fazendo cara feia. “De nada”.

O sorriso dele sumiu um pouco e abaixou a cabeça, tirando o cabelo da testa. “Desculpe... e me desculpe por antes, também. Obrigado, mesmo”.

Claire suspirou. Quando ela decidiu que ele era um total idiota, ele resolve sem gentil.

“E olha o que eu achei”. Ele disse, erguendo as duas armas e mirando numa das vitrines. “Elas estavam penduradas na parede lá dentro, completamente carregadas e tudo. Legais, né?”.

Ela teve que resistir a súbita vontade de agarrar os ombros dele e chacoalhar. Ele tinha coragem, ela tinha que reconhecer, e obviamente tinha algumas habilidades de sobrevivência... mas ele

não entende que teria morrido se ela não tivesse escutado seus gritos?

Este lugar deve estar cheio de armadilhas, também; o que eu faço para evitar que ele fuja de novo?

Ela o viu fingir atirar numa estante, imaginou vagamente se o lance machão era apenas um modo de lidar com o medo – e uma abordagem diferente lhe ocorreu, uma que tinha chances de funcionar.

Ele queria bancar o Sr. Cara Durão, que seja. Apele para seu ego.

“Steve, eu entendo que você não quer companhia, mas eu quero,”. Ela disse, fazendo o possível para parecer sincera. “eu... eu não ficar sozinha lá fora”.

Ela pôde ver seu peito estufar, e sentiu um grande alívio, sabendo que tinha funcionado bem antes que ele dissesse uma palavra. Ela também sentiu um pouco de culpa por estar manipulando ele, mas só um pouco; era por uma boa causa.

Além disso, não é exatamente uma mentira. Eu realmente não quero ficar sozinha lá fora.

“Eu acho que você pode vir comigo”. Ele disse expansivamente. “Digo, se você estiver com medo”.

Ela só sorriu, apertando os dentes, ciente de que se abrisse a boca para agradecer, não saberia o que sairia.

“E, além disso, eu sei como tirar a gente daqui”. Ele adicionou, sua pose desaparecendo, seu jovem entusiasmo voltando. “Tem um pequeno mapa debaixo da mesa da recepção. Segundo ele, existe uma doca a oeste daqui, e um aeroporto depois dela. O que significa que nós temos uma escolha, apesar das minhas habilidades de

pilotagem estarem um pouco duvidosas, eu escolho navegar. Nós podemos ir agora".

Talvez ela o tenha subestimado um pouco. "Sério? Ótimo, isso é...". Claire parou. Rodrigo, ela não podia se esquecer dele, nós podíamos carregá-lo até a doca...

"Você não quer voltar comigo para a prisão, primeiro?". Ela perguntou. "O cara que me tirou da cela está lá, ele está muito ferido–".

"Um dos prisioneiros?". Steve perguntou, animado.

Ô – ou. Ela podia mentir, mas Steve acabaria descobrindo. "Hum, eu acho que não... mas ele me deixou sair, e eu devo uma a ele–".

Steve estava franzindo, e ela completou rapidamente. "– e essa parece a coisa, eh, honrável a se fazer, ao menos levar um kit médico, num é?".

Ele não estava caindo nessa. "Esquece, se ele não é um prisioneiro, então trabalha para a Umbrella, ele não merece. Além disso, eles vão enviar tropas em breve; é problema deles, deixem-os cuidarem disso. Então, você vem ou não?".

Claire olhou para ele quadrada, vendo raiva e dor em seus olhos escuros, certamente causados pela Umbrella. Ela não podia culpá-lo pelo que sentia, mas não concordava com ele, não no caso de Rodrigo. E ela não tinha dúvidas de que Rodrigo morreria antes da Umbrella aparecer.

"Eu acho que não". Ela disse.

Steve virou, deu alguns passos na direção da porta e parou, suspirando fundo. Ele virou para ela claramente exasperado. "De jeito algum vou arriscar meu pescoço para ajudar um empregado da

Umbrella, e sem ofensas, mas eu acho que você é totalmente maluca querendo... mas eu vou te esperar, está bem? Dê um band-aid para ele ou qualquer coisa e me encontre na doca".

Surpresa, Claire acenou, menos do que ela desejava, porém mais do que ela esperava, principalmente depois de seu esquisito discurso pessoas-vão-te-desapontar – ah!

Pela primeira vez, ela pensou no motivo porque Steve disse todas aquelas coisas, porque estava negando o trauma do que tinha acontecido, do que estava acontecendo. Ele estava lá sozinho, afinal... como não abandonar o problema?

Claire sorriu gentilmente para ele, lembrando do quanto se sentiu irritada quando seu pai morreu quando era pequena. Ser afastado da família não devia ser muito melhor. "Vai ser bom voltar pra casa". Ela disse suavemente. "Aposto como seus pais ficarão felizes–".

A desprezível interrupção de Steve foi imediata e extrema. "Olha, vá para a doca se quiser, pois eu não vou esperar o dia inteiro, entendeu?".

Espantada, Claire acenou calada, mas Steve já estava saindo da sala. Ela desejou não ter dito nada, mas era tarde demais... mas ao menos ela sabia o que não dizer. Coitado, ele deve sentir muito a falta dos pais. Ela vai ter que ser um pouco mais compreensiva.

Com uma última olhada na pequena sala, Claire foi para a porta, imaginando o que fazer com Rodrigo. Steve estava certo, a Umbrella já deve ter uma equipe a caminho, eles cuidariam dele, mas ela queria estabilizá-lo antes de partir. Ela tinha que achar aquele anticoagulante; ela não sabia muito sobre primeiros socorros, mas ele parecia achar que funcionaria. Ela abriu as duas portas restantes no corredor a caminho do saguão, parando

brevemente na primeira para ver alguns retratos pintados, algum tipo de galeria histórica de uma família chamada Ashford. Havia uma urna quebrada no canto, nada interessante. Na outra porta havia uma sala de conferência, apenas alguns papéis espalhados e silêncio.

Claire voltou para o saguão principal, decidindo olhar o andar de cima antes de voltar por onde veio; escada acima depois da ponte que levava à prisão – e ela não queria cruzar aquele pesadelo rangente de novo – ela ignorou uma porta a fim de seguir o rastro de Steve...

Uma pequena luz vermelha no chão chamou sua atenção, como um daqueles indicadores laser, sua professora de geometria usava uma. O ponto vermelho andou em sua direção e Claire olhou para cima, acompanhando o feixe fino até – Gah! Ela procurou cobertura assim que o primeiro tiro acertou uma lajota a centímetros de onde ela estava, estilhaços de cerâmica voando. Ela se jogou atrás de um dos pilares decorados quando o segundo tiro trovoou no saguão quebrando mais lajotas do piso.

Ela ficou de pé, tentando ficar o mais espremida possível, imaginando se realmente viu o que achava ter visto – um magro homem loiro usando um rifle com mira laser, vestindo o que parecia uma jaqueta de clube de iatismo, vermelha, completa com echarpe bufante e tranças douradas.

Como se fosse a idéia de uma criança sobre o que uma nobre autoridade deveria usar.

“Meu nome é Alfred Ashford”, uma irritante e esnobe voz soou. “Eu sou o comandante desta base – e eu exijo que você me diga para quem está trabalhando!”.

O quê? Claire desejou ter algo brilhante para dizer, alguma

resposta rápida, mas não conseguiu achar nada melhor.

“O quê?”. Ela perguntou bem alto.

“Ah, não há porque fingir ignorância”. Ele continuou, sua voz zombante mudando de lugar, como se descesse a escada. “Srta. Claire Redfield. Eu sei o que você tem planejado. Eu sabia desde o começo – mas você não está lidando com qualquer um, Claire. Não quando lida com um Ashford”.

Ele riu, uma alta e afeminada risada, e na hora Claire decidiu que ele era pirado, ela estava conversando com um maluco.

Isso aí, faça ele falar, você não quer perder a localização dele. Ela podia ver a luz vermelha tremendo na parede atrás dela enquanto ele tentava manter o pilar na mira.

“Tá bom, eh, Alfred. O que eu estou planejando?”. Ela verificou sua 9mm para ter certeza de que tinha uma bala engatilhada, o mais quieta possível.

Foi como se ela não tivesse dito nada. “Nosso legado de profunda supremacia e inovação está além da contestação”. Alfred disse arrogantemente. “Nós podemos traçar nossa hereditariedade até a realeza européia, minha irmã e eu, e algumas das maiores mentes da história. E eu não acredito que os seus superiores não te contaram isso, não é?”.

Meus superiores? “Eu não faço idéia do que você está falando”. Claire gritou, observando o ponto vermelho, decidindo que podia dar uma espiada do outro lado do pilar, talvez dar um tiro antes que ele a visse. Quanto mais Alfred falava, mais ela sentia que conhecê-lo cara a cara seria uma má idéia. Pessoas mentalmente perigosas eram imprevisíveis.

Ele tinha mencionado uma irmã... as crianças no filme da

libélula? Ela não tinha provas, mas seus instintos gritavam um grande sim. Parecia que ele não tinha mudado muito. De criança perturbada para perturbado.

“Claro, se você quiser se render,”. Alfred falou, “eu posso poupar a sua vida. Desde que você confesse traição a seus superiores–”.

Agora!

Claire levou a mão em volta do pilar, armada – e bam, madeira e gesso explodiram perto do rosto dela, o tiro estilhaçando o reboco do pilar enquanto ela recuava. Ela jogou todo seu peso contra o pilar, sua respiração rápida e seca. Se ele tivesse sido um fio de cabelo mais preciso...

“Você é uma coelhinha veloz,”. Alfred disse, sua surpresa inconfundível. “ou devo dizer uma rata?

É isso que você é, Claire, uma rata. Apenas uma rata enjaulada”.

Novamente, aquela risada insana e forçada... mas desta vez não estava avançando, e sim acompanhando ele escada acima. Passos, e então uma porta fechou, e ele sumiu.

Isso não completa bem as coisas? O que seria um desastre biológico sem um doido ou dois? Era quase engraçado, se ela não estivesse tão assustada. Alfred era um maluco.

Claire esperou um momento para ter certeza de que ele tinha ido embora, e então respirou fundo, aliviada, mas não relaxada. Ela não iria, não podia relaxar até estar bem longe de Rockfort, deixando a Umbrella, os monstros e a insanidade para trás.

Deus, ela estava cansada dessa encrenca. Ela cursava o segundo ano de faculdade, ela gostava de motos e de dançar, e de um bom

leite quente em um dia chuvoso. Ela queria Chris, e queria ir pra casa... e sendo que nenhum dos dois parecia provável no momento, ela decidiu que cederia a um bom e sólido ataque nervoso, completo com gritos histéricos e socos no chão.

Era quase tentador, mas isso teria que esperar, também. Ela respirou fundo. Alfred tinha subido as escadas, e Claire achou melhor verificar a outra porta que deixou passar depois da ponte, ver se conseguia achar algo lá para Rodrigo.

Pelo menos as coisas não vão ficar piores, ela pensou triste, sentindo um estranho senso de déjà vu enquanto abria a porta principal. Parecia Raccoon... mas aquilo foi muito pior, pior que um desastre isolado como esse.

Bem diferente.

Claire não tinha como saber o que iria encontrar pela frente, as coisas nem tinham começado a piorar.

Capítulo 5

A suposta doca não era exatamente uma doca, para o desgosto de Steve, e não havia um barco à vista. Ele estava esperando um longo cais com passarelas de madeira e gaivotas, e meia dúzia de barcos para escolher, cada um com uma despensa cheia de comida e camas macias. Ao invés disso, ele achou uma pequena área à beira de uma lagoa acinzentada, isolada do oceano por um paredão de pedras que não conseguia enxergar na escuridão. Havia uma plataforma pequena com um timão de navio na ponta, provavelmente algum monumento idiota em homenagem ao oceano, ou qualquer coisa, uma mesa bagunçada, um mofado colete salva-vidas pendurado no canto, uma vez brilhante laranja agora um tom mostarda manchado. Nada maior que uma canoa jamais ancoraria naquela doca; resumindo, uma droga.

Ótimo. Então como todo mundo fugiu da ilha, nadando?

Agora ele tinha que achar outra rota de fuga, e disse que encontraria Claire aqui. Ele não podia apenas partir, mas também não queria ficar esperando.

Ele ainda podia abandonar ela.

Steve fez cara feia, chutando o maquinário enferrujado. Talvez ela fosse um pouco tagarela, um pouco ingênua... mas ela tinha salvado sua vida, e ela querer ajudar um cara da Umbrella só porque ele a tinha libertado – isso era... era bom, era uma coisa boa. Deixá-la para trás era errado.

Incerto sobre o que fazer em seguida, ele andou para o timão e o girou, surpreso com o quanto suave ele girava, considerando o

quanto ruim o resto da “doca” era – e com um baixo ruído mecânico, a plataforma abaixo dos pés dele se afastou abruptamente da parte pavimentada e deslizou sobre a água, enquanto bolhas gigantes começavam a estourar na superfície da água na frente dele.

Deus! Steve segurou o timão com uma mão, apontando uma das Lugers douradas para as bolhas.

Se for uma das criaturas da Umbrella, levaria chumbo – e um pequeno submarino emergiu da água como um peixe escuro de metal, a escotilha abrindo convenientemente na frente dele. Uma escada de metal descia para o submarino aparentemente vazio. Diferente do resto do local, o pequeno submarino parecia forte e bem cuidado.

Steve olhou para ele. Que droga é essa? Parecia uma atração temática de um parque de diversões, tão estranho que não sabia o que pensar.

Seria mais estranho do que tudo o que eu vi hoje?

Observação feita. O mapa da mansão era vago, apenas algumas setas e as palavras doca e aeroporto... e aparentemente você deve passear de submarino para chegar lá. A Umbrella era uma companhia estranha.

Ele pisou na primeira barra da escada e hesitou, sua pele ainda vermelha por causa do último desconhecido que enfrentou. Ele não preferia se afogar ao invés de cozinhar.

Ah, dane-se, só descobrirá tentando.

Novamente, observação feita. Steve desceu a escada e quando saiu dela, acionou uma placa sensível no piso. Acima dele, a escotilha fechou. Ele rapidamente pisou na placa de novo e a

escotilha abriu. Ao menos era bom saber que não sufocaria.

O interior do submarino era bem simples, tão grande quanto um banheiro grande, com uma escada tipo marinheiro no meio. Havia um pequeno banco na lateral, nada atrás e uma mesa de controle na frente.

“Vamos ver o que temos aqui”. Steve murmurou, indo para os controles. Eles eram riduculosamente simples, uma única alavanca de dois níveis – a alavanca estava para cima, marcando “principal”. A parte de baixo estava marcada “transporte”, e Steve sorriu, impressionado por ser tão fácil. Isso é que é “fácil de usar”.

Ele pisou na placa sensível de novo para fechar a escotilha, imaginando se Claire ficaria impressionada com sua descoberta enquanto abaixava a alavanca. Ele ouviu um suave barulho metálico e o submarino começou a se mexer, descendo. Havia uma única janela, mas estava escuro demais para ver algo além de bolhas subindo.

O passeio anticlimático estava acabado em dez segundos. O submarino parecia estar parando e ele ouviu um barulho agudo e metálico vindo da escotilha, como se estivesse raspando em algo – certamente não era um barulho do ambiente aquático.

Yeesh. Era como aqueles aquários em que você anda num túnel vendo os peixes. Ele nunca gostou dessas coisas, achando fácil demais o vidro quebrar enquanto um tubarão estiver passeando pelo local... ou algo pior.

Suficiente. Steve saiu no corredor e andou, fazendo duas curvas, olhando deliberadamente para frente. Foi a primeira vez desde o ataque à ilha que se sentiu tenso de verdade. Nem tanto claustrofobia como medo primário, como algo surgindo na água escura vindo na direção do vidro, um animal ou outra coisa – uma

mão pálida, talvez, ou um rosto branco morto pressionado contra o vidro, sorrindo para ele – Ele não podia fazer nada. Ele saiu em disparada, e quando chegou na porta que aparentemente o tirava daquele ambiente, chamou a si mesmo de marica, mas estava vastamente aliviado.

Ele abriu a porta – e viu dois, três... quatro zumbis ao todo, e todos eles bem animados com sua presença. Cada um deles virou e começou a mancar até ele, os farrapos de suas roupas – uniformes da Umbrella sem dúvida – pendurados em seus braços esticados. Havia um cheiro de peixe morto.

"Unnnh". Um deles gemeu, e os outros o acompanharam, os gemidos suaves de certo modo, meio tristes e perdidos. Considerando o que a Umbrella o tinha feito passar, ele não sentia compaixão.

Nem um pouco.

A sala era dividida ao meio por uma parede, os três zumbis da esquerda incapazes de ver o solitário da direita... ou talvez podiam, ele pensou, olhando melhor. Cada um dos três tinham olhos que pareciam brilhar um estranho vermelho escuro. Eles o lembraram de um filme que viu uma vez, sobre um homem com uma super visão raios-X, que via todo tipo de coisa.

Acho que nunca veremos o que eles vêem. Steve mirou no mais próximo, fechou os olhos e bam, um limpo buraco aparecendo em sua testa cinza-esverdeada como mágica. Os olhos vermelhos da criatura pareciam apagar enquanto caia de joelhos, depois de cara no chão, sploosh. Grosseiro.

Os companheiros do zumbi nem perceberam e continuaram vindo. O avanço do solitário foi interrompido por uma mesa; ele continuou andando assim mesmo, aparentemente sem saber que

não iria a parte alguma.

Steve derrubou o próximo igual ao primeiro, com um único tiro, mas por algum motivo não sentiu nada de mais com isso. Atirar neles daquele jeito não o incomodava quando estava na prisão – depois pareceu bom e até poderoso; ele ficou preso lá o bastante para deixá-lo de saco cheio, e ter algum controle de novo parecia com o natal, como um ótimo e grande presente de natal que aguardou o ano inteiro, como ele costumava esperar...

Cale a boca. Steve não queria pensar nisso, era besteira. Ele não sentia mais vontade de bater palmas toda vez que derrubava um deles, e daí? Isso só queria dizer que ele estava ficando entediado.

Ele apressadamente atirou nos últimos dois, os tiros parecendo mais altos do que antes, praticamente ensurdecedores. Uma rápida vasculhada por algo útil – se clips de papel e xícaras sujas de café fosse úteis, ele estaria bem – e já estava pronto para seguir em frente. Havia duas portas na parede de trás, uma de cada lado da sala; ele escolheu a da esquerda. Ele leu uma vez que dada uma escolha, a maioria das pessoas escolhia a direita.

Depois de verificar a munição, ele passou por um grande aquário que dominava a parede esquerda da sala e cuidadosamente abriu a porta, captando o máximo que podia com uma única olhada.

Escuro, cavernoso, cheira água salgada e óleo, nenhum movimento. Ele cruzou a porta, varrendo o local com a Luger – e gargalhou, uma corrente de pura alegria lavando seu sistema enquanto sua risada ecoava de volta para ele. Era um hangar aquático, e havia um baita avião aquático bem na sua frente. Grande para ele, pois só tinha pilotado um daqueles jatos particulares.

Profundamente agradecido, Steve andou até o avião, parado logo abaixo da plataforma gradeada sob seus pés. Ele era um piloto inexperiente, mas achava que sabia o suficiente para não cair.

Primeiro as prioridades, entrar no avião e checar o combustível, condições gerais, aprender os controles...

Ele parou na beira da plataforma e olhou para baixo, franzindo. Ele estava a pelo menos três metros acima da escotilha, e parecia estar bem trancada.

Havia um maquinário à sua esquerda, alguns painéis acesos. Steve andou e olhou para eles, sorrindo ao ver o controle para ligar a plataforma de acesso. O sistema também devia abrir a porta do avião, de acordo com o pequeno diagrama.

“Presto”. Ele disse, apertando o botão. Um alto som mecânico soou no gigante hangar, fazendo ele recuar, mas parou depois de alguns segundos, assim que a plataforma para dois subiu até a beira da plataforma.

Ele pisou na plataforma, estudou o painel de controle – e começou a xingar, cada palavra ruim que podia lembrar, duas vezes. Ao lado dos três espaços em forma de hexágono estava escrito “insira as peças aqui”. Sem as peças, sem energia.

Elas podiam estar em qualquer lugar da maldita ilha! E quais as chances das três estarem juntas?

Ele respirou fundo, se acalmou um pouco, e passou os minutos seguintes tentando entender como os controles do avião estavam conectados com o resto do sistema, procurando um jeito de evitar as peças. E depois de um cuidadoso e pensativo debate, ele começou a xingar de novo. Quando finalmente cansou disso, rendeu-se ao inevitável.

Steve virou e começou a vasculhar a área, olhando em cada rachadura, formulando teorias sobre o paradeiro das peças hexagonais enquanto corria as mãos sobre os maquinários sujos de poeira e graxa – e decidiu que iria dançar sobre todos os ossos do próximo funcionário da Umbrella que matar, só por ter trabalhado num lugar tão complicado. Chaves, emblemas, peças e submarinos; incrível como conseguiam fazer alguma tarefa.

O contaminado estava usando um avental de laboratório e sua mandíbula estava perdida por aí; ele gargarejava e cuspia horrivelmente, sua língua batendo fracamente contra o pescoço. Claire não sabia se era homem ou mulher, apesar de achar isso desnecessário. Por mais patético e revoltante que era a visão, ela o tirou de sua miséria com um único tiro na têmpora, e depois vasculhou a área – escritório/inventário – antes de voltar para o corredor, desencorajada com sua falta de sucesso. A porta que abriu depois de sair da mansão, dava num grande pátio de terra e totalmente utilitário – mais parecido com o presídio do que com a mansão, apesar de não saber do que o local se tratava depois de ter vasculhado algumas salas; algum tipo de local de teste, talvez, ou um campo de treinamento para guardas e soldados.

Talvez um prédio construído para acabar com as esperanças, ela pensou, olhando para a porta de entrada. Ela tinha entrado há uns dez minutos, esperando que Rodrigo não estivesse morto, que Steve tivesse achado um barco, que o Sr. Psicopata Ashford e sua irmã não estivessem planejando explodir a ilha – e em apenas dez minutos todas essas esperanças dançaram. Tudo o que ela realmente queria era um frasco de remédio, porque assim estaria a um passo de partir.

Ela tinha tentado o andar de cima primeiro, tendo um pequena e empolgante aventura que levou alguns anos de sua vida. Tudo o

que achou lá em cima foi um pequeno e trancado laboratório com um monte de vidro quebrado no chão, do que parecia ser um dos tanques de contenção. Ela viu tudo isso através de uma janela de observação, e estava para partir quando um pobre cara ensangüentado vestindo uma roupa especial se jogou na janela. Foi seu último ato; a roupa não tinha ajudado muito, sua cabeça praticamente explodiu, manchando o interior do capacete com sangue. Isso não fez muito bem para o coração dela, quase a matando de susto, e para acabar com a experiência do andar de cima, uma porta de emergência deve ter sido acionada pelo cara e ela praticamente teve que rolar as escadas para não ficar presa.

Whee.

Ela já matou nove zumbis até agora, três deles com aventais de laboratório, e nenhum algodão sequer. Nada no vestiário – e ela procurou em praticamente cada dos armários, revirando cuecas e pornografia – nada na pequena e estranha sala de banho, nadica de nada.

Ela tinha pensado que uma companhia farmacêutica deveria ter alguns remédios em algum lugar, mas isso parecia improvável no momento.

Claire voltou para o corredor que levava a outro pátio. Ela esperava achar algo para Rodrigo sem ter que deixar o prédio, mas não tinha jeito.

Se eu me perder, é só seguir a trilha de corpos, ela pensou, andando rapidamente pelo corredor.

Não era engraçado, mas ela não se sentia politicamente correta no momento. Ela estava ficando sem munição, também, o que a fez menos inclinada a ter uma mente positiva.

Ela saiu do relativo calor do corredor para o pátio enevoado, o

cheiro do oceano permeando na fria e cinza noite. Um pequeno foco de incêndio ardia contra uma parede. O complexo de Rockfort inteiro era estranho, ela pensou, uma mistura de novo e velho. Não eficiente, mas interessante; o pequeno pátio era pavimentado com pedras, definitivamente não era recente – Claire congelou. O fino feixe vermelho de uma mira laser fatiou a neblina mais adiante, vindo de cima na direção dela. Era uma sacada acima dela, a escada de acesso contra a parede leste.

Escada, se esconda!

Foi tudo o que ela teve tempo de pensar antes que o ponto vermelho passasse pelo seu peito. Ela se atirou dali assim que o primeiro tiro cortou o ar, enterrando-se numa fonte miniatura de estilhaços de pedra.

Ela rolou e ficou de pé e correu para a escada, o feixe vermelho balançando para lá e para cá, tentando achá-la. Bam, um segundo tiro, não acertou, mas passou perto o bastante para ouvi-lo cortando o ar, um som como o de uma mosca. Ela reparou no atirador antes de se esconder atrás da balaustrada de pedra da escada, não surpresa ao ver o cabelo loiro e o casaco vermelho com detalhes dourados.

Ela estava mais brava do que assustada. Depois de tudo o que passou não aprendeu a ser mais cuidadosa – e quase foi morta por um maluco elitista esquisito como ele.

Isso acaba agora. Claire levantou a arma acima da mureta de pedra e atirou duas vezes na direção de Alfred. Ela foi imediatamente recompensada com um grito de surpresa. Não é tão bom quando os animais retornam fogo, não é?

Pronta para aumentar a surpresa dele, Claire subiu três degraus e arriscou olhar para por cima da mureta – só para vê-lo cruzar a

porta da parede oeste.

Ela subiu a escada e correu atrás dele, passando pela porta e descendo o corredor iluminado pela lua, dutos de luz fria gentilmente perfurando as sombras. Não era uma decisão consciente persegui-lo, ela apenas o seguiu, não querendo cair em mais uma de suas emboscadas. Ela podia ver o que parecia ser uma máquina de refrigerante no fim do corredor, ainda podia ouvir seus passos correndo – e ouviu uma porta bater antes de alcançar o final do corredor, uma pequena área com duas velhas máquinas de venda e duas portas para escolher.

Claire hesitou, olhando para cada porta – e colocou as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego, desistindo da perseguição. Com sua experiência, ele estaria de pé atrás de uma das portas, esperando ela passar.

Pega de bobeira. Não seria uma grande vitória. Com alguma sorte, ela estaria deixando a ilha em breve, Alfred Ashford apenas uma lembrança ruim.

Depois de um momento, ela se ergueu, indo verificar as máquinas de venda – uma de aperitivos e a outra de bebidas. Ela percebeu de repente que estava faminta e sedenta. Quando foi sua última refeição?

As máquinas estavam quebradas, mas alguns chutes fortes resolveram o problema; a maioria era besteira, mas havia algumas embalagens de nozes e latas de suco de laranja. Não exatamente um jantar, mas considerando as circunstâncias, uma abundante boquinha. Ela comeu rapidamente, guardando alguns pacotes no colete para mais tarde, sentindo-se mais concentrada quase que imediatamente.

Bom... porta número um ou porta número dois? Minha mãe

mandou – a porta cinza, à direita do corredor. Ela duvidava que Alfred tivesse paciência para ainda estar esperando, mas não deixou de ter cautela só por precaução, abrindo a porta com o cano da 9mm.

Claire relaxou. Uma pequena e aconchegante sala, dois sofás, uma antiga máquina de escrever na mesa e um grande e empoeirado baú no canto. Parecia bem seguro; Alfred deve ter ido pela porta número um. Ela entrou para vasculhar, atraída para um conjunto de objetos no sofá, uma bolsa amontoada entre os outros itens, que incluía duas agulhas novas e uma seringa, uma caixa de fósforos à prova d´água, meia caixa de munição de 9mm – e um pequeno frasco pela metade do mesmo hemostático que Rodrigo estava precisando, exatamente o que estava procurando. Havia outros itens curiosos no kit de sobrevivência improvisado, uma caneta, uma pequena chave de fenda, uma camisinha... ela rolou os olhos, sorrindo. Interessante o que algumas pessoas consideravam uma necessidade. O sorriso dela sumiu quando reparou nas marcas de sangue na bolsa, mas ainda se sentia melhor do que nos últimos dias.

Ela abasteceu a bolsa e a amarrou na cintura, transferindo algumas coisas de seus bolsos cheios.

Ela mau podia acreditar em sua sorte. O remédio era sua maior preocupação, e foi um alívio maior achar mais munição. Até um único pente de balas seria bem vindo.

O resto da busca na sala terminou em nada. Ela sentia que o fim estava próximo, um fim para essa terrível e horrorosa noite.

Volte para a prisão, dê o remédio para Rodrigo, depois veja se Steve teve sorte em encontrar uma carona pra casa, ela pensou feliz, saindo da sala. Foi um passeio difícil, mas se comparado a Raccoon, isso era um piquenique – O pesado chacoalho da porta metálica

fechando a envolveu, seu momento de alegria dissipado enquanto o corredor, sua saída, era bloqueada com um estrondo.

Não! Claire correu para a porta de enrolar metálica, batendo nela com os punhos, já sabendo que não havia chance. Ela estava presa, a única possibilidade de escapar residindo na porta que ainda não havia tentado. A que Alfred tinha escolhido.

“Bem-vinda, Claire”. Uma voz soou, esnobe e pretensiosa como antes, com o mesmo falso tom.

Havia um alto-falante acima das máquinas, no canto superior da área.

Olá, Alfred, ela pensou com tristeza, não querendo dar o gostinho de raiva e medo para ele. O complexo inteiro devia ter circuito sonoro. Ela foi burra por não ter pensado nisso, só porque não via uma câmera, não significava que não existia uma.

“Você está prestes a entrar num parque de diversões especial, nada grande,”. Alfred continuou. “e tem um amigo meu que eu gostaria muito de apresentá-la; acredito que vocês se divertirão juntos”.

Fantástico, mal posso esperar.

“Não morra cedo, Claire. Eu quero me divertir”.

Ele deu aquele insano, irritante e forçado cacarejo, e parou.

Claire olhou vaziamente para a porta que deveria usar, pensando nas opções. Provavelmente foi a melhor coisa que Chris já lhe ensinou, que sempre havia uma escolha, independente do perigo, e pensar nas alternativas causava um efeito tranqüilizante.

Eu posso me esconder na sala ao lado, viver de petiscos e refrigerante enquanto eu espero a Umbrella aparecer. Eu posso

sentar aqui e rezar para que uma amigável equipe venha me resgatar. Eu posso tentar passar pela porta de aço, ou por uma das paredes... com aquela chave de fenda e alguns arranhões nos cotovelos, eu posso fugir daqui a 10.000 anos. Eu posso me matar. Ou eu posso passar pelo parquinho do Alfred, ver o que tem lá.

Havia um número de variações, mas ela achou que resumiam bem a situação... e apenas uma delas fazia algum sentido.

Tecnicamente, nenhuma delas fazia sentido! Parte dela gritou. Eu devia estar em meu dormitório, comendo pizza fria e estudando para alguma prova!

Objeção anotada, ela pensou secamente, pegando um pente de balas cheio em sua nova bolsa, colocando outro em seu sutiã para acesso rápido. Era hora de ver o que Alfred e seus subordinados tinham aprontado por lá, ver se a Umbrella tinha finalmente encontrado a fórmula perfeita para seus guerreiros bio-orgânicos.

Claire foi até a porta e parou, imaginando se deveria entrar na batalha com algum profundo pensamento sobre sua vida, ou amor, imaginando se estava pronta para morrer... e decidiu que poderia se preocupar com isso mais tarde. Se não houver um mais tarde, ela não precisaria se preocupar com isso, não é?

“Deus, eu sou esperta”. Ela murmurou, e empurrou a porta antes que perdesse os nervos.

Capítulo 6

Tudo estava perfeito.

As câmeras estavam dispostas para que pudesse ver de quatro ângulos diferentes, todas coloridas, a “arena de batalha” bem iluminada, sua poltrona confortável. Ele só se arrependia de não ter retornado para sua mansão privada e assistir o entretenimento com Alexia ao seu lado. A sala de controle do complexo de treinamento tinha câmeras que podiam ser movidas ao toque de um botão, garantindo a melhor visão possível.

Alfred sorriu, olhando Claire hesitando na porta, bem satisfeito com os frutos de seu plano. Ela o perseguiu como previsto, caiu em sua armadilha sem nenhum esforço. Ele não esperava que ela fosse atirar nele, mas devia ter sido previsto. E era verdade, isso fez a antecipação de sua morte ainda mais doce, a adição de uma vingança pessoal à mistura.

Os OR1, uma bem sucedida B.O.W. criada especificamente para combate em campo, era um dos favoritos de Alfred. A minhoca An3 era impressionante, com certeza, o Hunter 121 padrão era rápido e letal, mas os OR1 eram especiais — a estrutura esquelética humana era visível, principalmente na face e no tronco, dando-os a aparência clássica da Morte. O crânio deles emergia sobre tendões sintéticos parecidos com cordas, como um cruel ceifador moderno. Eles não eram só perigosos; sua aparência inspirava terror, no nível mais básico do instinto.

Os empregados da ilha o chamavam de Bandersnatches (membros elásticos), uma palavra sem sentido de algum poema que se aplicava perfeitamente, considerando sua característica única e

funcionalidade. Havia trinta deles em Rockfort, metade deles em estase, apesar de Alfred só ter contado oito deles desde o ataque – oh! Claire estava abrindo a porta.

Exaltado, Alfred voltou toda sua atenção para a garota, sua mão esquerda nos controles da câmera, sua direita planando sobre o sistema de trancas da área de armazenamento.

Claire pisou no largo mezanino superior do galpão aberto de dois pavimentos, de arma na mão, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Alfred deu um zoom em seu rosto, querendo apreciar seu medo, mas ficou desapontado por sua falta de expressões. Depois que decidiu não estar em perigo imediato, ela só pareceu observar, nada mais.

Aí eu aperto este botão...

Alfred cacarejou, incapaz de conter sua empolgação, tocando de leve com seu indicador direito os botões das comportas dos depósitos, um no mezanino e um beirando o elevador de carga no piso inferior. Com seu capricho, Claire Redfield iria morrer. Verdade, ela não era importante, sua morte tão insignificante quanto sua vida deve ter sido – mas era o controle que importava, seu controle.

E a dor, a esquisita tortura, o olhar em seus olhos ao perceber que sua existência está no fim...

Alfred controlou seu corpo tão forte como controlava sua vida, e se orgulhou da habilidade com a qual controlou seus desejos sexuais, não sentir nada a não ser que queira – mas só de pensar na morte de Claire o inspirava uma paixão que ia além da atração física, além das palavras, muito além até do simples alcance de consciência humana.

Alexia sabe, Alfred pensou, certo de que sua linda irmã o

estava observando, também, de que ela entendia o que não podia ser explicado. Com a morte de Claire, eles ficariam o mais próximo que duas pessoas podiam ficar; era a maravilha de seu relacionamento, o auge do legado dos Ashford.

Ele não podia se conter mais. Enquanto Claire olhava cuidadosamente para o centro do galpão, Alfred trancou a porta atrás dela primeiro, selando sua rota de fuga – e então apertou o botão da comporta do andar superior.

Instantaneamente, a fina porta de enrolar de metal abriu a menos de três metros dela – e enquanto Claire cambaleava para trás, tentando se distanciar da ameaça desconhecida, um Bandersnatch completamente maduro deu um passo para fora, pronto para atacar. Era linda, a criatura. Entre dois e trinta e dois e sessenta metros de altura, sua face como a de uma caveira sorrindo, sua cabeça abaixada e ameaçadora. A desproporcional parte superior do corpo carregando sua arma principal – o braço direito, tão grosso quanto uma de suas pernas, mais comprido que a metade de seu corpo ereto, a palma de sua mão grande o bastante para cobrir o peito de um homem. Seu braço esquerdo era murcho, pequeno e deformado, mas o Bandersnatch só precisava de um.

Alfred esperava alguma reação dela, um palavrão ou um grito, mas permaneceu quieta enquanto alcançava uma distância segura. Ela abriu fogo quase que imediatamente.

O Bandersnatch roncou, um berro áspero e gutural antes de colocar seu truque em ação. Alfred já tinha visto dezenas de vezes, mas nunca se cansava.

O grande braço direito estendeu-se na direção de Claire, cerca de quatro metros, o músculos construídos, os tendões elásticos e ligamentos esticando.– e derrubou Claire no chão praticamente sem nenhum esforço, a garota se esparramando antes que o braço do

Bandersnatch voltasse à posição original.

Isso, isso!

Claire recuou sentada o mais rápido que podia, só parando quando suas costas encontraram a parede. Alfred ampliou a imagem para ver que uma fina camada de suor tinha coberto seu rosto, e mesmo assim não possuía expressões além de um intenso estado de alerta. Ela ficou de pé e correu junto à parede, velozmente, provavelmente não querendo ser jogada do mezanino.

Alfred sorriu, ignorando o desapontamento que a falta de terror dela o tinha trazido. Ela ficaria sem parede em alguns segundos, encurralada no canto – e então uma série de golpes, acertando ela até a morte contra a parede... ou um simples agarrão no pescoço dela, um aperto e um movimento para o lado... ou irá brincar com ela, arremessando ela por aí como uma das bonecas da Alexia?

Alfred se curvou empolgado, mudando o ângulo de uma das câmeras, observando a garota condenada erguer sua arma, mirando cuidadosamente apesar de sua infeliz posição – bam!

O bandersnatch gritou mais alto que os tiros, balançando a cabeça violentamente, fluidos escuros escorrendo de sua face em movimento. Ele borrifou as paredes do mezanino com líquido, sangue e outras coisas, tentando desesperadamente erguer o braço, para proteger ou aparar o ferimento.

Tudo aconteceu tão rápido, tão violentamente, era como olhar um gêiser explodir em um lago calmo.

Os olhos. Ela mirou nos olhos.

Bam!

Claire atirou de novo, e de novo, e o Bandersnatch gritou de fúria e mais dor, ainda tentando proteger sua cabeça ferida

enquanto cambaleava em círculos... e então, para o espanto de Alfred, a criatura foi ao chão, seus espasmos ficando cada vez menos urgentes, seu grito virando um rouco protesto contra a morte.

Abalado com a descrença, Alfred finalmente viu uma emoção no rosto de Claire – dó. Ela andou para perto da criatura e atirou mais uma vez, congelando os movimentos da criatura de uma vez por todas. Depois ela virou e foi para a escada, como se tivesse acabado de sair de um almoço entre amigas.

Não — não — não — não!

Isso estava errado, tudo errado, mas não tinha acabado, ainda não. Furioso, ele apunhalou o outro botão, libertando a segunda criatura, a porta desenrolando atrás de uma pilha de caixas no nível inferior.

Você não vai ter tanta sorte desta vez, ele pensou desesperadamente, ainda quase incapaz de acreditar no que acabara de ver. Claire ouviu a segunda porta abrir, mas a pilha de caixas impedia sua visão, escondendo a nova ameaça. Ela parou aos pés da escada, bem quieta, procurando a exata fonte do barulho.

O segundo Bandersnatch saiu de sua jaula e sem esforço algum, subiu no topo da pilha de caixas três metros acima – e sem Claire perceber, sua atenção intensamente fixada no canto escuro na frente da escada.

O Bandersnatch saltou para ela. Claire o viu no último instante, tarde demais para sair de seu caminho. A criatura envolveu sua cabeça com seus dedos musculosos e a levantou, estudando ela como um gato estuda um camundongo.

Ou um rato, Alfred pensou, algumas de suas alegrias voltando ao ver a garota soltando a arma e lutando para se libertar,

agarrando a pega de aço do OR1 com suas mãos em pânico – e a concentração de Alfred foi interrompida pelo som de vidro quebrando em algum lugar fora daquela câmera, e alguém estava atirando, a repentina fúria de barulho e movimento fazendo o Bandersnatch gritar, soltando Claire.

O que é –?

A janela, Alfred respondeu a si mesmo, olhando com horror enquanto o jovem prisioneiro, Burnside, saltou para o campo de visão da câmera, disparando dois revólveres ao mesmo tempo, estourando a surpresa criatura – surpresa, e depois gritando de agonia quando Claire pegou sua arma e juntou-se ao combate.

O Bandersnatch tentou atacar, seu braço girando na direção do novo agressor, mas foi desencorajado pela enorme quantidade de balas colocadas em seu corpo, finalmente caindo num dos caixotes. Morto.

Sem ter consciência da decisão, Alfred acionou os controles do elevador de carga, uma parte dele lembrando que havia pelo menos mais um OR1 lá embaixo, junto com mais infectados. Os dois jovens cambalearam quando o chão sob seus pés começou a descer, levando-os para o subsolo do complexo de treinamento. Não havia câmeras funcionando lá, mas curtir a morte dos dois já não era mais uma prioridade – desde que morram.

Não pode, não pode estar acontecendo. Os OR1 deviam ter despachado Claire e seu amigo sem esforço algum, mas estavam vivos e foram seus animais que sofreram e morreram. Ele tentou se convencer de que os dois pereceriam no subsolo, que foi lacrado e isolado desde o primeiro vazamento viral, mas de repente, nada mais parecia certo.

“Alexia”. Alfred suspirou, sentindo o sangue encher seu rosto,

sentindo seu ser corar de vergonha.

Ele tinha que fazê-la ver que não foi sua culpa, que sua armadilha tinha funcionado perfeitamente, que o impossível tinha acontecido... e que ele teria de aceitar a subseqüente frieza em seu olhar, o tom de desapontamento em sua doce voz enquanto lhe dizia que entendia.

A única coisa que superava sua vergonha era o novo ódio que sentia por Claire Redfield, queimando mais forte do que milhares de estrelas. Nenhum sacrifício seria grande demais para garantir o tormento de Claire, o dela e de seu cavaleiro de armadura brilhante.

Até que os dois ofereçam penitências de carne e sangue, Alfred não descansaria. Ele jurou.

“Steve, do outro lado”. Claire disse no instante que a plataforma de carga começou a descer. Steve acenou. Claire recarregou a arma e Steve subiu em duas caixas, ambas as Lugers erguidas. Como se por um acordo silencioso, nenhum deles falou enquanto o elevador descia, ambos olhando atentamente para o que viria a seguir.

Ele salvou minha vida, Claire pensou, vendo trilhos engraxados passando pela parede, sangue ainda pulsando em suas veias de quando percebeu que iria morrer. E Steve Burnside, que tinha considerado ser bem intencionado, mas perturbado e meio incompetente, tinha impedido isso de acontecer.

Mas ele pode apenas ter adiado o inevitável...

Ela não sabia o que Alfred tinha em mente agora, mas não queria conhecer mais nenhum de seus “amigos”. Duas aberrações com cara de caveira e braços elásticos já foram o suficiente. Ela foi incrivelmente sortuda de escapar com alguns arranhões e um torcicolo.

Claire esperava que o elevador fosse deixá-los em algum depósito de B.O.W.s, mas se desapontou no bom sentido. O amplo elevador-plataforma apenas parou. Só havia uma saída visível, e apesar de não ter ilusões sobre a segurança do outro lado da porta, parecia que não estavam em perigo no momento.

“Ei, Claire, veja isso!”.

Steve desceu das caixas, segurando o que parecia ser um par de metralhadoras, pequenas, escuras, e aparentemente mortais com pentes compridos.

“Estava em cima de uma das caixas”. Steve disse feliz. Ele já tinha colocado as Lugers douradas no cinto. “Nove milímetros, igual às Lugers e as armas dos guardas. Ah, antes que me esqueça, toma”.

Ele procurou em um dos bolsos da calça camuflada e tirou três pentes para a M93R. “Eu vasculhei alguns guardas voltando da doca. Eu prefiro as Lugers, e agora que eu achei essa...”. Ele levantou as armas, sorrindo. ‘Eu não preciso de equipamento extra. Pode ficar com a arma também”.

Claire aceitou os pentes e a arma agradecida, sem saber como agradecer pelo que ele tinha feito, determinada a tentar.

“Steve... se você não tivesse aparecido naquela hora...”.

“Esquece,”. Ele disse, dando com os ombros. “estamos quites agora”.

“Bom, obrigado mesmo assim”. Claire disse, sorrindo calorosamente.

Ele retribuiu o sorriso, e ela viu um piscar de interesse em seu olhar, uma sinceridade bem diferente de seu comportamento anterior. Incerta sobre o que fazer, por ele ou por si mesma, ela continuou a conversação.

“Eu pensei que você fosse esperar na doca”. Ela disse.

“Não era uma doca de verdade”. Steve disse, e contou o que aconteceu desde que se separaram.

O avião era uma ótima notícia; ter que resolver o bizarro fetiche por enigmas da Umbrella não era tão bom.

“... e quando eu não as achei, eu pensei em ver se você tinha achado algo parecido”. Ele terminou, balançando os ombros de novo, forçando para não parecer frio. “Foi quando eu ouvi os tiros. E você, algo interessante? Além de se encontrar com alguns dos monstros da Umbrella?”.

“Eu diria, você sabe algo sobre Alfred Ashford?”.

“Apenas que ele e a irmã são totalmente birutas”. Steve disse prontamente. “e que os guardas tem – tinham medo dele. Eu sabia, o modo como eles evitavam falar sobre ele. Ele mandou seu próprio secretário para a enfermaria, eu ouvi dizer. Havia um médico perturbado trabalhando lá, acho, muitos prisioneiros foram levados para a enfermaria e nunca voltaram. Não precisa ser gênio, entende?”.

Claire acenou, fascinada apesar de tudo. “E a irmã dele?”.

“Eu nunca ouvi muito sobre ela, só que ela é do tipo reservada. Eu acho que seu nome é Alexia...

Alexandra, talvez, eu não lembro. Por que?”.

Claire o contou sobre seus encontros com Alfred, seguido por uma sinopse de onde esteve e o que tinha achado. Quando ela mencionou que tinha o medicamento que estava procurando, Steve fez cara feia – e depois piscou, suas expressões claramente demonstrando uma mudança de consciência.

“Talvez esse cara da Umbrella–”.

“Rodrigo”. Claire completou.

“Certo, que seja,”. Steve disse impaciente. “talvez ele saiba de algo sobre as peças-chave. Onde elas estão”.

Boa idéia. “Seria um saco vasculhar a ilha inteira, não é?”. Claire disse. “Você está a fim de uma viagem até a prisão? Se é que conseguiremos sair daqui, né?”.

“Ah, eu vou abrir caminho”. Steve disse sem nenhuma dúvida em sua voz. “Deixe essa parte comigo”.

Claire abriu a boca para falar dos efeitos negativos da superconfiança, especialmente quando a Umbrella está envolvida, mas fechou boca de novo. Talvez foi a confiança em si mesmo que o trouxe até aqui – que por não aceitar a possibilidade da derrota, ele estaria assegurando a si mesmo uma vitória.

Bom na teoria, ruim na prática. Ela estaria lá para dá-lo cobertura, no mínimo.

“Nós estávamos no primeiro andar do complexo de treinamento,”. Ele continuou. “o que significa que estamos no subsolo... sei por causa da minha–”.

Steve balançou a cabeça, frustrado por algum motivo, mas antes que pudesse perguntar, ele continuou como se nada tivesse acontecido.

“Tem uma sala da caldeira, e uma área do esgoto... seguiremos esse caminho, basicamente”. Ele disse apontando para a porta.

Claire decidiu não falar nada sendo que aquela era a única porta, ela já tinha chegado àquela conclusão. “Estou logo atrás de você”.

“Fique perto”. Steve disse curto e grosso, indo para a porta e olhando sobre o ombro, tentando parecer durão, seus dentes e olhos apertados. Claire ficou presa entre irritação e gargalhadas, finalmente decidindo que aquilo era aceitável. Então ele estava abrindo a porta, e a realidade de sua situação voltou para ela, flutuando no cheiro de tecido gangrenoso. Ela parou de se preocupar com as pequenas coisas, concentrando-se na necessidade de sobrevivência.

* * *

O que Steve sabia sobre armas podia ser resumido em cinco segundos, mas sabia do que gostava.

E ele decidiu na hora ao puxar o gatilho de seu mais novo achado que aquela era a arma.

Ele saiu da plataforma de carga pronto para chutar traseiros, e viu sua chance a menos de 3 metros de distância. Havia cinco deles ao todo – bom, cinco e meio, incluindo a bagunça se arrastando no chão perto das prateleiras – e tudo o que tinha que fazer era tocar o gatilho, e então se encontrou lutando como nunca para evitar que a arma voasse de suas mãos.

Bam bam bam bam bam bam bam – Ele varreu a arma para a direita e para a esquerda, soltando o gatilho quando o último cérebro suíço fez companhia ao seu crânio suíço. Tudo acabou em segundos, tão rápido que parecia surreal – como se ele tivesse tossido e o prédio veio abaixo.

Claire tinha cuidado da pizza no chão durante o fuzilamento, e quando ele virou para ela, triunfante, ele ficou um pouco surpreso

ao ver que ela não estava sorrindo... até ele pensar por um segundo e começar a sentir vergonha. Até onde ele sabia, eles não eram mais pessoas. Ele sabia que se fosse infectado, gostaria que alguém o matasse, para impedi-lo de ferir mais alguém – sem falar que isso lhe garantiria uma morte rápida, melhor do que apodrecer por aí.

Mas eles já foram humanos. O que tinha acontecido com eles era totalmente péssimo e injusto, sem dúvida.

E talvez ele devesse ser mais respeitoso – mas por outro lado, a arma era extremamente legal, e eles eram zumbis. Eles eram cobaias perfeitas, não uma que gostaria de brincar por aí, mas decidiu que poderia ao menos não rir disso na frente de Claire. Ele não queria que ela pensasse que ele era um idiota com sede de sangue.

Ele apontou para a porta à frente e à direita, bem certo de que estavam na direção certa. Segundo ele, o caminho levaria até bem perto do pátio frontal do complexo de treinamento.

Claire acenou, e Steve liderou mais uma vez, abrindo a porta e a cruzando. Eles estavam parados no topo de um curto lance de escada que descia para a área da caldeira. Era uma sala cheia de grandes e velhos maquinários barulhentos, bom, Steve não sabia como uma caldeira realmente se parecia. Havia quatro zumbis vagando entre eles e a saída, alguns degraus acima do outro lado da sala assobiante.

Steve ergueu a metralhadora e estava para atirar quando Claire tocou seu braço, se aproximando dele.

“Olhe”. Ela disse, e apontou a 9mm para o grupo de zumbis – estranhando, ele viu que ela mirava baixo para algo atrás dos zumbis – e pow, BOOM, três criaturas caíram, queimadas e soltando fumaça. Atrás deles, o que restou do que parecia ser um barril de

combustível, apenas entalhes retorcidos de metal envoltos por fumaça tóxica. O quarto zumbi foi atingido, mas não tão forte. Claire o derrubou com um único tiro na cabeça antes de falar de novo.

“Isso economiza munição”. Ela disse, e passou por ele para descer os degraus. Steve a seguiu, levemente intimidado, bancando o descolado, como se já tivesse pensado nisso. Se tinha uma coisa que sabia sobre garotas, era que elas não gostavam de caras que resmungavam feito patetas.

Não que eu ligue para o que ela pensa de mim, ele pensou consigo. Ela é apenas... até que legal, e só.

Claire chegou na próxima porta e esperou ele chegar, acenando estar pronto. Assim que ela abriu a porta, eles relaxaram, ele viu seus ombros caindo e sentiu seu coração batendo de novo. Uma passagem escura feita de pedras, totalmente deserta, um trecho sem parede adiante à direita.

Havia água corrente em algum lugar abaixo, e um estreito portão bem à frente, igual àqueles elevadores antigos.

“Isto está começando a parecer fácil demais”. Claire disse suavemente.

“É”. Steve suspirou. Mais uma armadilha do parquinho maligno do Alfie.

Eles estavam na metade do caminho quando ouviram o eco vindo de algum lugar abaixo da água escura – um estranho e alto, agudo e inumano garganteio, mas não era de animal, também. Soou bastante zangado – e pelos sons de movimento na água, estava se aproximando.

Steve já estava pronto para atirar quando Claire agarrou seu

braço e começou a correr, praticamente arrancando-o do chão. Eles estavam no elevador em dois segundos, Claire empurrando a grade para o lado e jogando Steve no pequeno elevador, saltando logo em seguida e fechando a grade.

“Tá bom, caramba, não precisa empurrar”. Steve disse, esfregando o braço indignado.

“Desculpe”. Ela disse, jogando uma mecha de cabelo atrás da orelha. “É só que – eu já ouvi aquele som antes. Hunters, devia ser esse nome, péssima notícia. Haviam um monte deles soltos em Raccoon”.

Ela sorriu tremendo, o que de repente fez ele querer abraçá-la, ou segurar sua mão. Mas não fez nada.

“Traz algumas lembranças ruins, sabe?”. Ela disse.

Raccoon... foi o lugar bombardeado há alguns meses, se ele se lembrava bem, bem antes de ter vindo para Rockfort. Foi o próprio chefe da polícia que fez isso. “Umbrella tinha algo a ver com Raccoon?”.

Claire pareceu surpresa, mas sorriu um pouco, voltando sua atenção para os controles do elevador.

“Longa história. Eu conto quando sairmos daqui. Então, primeiro andar?”.

“Sim”. Steve disse, mas mudou de idéia. “Na verdade, talvez nós devêssemos ir para o segundo.

De lá poderemos ver o pátio de cima, o que há nele”.

“Sabe, você é mais esperto do que parece”. Claire disse provocando, apertando o botão. Steve ainda estava pensando numa resposta quando o elevador parou, e Claire abriu a grade.

Havia uma porta automática à direita, então foram para a esquerda, o curto corredor vazio. Havia apenas uma porta naquela direção, também, mas tiveram sorte, a maçaneta girou quando Claire tentou.

Novamente, nenhuma surpresa. A porta deu num velho mezanino empoeirado de madeira, dando vista para uma grande sala cheia de tranqueiras – um jipe militar enferrujado, pilhas de velhos galões de óleo e caixas quebradas. Parecia mais um depósito do que outra coisa, e apesar de bem iluminado, havia vários montes de porcaria impossíveis de ver se estivessem lá embaixo. Apesar de tudo, Steve ouviu barulhos arrastados.

Ele deu alguns passos à esquerda, tentando ver o canto sob o mezanino, e Claire seguiu. As tábuas rangendo sob seus pés.

“Não parece muito firme–”. Claire começou a falar, e foi interrompida por um gigante craaack, pedaços do assoalho voando e ambos caindo lá embaixo.

Droga – Steve nem teve tempo para amortecer o impacto, tudo acabou muito rápido. Ele caiu de lado, estalando o ombro, seu joelho esquerdo batendo em um pedaço de madeira.

Quase que imediatamente, uma pirâmide de barris vazios caíram atrás dele, batendo ocos no chão – e Steve ouviu o gemido faminto do zumbi.

“Claire?”. Steve chamou, ficando de pé, procurando ela e o zumbi. Lá estava ela, no meio dos barris, ainda no chão, esfregando o calcanhar. Seu revólver estava a uns três metros dela. Steve viu seus olhos arregalarem e acompanhou seu olhar, um único zumbi indo para ela – e tudo o que pôde fazer foi olhar, seu corpo de repente a milhões de quilômetros de distância.

Claire disse algo, mas ele não conseguiu ouvir, concentrado

demais no contaminado. Era um homem grande e gordo, mas alguém tinha arrancado parte de seus intestinos. Os ferimentos abertos e grudentos em sua barriga estavam pingando, a camiseta escura ainda mais escura com a camada de sangue grudada no tecido. Seu rosto estava cinza e seus olhos vazios, como todos eles, e tinha mordido a própria língua ou a comido – sua boca suja de sangue.

Claire disse outra coisa, mas Steve lembrou de algo, uma súbita e vívida memória tão real que foi quase como reviver a experiência. Ele tinha quatro ou cinco anos quando seu pai o levou para seu primeiro desfile, um desfile de ação de graças. Ele estava sentado nos ombros do pai, vendo os palhaços passarem, cercado por pessoas gritando bem alto, e ele tinha começado a chorar. Ele não se lembrava o porquê; mas ele lembrava que seu pai estava olhando para cima, seus olhos preocupados e cheios de amor. Quando ele perguntou o que estava errado, sua voz foi tão familiar e amorosa que Steve envolveu os bracinhos no pescoço do pai e escondeu o rosto, ainda chorando, mas sabendo que estava seguro, que não estaria em perigo enquanto seu pai o estivesse segurando – “Steve!”.

Claire praticamente gritou seu nome – e ele viu que o zumbi estava quase em cima dela, seu dedos cinza fechando em volta do seu colete, erguendo ela até sua boca sangrenta.

Steve gritou, também, abrindo fogo, o trovão das balas rasgando o rosto e corpo de seu pai, derrubando ele para longe de Claire. Ele continuou atirando, continuou gritando até seu pai congelar no chão e as balas acabarem, apenas cliques secos vindos da arma, e então Claire estava tocando seu ombro, virando-o enquanto ele chamava por seu pai, chorando.

Eles sentaram por alguns minutos. Quando ele conseguiu falar, ele falou sobre o assunto, abraçando os joelhos e de cabeça

abaixada. Falou sobre seu pai, que tinha trabalhado para a Umbrella como motorista, e foi pego tentando roubar a fórmula de um de seus laboratórios. Ele falou sobre sua mãe que foi baleada por um trio de soldados da Umbrella em sua própria casa, sufocando e sangrando e morrendo no chão da sala quando Steve voltou da escola. Os homens levaram Steve e seu pai para Rockfort.

"Eu pensei que ele tivesse morrido no ataque aéreo". Steve disse, enxugando os olhos. "Eu queria que se sentisse mal sobre isso, mas só estava pensando na mamãe... mas eu não queria que ele morresse, não queria, eu... eu amava ele também".

Dizer isso em voz alta fez ele começar a chorar de novo. Os braços de Claire estavam ao redor dele, mas ele mal os sentia, tão triste que achou que fosse morrer. Ele sabia que precisava se levantar, ele tinha que achar as chaves e fugir com Claire, mas nada disso parecia importante agora.

Claire ficou quieta na maior parte do tempo, apenas ouvindo e confortando, até que levantou e disse para ele ficar onde estava, que voltaria em breve para assim partirem. Isso era bom, ele queira ficar sozinho. Ele estava mais exausto do que jamais esteve, tão cansado e pesado que não queria se mover.

Claire foi embora, e Steve decidiu que deveria procurar os brasões, em breve, assim que parasse de tremer.

Capítulo 7

Na fria escuridão, Rodrigo descansou inseguro. Então ele ouviu um ruído no corredor, e fez força para abrir os olhos, para se preparar. Ele ergueu sua arma, apoiando seu pulso na mesa quando percebeu que não tinha força para segurá-la.

Eu vou matar qualquer um que mexer comigo, ele pensou, mais por hábito do que por outro motivo, grato por ter uma arma mesmo se já for um homem morto. Um guarda zumbi caiu da escada e se arrastou para a cela pouco tempo depois que a garota partiu. Rodrigo o matou com sua bota e pegou sua arma, ainda no coldre da perna quebrada.

Ele esperou, desejando poder voltar a dormir, tentando ficar alerta. A arma acalmou sua mente, levou boa parte de seu medo. Ele iria morrer logo, era inevitável... mas ele não queria se tornar um deles, independente de qualquer coisa. Suicídio deveria ser um pecado particularmente ruim, mas sabia que se não conseguisse eliminar um dos contaminados a tempo, comeria uma bala antes que a criatura o tocasse. Ele provavelmente iria para o inferno.

Passos, e alguém estava se aproximando, bem rápido. Um zumbi? Seus sentidos não estavam funcionando bem, ele não sabia dizer se as coisas estavam acelerando ou se ele estava ficando devagar, mas ele sabia que atiraria em breve ou perderia a chance.

De repente, uma luz pequena mas penetrante – e lá estava ela, de pé na frente dele como um sonho. A Redfield, viva, segurando um isqueiro no alto. Ela o deixou aceso na mesa como uma lamparina.

“O que você está fazendo aqui?”. Rodrigo murmurou, e ela estava revirando sua bolsa ao redor da cintura sem olhar para ele. Ele deixou a pesada arma cair de seus dedos, fechando os olhos por um segundo ou por um momento. Quando ele abriu de novo, ela estava tocando seu braço, com uma seringa na mão.

“É um medicamento hemostático”. Ela disse, suas mãos e voz suaves, a picada da agulha curta e rápida. “Não se preocupe, você não vai ter overdose nem nada, alguém escreveu a dosagem no verso do frasco. Ele vai diminuir o sangramento interno bem devagar, e você ficará bem até a ajuda chegar. Eu vou deixar o isqueiro aqui... foi meu irmão que deu pra mim. Traz sorte”.

Enquanto ela falava, Rodrigo se concentrava em acordar, em superar a indiferença que tinha tomado conta dele. O que ela estava dizendo não fazia sentido, pois ele a tinha soltado e ela se fora. Por que ela voltaria para ajudá-lo?

Porque eu a deixei ir. A percepção o comoveu, o inundou com sentimentos de vergonha e gratidão.

“Eu... você foi muito gentil”. Ele suspirou, desejando ter algo que pudesse fazer por ela, algo que pudesse dizer para retribuir sua compaixão. Ele procurou em suas memórias, rumores e fatos sobre a ilha, talvez ela pudesse escapar...

“A guilhotina,”. Ele disse, piscando, tentando não distorcer demais suas palavras. “a enfermaria fica atrás dela, a chave está no meu bolso... deve haver segredos lá. Ele sabe das coisas, peças dos quebra-cabeças... você sabe onde fica a guilhotina?”.

Claire acenou. “Sei. Obrigado, Rodrigo, isso vai me ajudar muito. Agora descanse, tá bom?”.

Ela esticou a mão e tirou o cabelo da testa dele, um simples gesto tão doce e gentil que o fez querer chorar.

“Descanse”. Ela disse de novo, e ele fechou os olhos, mais calmo, mais em paz do que jamais se sentiu durante a vida. Seu último pensamento antes de apagar foi que se ela pudesse perdoá-lo pelas coisas que fez, mostrasse tanta piedade quanto merecia, talvez ele não fosse para o inferno, afinal.

Rodrigo estava certo sobre os segredos. Claire parou no fim do corredor subterrâneo secreto, tentando impedir a si mesma de abrir a porta não identificada à sua frente.

A enfermaria em si era pequena e desagradável, nada mais do que esperaria de uma clínica da Umbrella – nenhum equipamento médico à vista, nada moderno. Havia apenas uma maca na sala da frente, o chão de madeira mal cuidado em volta dela manchado de sangue, uma bandeja de instrumentos com aparência medieval ao lado. A sala adjacente estava irreconhecível; ela não sabia dizer para que propósito servia, mas parecia uma mescla entre sala de recuperação e um crematório. Cheirava como tal também.

Havia um pequeno e bagunçado escritório depois da primeira sala, um único corpo esparramado perto da porta, um homem de avental sujo que tinha morrido com um olhar de terror no fino e chamuscado rosto. Ele não parecia ter sido infectado, e sendo que não havia infectados na sala e nenhum ferimento óbvio, ela pensou que tivesse morrido de ataque cardíaco ou algo parecido. A contorcida expressão em suas feições, olhos arregalados e boca retorcida, sugeriam que ele tinha morrido de susto.

Claire passou por ele cuidadosamente e achou o primeiro segredo do lugar quase que por acidente. Sua bota tinha chutado algo enquanto entrava no escritório, uma peça de mármore ou pedra que rolou pelo chão – e que acabou descobrindo ser uma incomum chave. Era um olho de vidro que pertencia a uma grotesca face de plástico do boneco de anatomia do escritório, encostada no

canto.

Considerando o que Steve tinha dito, sobre ninguém voltar da enfermaria, e considerando o que ela já sabia sobre a insanidade que a Umbrella parecia atrair, Claire não ficou surpresa ao descobrir a passagem atrás da parede do escritório. Um gasto conjunto de degraus de pedra foi revelado ao colocar o olho no boneco, que também não a surpreendeu. Era um segredo, um truque, e a Umbrella se resumia em segredos e truques.

Então abra a porta. Acabe logo com isso.

Certo. Ela não tinha o dia todo. Ela não queria deixar Steve sozinho por muito tempo, também, ela estava preocupada com ele. Ele teve que matar o próprio pai; ela não podia imaginar o tipo de dano psicológico que isso causaria em alguém...

Claire balançou a cabeça, irritada com sua própria perda de tempo. Não importava que ela estava num lugar assustador e estéril, onde muitas pessoas poderiam ter morrido, onde ela podia sentir a penetrante atmosfera de terror emanando das frias paredes, tentando envolvê-la como uma mortalha...

“Não importa”. Ela disse, e abriu a porta.

Imediatamente, três contaminados tropeçaram na direção dela, ganhando sua atenção, impedindo que ela visse os detalhes da grande sala onde estavam. Todos os três estavam severamente desfigurados, membros faltando e longas tiras de pele rasgada, sua carne podre esfolada e crua.

Eles se moviam devagar, dolorosamente arrastando-se até ela, e ela pode ver cicatrizes mais velhas na pele exposta. Mesmo enquanto mirava no primeiro, o nó de temor em seu estômago estava aumentando, deixando-a enjoada.

Ao menos acabou rápido – mas a terrível suspeita que crescia em sua mente, que esperava ser falsa, foi confirmada com uma única olhada em volta.

Meu Deus.

O salão era estranhamente elegante, a quieta iluminação vinda de candelabros pendurados. O chão era de lajotas, com uma passadeira de carpete elegante até a área de estar do outro lado do salão. Havia uma poltrona estofada de veludo e uma mesa de centro de cerejeira, a poltrona posicionada de modo que alguém sentado nela pudesse ver todo o salão... pior do que o calabouço do Chefe Irons, escondido no subterrâneo de Raccoon.

Havia duas piscinas construídas sob medida, uma com um pelourinho fixado no peitoril, e a outra com uma jaula suspensa. Correntes penduradas nas paredes, umas com algemas bem usadas e outras com colares de couro – algumas com ganchos. Haviam alguns mecanismos elaborados que ela não olhou de perto, coisas com engrenagens e estacas de metal.

Engolindo a bile de volta, Claire focou na área de estar. A elegância dos móveis e da sala em si tornava as coisas piores, adicionando um toque de ego deturpado para a óbvia psicose de seu criador. Como se não fosse suficiente gostar de torturar pessoas, ele – ou ela – queria observar no luxo, como algum aristocrata maluco.

Ela viu um livro na mesinha e andou para pegá-lo, mantendo seu olhar para frente. Zumbis, monstros e morte em vão eram coisas horríveis, trágicas ou aterrorizantes, ou tudo isso – mas o tipo doentio representado pelas correntes e pelos dispositivos em volta dela estava apavorando sua alma, pois a fazia desistir de sua fé na humanidade.

O livro era na verdade um diário, com capa de couro e papel

grosso de alta qualidade. A primeira página dizia ser propriedade de um tal de Dr. Enoch Stoker, sem título ou qualquer outra inscrição.

“Ele sabe das coisas, peças dos quebra-cabeças...”.

Claire não queria tocá-lo quanto mais lê-lo, mas Rodrigo parecia achar que isso ajudaria. Ela folheou algumas páginas, viu que nada estava datado, e começou a vasculhar a estreita e aracnídea escrita por uma palavra ou nome familiar, alguma coisa sobre quebra-cabeças, talvez... ali, uma anotação que fazia várias referências a Alfred Ashford.

Ela respirou fundo e começou.

Nós finalmente discutimos hoje sobre os detalhes de minhas preferências e prazeres. O Sr.

Ashford não quis compartilhar as suas, mas estava mais incentivador do que quando cheguei há seis semanas. Ele foi informado no começo que minhas necessidades não eram convencionais, mas agora ele sabe de tudo, até as pequenas coisas. Eu estava desconfortável no começo, mas o Sr. Ashford – Alfred, ele insistiu que eu o chamasse de Alfred – provou ser um animado expectador. Ele disse que sua irmã e ele apoiavam fortemente a pesquisa nos limites da experiência. Ele me disse que eu deveria pensar neles como espíritos semelhantes, e que aqui, eu tenho total liberdade.

Foi estranho, descrever em voz alta meus sentimentos, sensações e pensamentos que nunca tinha compartilhado. Eu contei como tudo tinha começado, quando eu ainda era um menino. Sobre os animais que usei no começo e mais tarde com outras crianças. Até então eu não sabia que era capaz de matar, mas eu sabia que ver sangue me excitava, que causar dor preenchia um vazio e solitário espaço dentro de mim, com profundas sensações de poder

e controle.

Eu acho que ele entende sobre gritos, sobre o quanto importante os gritos são para mim e Já chega. Isso não era o que estava procurando, e a estava fazendo querer vomitar. Ela virou algumas páginas, achou outra anotação sobre Alfred e sua irmã, viu algo sobre uma casa particular – e voltou um pouco, franzindo.

Alfred participou hoje de uma das minhas autópsias vivas, e depois de tudo disse que Alexia tinha perguntado por mim, queria saber se eu tinha tudo o que precisava. Alfred protegia Alexia, não deixava ninguém chegar perto dela. Eu ainda não pedi para conhecê-la, e nem pretendo fazer isso; Alfred quer que sua casa particular continue privada, e manter Alexia só para si. Ela fica atrás da mansão de recepção, ele me disse, e a maioria das pessoas não sabe de sua existência. Eu acho que ele aprecia ter uma conhecida com interesses em comum.

Ele disse que Rockfort tem muitos lugares que requerem chaves incomuns – tais como o olho que ele me deu – algumas novas, outras bem velhas. Edward Ashford, o avô de Alfred, era aparentemente obcecado por segredos, uma obsessão compartilhada por outros fundadores da Umbrella, segundo Alfred. Ele e Alexia são os únicos vivos que conhecem todos os esconderijos de Rockfort, ele disse. Alfred ganhou molhos completos feitos para os dois herdeiros quando assumiu a posição de seu pai. Eu brinquei dizendo que era sempre bom ter chaves reserva em caso de ficar preso, e ele riu. Ele disse que Alexia sempre o deixaria entrar.

Eu acredito que gêmeos tem laços mais apertados do que a maioria dos irmãos – que de modo figurativo, se você cortar um, o outro sangrará. Eu gostaria muito de testar essa teoria de modo mais literal, levando em conta níveis de dor. Eu descobri que preencher um ferimento fresco com cacos de vidro e costurá-lo é

um Enojada, Claire largou o livro e limpou as mãos em seu jeans, decidindo que já tinha informações o suficiente para continuar. Ela desejava sinceramente que o corpo lá em cima fosse do Dr. Stoker, que seu coração escuro o tivesse deixado na mão e que o pensamento de ir pro inferno tivesse congelado seu rosto numa máscara de terror – e ela percebeu abruptamente que já teve o suficiente daquela atmosfera, que se passasse mais um segundo na enfermaria, certamente iria vomitar. Ela virou e andou rápido para a porta, corria a toda quando chegou na escada. De dois em dois degraus, ela chegou lá em cima e correu pela sala, sem olhar para o corpo, sem pensar em mais nada exceto na necessidade de sair.

Quando ela chegou no lado de fora que levava para a porta da guilhotina, ela se jogou na parede e ofegou pulmões cheios de ar, concentrando-se em manter sua garganta para baixo. Levou alguns minutos antes que estivesse fora da zona de perigo.

Quando se sentiu pronta, Claire colocou um pente novo em sua semi-automática e começou a voltar para o complexo de treinamento. Ela percebeu que tinha perdido a segunda arma que Steve a tinha dado em algum lugar entre o salão de tortura e a porta da frente, mas não havia nada no mundo que a faria por os pés lá dentro de novo. Ela iria atrás de Steve, e eles iriam achar aquelas malditas chaves, e iriam dar o fora do hospício que a Umbrella tinha criado em Rockfort.

Steve chorou por um tempo, e rolou para lá e para cá, ciente de que tinha feito uma Grande Coisa – por experiência de vida, havia as pequenas coisas, depois as grandes, e depois as Grandes com G maiúsculo. Havia algumas coisas que mudavam a vida de uma pessoa para sempre, e esta era uma delas. Ele teve que matar seu próprio pai. Seus pais, boas pessoas inofensivas, estavam mortos. Isso significava que não tinha mais ninguém no mundo para amá-lo

agora, e foi esse pensamento que continuava se repetindo, fazendo-o chorar e rolar para lá e para cá.

Foi o pensamento das Lugers que finalmente o chacoalhou de seu inferno emocional particular, que o fez lembrar onde estava e o que estava acontecendo. Ele ainda se sentia completamente terrível, doendo por dentro e por fora, mas começou a sintonizar-se no ambiente, desejando que Claire estivesse com ele, desejando um copo d'água.

As Lugers. Steve esfregou seus olhos inchados e tirou as armas do cinto, olhando-as. Era besteira, sem importância – mas em algum lugar no fundo de sua mente, ele finalmente percebeu que ao tirar as armas da parede, ficou preso e o aquecimento começou. Foi uma armadilha... e até onde podia imaginar, o único propósito de uma armadilha assim era para evitar que alguém pegasse as armas.

O que significa que elas poderiam ser úteis para algo além de atirar. É, elas eram douradas, bonitas e provavelmente bem caras, e os Ashford não tinham problemas financeiros... e se as armas tiverem algum valor sentimental, porque estavam sendo usadas como parte de uma armadilha?

Ele decidiu que queria voltar e olhar mais de perto o local onde estavam, ver se colocá-las de volta faria alguma coisa. Era uma caminhada de dois minutos de volta para a mansão, melhor, ele poderia ir e voltar em cinco; Claire esperaria por ele caso voltasse primeiro.

E se eu ficar aqui, vou ficar chorando. Ele queria, precisava de algo para fazer.

Steve ficou de pé, sentindo-se trêmulo e meio vazio enquanto sacudia a terra de suas calças, incapaz de evitar olhar para onde seu pai tinha morrido. Ele sentiu uma onda de alívio quando viu que

Claire tinha coberto o corpo com um retalho de pano. Ela era uma ótima garota... apesar de, por algum motivo, ele sentiu-se estranho sobre ela, sobre querer dizer tudo aquilo para ela. Ele não tinha certeza do que sentia.

Ele saiu de lá, e ficou vagamente surpreso por ver que não estava no pátio frontal do complexo de treinamento. Ele também ficou vagamente surpreso por ver que na pequena área de muros altos havia o que parecia ser um tanque Sherman da Segunda Guerra Mundial. Gigante, com esteiras encrostadas de lama, canhão giratório, o conjunto completo.

Ele poderia ter ficado interessado antes, ou ao menos mais do que apenas surpreso – não havia motivo algum para haver um tanque na base de Rockfort – mas tudo o que queria fazer agora era verificar a armadilha das Lugers, ver se ao menos conseguia contribuir com algo que pudesse tirá-los da ilha. Ele ficou mal imaginando se Claire não estava demorando por estar interrogando o cara da Umbrella, sendo que foi idéia dele.

Do outro lado do tanque estava uma porta que dava no pátio do complexo de treinamento. Ao menos seu senso de direção não estava completamente perdido. Parecia mais escuro do que antes; Steve olhou para cima e viu que o céu tinha ficado nublado de novo, bloqueando a lua e as estrelas. Ele estava na metade do pátio quando ouviu um trovão, alto o suficiente que fez o chão parecer tremer sob seus pés. Ao alcançar o outro lado, começou a chover de novo.

Steve apertou o passo, virando à direita ao sair e correndo para a mansão. A chuva estava pesada e fria, mas era bem vinda. Ele abriu a boca e voltou o rosto para o céu, deixando a chuva lavá-lo.

Steve ficou ensopado em apenas alguns segundos.

“Steve!”.

Claire.

Ele sentiu seu estômago dar um pequeno nó, virando para vê-la se aproximar. Ela o alcançou antes do portão para a mansão, usando uma preocupada expressão no rosto.

“Você está bem?”. Ela perguntou, estudando as dúvidas dele, tirando a chuva de seus olhos com um piscar.

Steve queria dizer que estava ótimo, que tinha sacudido o pior de tudo e que estava pronto para voltar ao espancamento de zumbis, mas quando abriu a boca nada disso foi de dito.

“Eu não sei. Eu acho que sim”. Ele disse honestamente. Ele conseguiu sorrir um pouco, sem querer que ela se preocupasse demais e não querendo falar sobre isso, também.

Ela parecia entender, mudando de assunto suavemente. “Eu descobri que os gêmeos Ashford têm uma casa particular atrás da recepção”. Ela disse. “E eu não tenho cem por cento de certeza, mas as chaves que estamos procurando podem estar lá. Há uma boa chance”.

“Você descobriu tudo isso com o, eh, Rodrigo?”. Steve perguntou cheio de dúvidas. É difícil imaginar que um empregado da Umbrella diria tudo isso para o inimigo.

Claire hesitou, depois acenou. “Indiretamente sim”. Ela disse, e de repente ele teve a sensação de que ela não queria dizer algo. Ele não pressionou, apenas esperou.

O problema é chegar na casa,”. Ela continuou. “Eu tenho certeza de que está bem trancada. Eu acho que devemos fuçar a recepção mais um pouco, ver se achamos um mapa ou uma passagem...”.

Ela tirou seu cabelo molhado dos olhos sorrindo. “... e, você sabe, sair da chuva antes que fiquemos ensopados”.

Steve concordou. Eles cruzaram o portão para o bonito jardim, passando por cima de alguns corpos pelo caminho. Ele contou sua idéia sobre as Lugers, idéia que ela considerou importante perseguirem – apesar de ter apontado que com a família Ashford comandando a ilha, os quebra-cabeças da Umbrella poderiam não ser tão lógicos.

Eles pararam na porta da frente para fazerem o que podiam com suas roupas, o que não foi muito afinal. Ambos estavam ensopados e fizeram o melhor que podiam para tirar o excesso. Felizmente, seus pés estavam secos; roupas molhadas eram uma droga, mas tentar andar por aí com botas encharcadas eram um pé no saco.

De armas para cima, Steve abriu a porta. Tremendo de frio, eles entraram – e ouviram uma porta fechar, escada acima e à direita.

“Alfred,”. Steve disse em voz baixa. “quer apostar quanto? O que me diz de fazemos alguns buracos em seu traseiro?”.

Ele foi na direção da escada, a pergunta retórica. Aquele canalha lunático precisava estar morto, por mais motivos que Steve podia contar.

Claire o alcançou e tocou seu ombro. “Escute, eu descobri essas coisas lá na prisão... ele não é só maluco, mas seriamente desordenado. Como um psicopata desordenado”.

“Tá, entendi”. Steve disse. “Mais um motivo para pegá-lo o mais rápido possível”.

“Apenas... vamos tomar cuidado, está bem?”.

Claire parecia preocupada, e Steve sentiu-se protetor de

repente, bom divertimento.

Ah, sim, ele não vai escapar, ele disse bravo, mas acenou para Claire. “Pode deixar”.

Eles subiram rapidamente, parando do lado de fora da porta que tinham ouvido fechar. Steve deu um passo à frente de Claire, que levantou uma sobrancelha, mas não disse nada.

“No três”. Ele suspirou, girando a maçaneta bem devagar, aliviado por estar destrancada. “Um – dois – três!”.

Ele empurrou a porta com o ombro, bem forte, invadindo a sala e a varrendo com a pistola, pronta para atirar em qualquer coisa que se movesse — mas nada se moveu. A sala, um bem iluminado escritório com estantes de livros, estava vazio.

Claire seguiu adiante e virou à esquerda, depois do sofá e mesa de centro da parede norte.

Desapontado, Steve foi atrás dela, esperando outra porta para outro corredor, tão cansado daqueles labirintos idiotas em todo canto que podia apenas – Ele parou e olhou, exatamente como Claire. Três metros adiante havia uma porta com dois espaços vazios em um brasão na altura do peito, os espaços na forma de Lugers.

Steve sentiu uma descarga de adrenalina, de vitória. Ele não tinha motivos para acreditar que tinham achado o caminho para a casa privativa dos Ashford, mas acreditava mesmo assim. Tanto quanto Claire.

“Eu acho que conseguimos,”. Ela disse suavemente. “quer apostar quanto”.

Capítulo 8

Minha nossa. Isto é... uau, Claire pensou.

"Uau". Steve suspirou, e ela acenou, sentindo-se completamente fora de si enquanto analisava o novo ambiente. Ela tinha dito assassino maluco? Parece mais com uma convenção de assassinos.

Eles encontraram outro quebra-cabeça depois das Lugers, um que tinha a ver com números e uma passagem bloqueada, mas eles o ignoraram completamente – com ambos empurrando a passagem não ficou bloqueada por muito tempo. Lá fora novamente, eles conseguiram ver a casa privativa, no topo de uma baixa colina como uma águia em repouso sob a chuva. Era uma mansão, porém diferente da que eles acabaram de deixar – era bem mais velha e escura, cercada pelas gastas ruínas do que uma vez foi algum tipo de jardim. Querubins de pedra com olhos cegos e dedos quebrados os observavam enquanto iam na direção da casa, gárgulas com asas erodidas, pedaços de mármore sob os pés.

Definitivamente de arrepiar... mas de longe tão apavorante, que não está nem na mesma categoria.

Eles pararam no saguão, iluminado por algumas velas estrategicamente posicionadas. Havia um cheiro de velho no ar, como o de pó e papel velho. O chão era formado por um carpete aveludado, mas era tão velho que estava gasto em alguns lugares; era difícil distinguir outra cor além de "escuro". A uma vez grandiosa escadaria estava diretamente na frente deles, levando aos dois andares superiores; ainda havia um tipo de modesta elegância em seus envelhecidos corrimãos e degraus ondulados, igual à

empoeirada biblioteca à direita e às velhas pinturas penduradas nas paredes. A palavra assombrada descreve o lugar perfeitamente... com exceção das bonecas.

Pequenos olhos os encaravam de todos os lados. Bonecas chinesas de porcelana frágil, muitas delas quebradas ou desbotadas, vestidas para o chá da tarde com roupas de seda manchada.

Crianças de plástico, com olhos de plástico abertos e bocas rosas fechadas. Bonecas de pano com estranhos rostos de botão, pedaços do estofamento saindo pelos membros. Havia montes delas, pilhas, até bebês de pano enfiados em espetos. Claire não via ordem sã para a organização delas.

Steve a cutucou, apontando para cima. Por um segundo, Claire pensou estar olhando para Alexia, pendurada no teto – mas claro que era outra boneca, em tamanho real, vestida para seu bizarro linchamento com um simples vestido de gala, a barra e florida flutuando até seus calcanhares sintéticos.

“Talvez nós devêssemos–”. Claire começou a falar – e congelou, ouvindo. O som de alguém falando filtrado até eles lá de cima, a voz de uma mulher. Ela parecia irritada, a fluência de seu discurso rápido e rude.

Alexia.

A irritada voz foi seguida por um tom chorão e apelativo que Claire reconheceu imediatamente como sendo de Alfred.

“Vamos lá bater um papo”. Steve sussurrou, e foi para a escada sem esperar por uma resposta.

Claire correu atrás dele, incerta sobre ser uma boa idéia, mas não querendo deixá-lo ir sozinho.

As bonecas os observaram em silêncio com olhos sem vida,

mantendo sua vigília e paz como o fizeram por tantos anos.

Alfred nunca se sentia tão perto de Alexia se não estivessem em seus aposentos, onde brincavam e riam quando pequenos. Ele se sentia perto dela agora, também, mas também profundamente perturbado por sua raiva, querendo desesperadamente fazê-la feliz novamente. Afinal, foi culpa sua tê-la deixado preocupada.

"... e eu simplesmente não entendo porque essa Claire e o amigo estão provando ser um desafio para você". Alexia disse, e apesar da vergonha, ele não conseguia parar de adorá-la, enquanto ela desfilava pela sala em seu vestido sedoso. Sua irmã gêmea era tremendamente refinada quando zangada.

"Eu não vou falhar de novo, Alexia, eu prometo–".

"Claro, não vai". Ela disse diretamente. "Porque eu pretendo cuidar disso eu mesma".

Alfred ficou horrorizado. "Não! Você não deve se arriscar querida, eu... e não permitirei isso!".

Alexia o encarou por um momento – depois suspirou, balançando a cabeça. Ela deu um passo até ele, seu olhar suave e amável novamente.

"Você se preocupa demais, irmão". Ela disse. "Você deve sempre se lembrar de abraçar a dificuldade com orgulho e vigor. Nós somos os Ashford, afinal. Nós–".

Os olhos de Alexia arregalaram, sua face empalidecendo. Ela virou na direção da janela com vista para o corredor lá fora, seus finos dedos subindo ansiosamente para o colar em seu pescoço. "Tem alguém no corredor".

Não!

Alexia devia ser mantida a salvo, ninguém devia tocá-la, ninguém! Era Claire Redfield, claro, finalmente lá para completar sua missão, assassinar sua amada. Frenético para protegê-la, Alfred deu meia volta, procurando – ali, o rifle estava apoiado na penteadeira de Alexia, onde o tinha deixado antes de abrir a passagem para o sótão. Ele correu para a passagem, sentindo o medo dela como seu, a ansiedade compartilhada como se eles fossem um só.

Alfred alcançou a arma – e hesitou, confuso. Alexia tinha insistido em lidar com a situação, ela poderia ficar irritada novamente se ele interferisse... mas, e se algo acontecesse com ela, e se ele a perdesse...

A maçaneta da porta chacoalhou de repente, bem na hora que Alexia andou e pegou o rifle sozinha. Ela mal teve tempo de erguer o rifle antes da porta abrir violentamente. Foi a primeira vez em quase quinze anos que seu quarto foi invadido, e Alexia ficou tão chocada que não atirou de imediato, não querendo que Alfred se machucasse, não querendo morrer. Os dois prisioneiros tinham ambas as armas apontadas para ela.

Alexia se conteve, recusando se aterrorizar por duas crianças – que a olhavam estranhamente.

Aparentemente não estavam acostumados a encontrar seus superiores.

Use isso a seu favor. Mantenha-os distraídos.

“Srta. Redfield, e Sr. Burnside,”. Alexia disse, seu queixo empinado, seu tom de voz tão digno quanto o nome Ashford requeria. “finalmente nos encontramos. Meu irmão me disse que vocês causaram uma baita confusão”.

Claire andou até ela, o cano da arma abaixando enquanto

examinava o rosto de Alexia. Alexia recuou involuntariamente, repelida pelo avanço e suas roupas molhadas, mantendo seu olhar na arma de Claire.

Alexia recuou outro passo. Ela ficou encurralada entre a penteadeira e o pé da cama, mas novamente tudo a seu favor. Quando eles acreditarem que não sou uma ameaça...

“Você é Alexia Ashford?”. O rapaz perguntou, impressionado ou apavorado, de boca aberta.

“Eu sou”. Ela não seria capaz de tolerar tal grosseria por muito tempo, não de alguém tão inferior.

Claire acenou devagar, ainda olhando nos olhos dela, impertinentemente. “Alexia... onde está seu irmão?”.

Alexia virou para olhar Alfred – e ficou pasma, porque ele não estava no quarto. Ele a tinha deixado para enfrentar essas pessoas sozinha.

Não, não pode ser, ele nunca me abandonou assim – Houve movimento à sua direita – e percebeu que era apenas o espelho, e... e...

Alfred estava olhando para ela. Era seu rosto, seu batom e cílios, mas seu cabelo, sua jaqueta. Ela levantou a mão direita até a boca, chocada, e Alfred fez o mesmo, olhando para ela. Sentindo o próprio espanto.

Como se fossem um só.

Alexia gritou, derrubando o rifle, esquecendo tudo exceto os dois intrusos enquanto passava por eles, sem se importar se atirariam ou não. Ela correu para a porta que conectava seu quarto ao de Alfred, gritando de novo assim que viu a longa peruca loira no chão, o bonito vestido ao lado.

Chorando, ela passou pela porta, um painel giratório, fugindo para o quarto de Alfred – meu quarto – sem saber para onde ia, correndo para a escada. Estava acabado, tudo acabado, tudo arruinado, tudo uma farsa. Alexia se foi e nunca voltará, e ele tinha – ela era – Os gêmeos de repente sabiam o que devia ser feito, a resposta brilhando na bagunçada escuridão de suas mentes, mostrando-os o caminho. Eles alcançaram a escada e a desceram fazendo planos, entendendo que era hora de finalmente ficarem juntos, porque finalmente era hora.

Mas antes, eles destruiriam tudo.

“Meu Deus”. Steve disse, e quando não conseguiu pensar em outra coisa, ele repetiu.

“Então a Alexia nunca esteve aqui”. Claire disse, com a mesma expressão confusa que ele acreditava estar usando. Ela andou e pegou a peruca balançando a cabeça. “Você acha que ela realmente existiu?”.

“Talvez quando criança”. Steve disse. “Um velho guarda na prisão disse que a viu uma vez, uns vinte anos atrás. Quando Alexander Ashford comandava as coisas”.

Por alguns segundos, eles apenas olharam o quarto, Steve pensando em como Alfred reagiu ao ver a si mesmo no espelho. Foi tão patético que Steve quase sentiu dó do cara.

Acreditar por todo esse tempo que sua irmã vivia aqui – talvez a única pessoa no mundo que não o considerava um maluco total – e acabou descobrindo que nem isso tinha.

Claire se sacudiu como quem sente um frio repentino e voltou à realidade. “É melhor nós procurarmos aquelas chaves antes que os gêmeos voltem”.

Ela apontou com a cabeça para a escada de mão na cabeceira da cama. Ela levava a um buraco quadrado no teto. “Eu vejo lá em cima, você vê aqui embaixo”.

Steve acenou, e assim que Claire desapareceu no teto, ele começou a abrir gavetas e revirá-las.

“Você não vai acreditar no que tem aqui em cima”. Claire gritou, bem quando Steve descobriu uma gaveta cheia de lingerie de seda, calcinhas, sutiãs e outras coisas que não podia ficar adivinhando.

“Idem”. Ele respondeu, imaginando até que ponto Alfred foi para fingir ser Alexia. Ele decidiu que não queria saber.

Ele ouviu Claire andando lá em cima enquanto ia para a penteadeira e começava a vasculhar.

Muita maquiagem, perfumes e jóias, mas nenhuma peça ou emblema, nem uma chave doméstica.

“Nada ainda, mas... ei, tem outra escada!”. Claire gritou.

Isso é bom, Steve pensou, achando uma caixa de envelopes com pequenas flores brancas no papel. Ele estava com mais medo de Alfred voltar e queria sair daquele quarto de irmãos psicóticos o mais rápido possível. Havia um pequeno cartão branco em cima dos envelopes. Steve o pegou, reparando na forte escrita feminina.

Querido Alfred – você é um brilhante e corajoso soldado, sempre lutando para restaurar o nome dos Ashford para sua glória original. Meus pensamentos estão sempre com você, meu amado.

Alexia.

Eca. Steve soltou o cartão, fazendo cara feia. Era sua imaginação, ou Alfred tinha desenvolvido uma relação seriamente

anormal com sua irmã imaginária?

É, mas aquilo não era real, não podiam fazer nada... físico. Eca duplo. Novamente, Steve decidiu não querer saber – “Steve! Steve, eu acho que as encontrei! Estou descendo!”.

Tomado por uma instantânea descarga de esperança e otimismo, Steve sorriu, olhando para a escada, as palavras como música para seus ouvidos. “Não brinca?”.

As pernas curvilíneas de Claire apareceram, sua voz bem mais clara e apresentando a mesma empolgação na resposta enquanto descia rapidamente. “Sem brincadeira. Tinha um pequeno carrossel lá em cima, e um sótão, dê uma olhada nesta chave em forma de libélula–”.

Subitamente um alarme começou a soar, ecoando pela enorme casa, alto e persistente. Claire saltou da cama, segurando três emblemas e um fino objeto de metal. Os dois travaram o olhar, compartilhando e confusão, e Steve percebeu que conseguia ouvir o alarme lá fora também, junto com uma vazia e metálica voz através de um barato sistema de comunicação. O parecia estar sendo transmitida para a ilha inteira.

Antes que um dos dois pudessem dizer uma palavra, a calma voz começou a dividir espaço com as sirenes, fria e feminina, era uma gravação.

“O sistema de autodestruição foi ativado. Todos devem evacuar imediatamente. O sistema de autodestruição foi ativado. Todos devem...”.

“Aquele desgraçado”. Claire berrou, e Steve a acompanhou, xingando o engomadinho esquisito em silêncio – mas apenas por dois segundos. Eles tinham que ir para o avião.

“Vamos”. Steve disse, pegando o rifle de Alfred e tocando as costas de Claire, apressando-a para a porta. O Centro Carcerário e de Treinamento da Umbrella em Rockfort – lugar onde Steve sofreu por sua mãe e onde perdeu seu pai, onde os últimos descendentes da linhagem dos Ashford ficaram insanos e onde os inimigos da Umbrella desencadearam o começo do fim – estava para ir pelos ares, e ele particularmente não queria estar por perto.

Claire não precisava de explicações para isso. Juntos, eles atropelaram a porta e correram, deixando para trás o que havia sobrado das bizarras fantasias de Alfred.

Depois de ativar a seqüência de destruição em sua casa privativa, Alfred e Alexia correram para a sala de controle principal, Alexia assumindo os complicados controles da mesa. Por toda parte ao redor deles, luzes piscavam e o computador ditava instruções sob as sirenes. Estava uma confusão, irritante para ela, mas certamente aterrorizante para os assassinos.

Alexia tinha um plano de fuga, uma chave para o hangar subterrâneo onde os jatos ficavam, mas ela tinha que ter certeza de que os pirralhos ficariam para trás. Até ela ter certeza de que morreriam, ela e Alfred não podiam partir.

Ah, eles vão morrer, ela pensou, sorrindo, esperando que nenhum deles fosse pego por uma explosão direta. É melhor que fiquem feridos por estilhaços, que morram lentamente em tormenta... ou que talvez fossem caçados e mortos pelos predadores sobreviventes da ilha, engolidos em grandes pedaços ensangüentados.

Alexia ligou o sistema de câmeras da mansão de recepção, ansiosa para ver Claire e seu pequeno cavaleiro cobertos de medo, ou gritando de pânico. Ela não viu nada disso; a mansão estava vazia, as luzes e sons do desastre iminente inúteis, alertando

corredores vazios e salas fechadas.

Eles ainda devem estar na nossa casa, assustados demais para fugir, esperando desesperadamente que a destruição não os atingisse... não iria, claro, independente do que acontecesse na ilha, a casa não seria afetada – Alexia os achou depois e sentiu seu bom humor desaparecer, seu ódio fervendo para raiva. O monitor os mostrou na doca do submarino, o rapaz girando o timão. O céu estava começando a clarear, mudando de preto para azul escuro, a fraca luz da lua se pondo definindo suas traiçoeiras e furtivas silhuetas.

Não. Não havia chance para eles. Verdade, o avião de carga ainda estava atracado e a ponte levantada, mas Alfred tinha jogado os emblemas no mar após o ataque aéreo. Eles não tinham a mínima chance...

... só que os emblemas estavam no meu quarto.

“Não! ”. Alexia gritou, socando a mesa de controle com o punho, furiosa. Ela não passaria por isso, não iria! Ela os matará em pessoa, arrancar seus olhos e rasgá-los ao meio!

Tente o Tyrant, Alfred cochichou em seu ouvido.

A raiva de Alexia virou paixão, alegria. Isso. Isso, o Tyrant ainda estava em estase! E era inteligente o bastante para seguir instruções, desde que fossem simples, direto ao ponto.

“Vocês não vão escapar!”. Alexia gritou, gargalhando, girando de prazer e vitória... e depois de um momento, Alfred se juntou à comemoração, incapaz de negar o quanto profundamente gratificante seria, enquanto mudava seu discurso para a contagem final.

O caminho para o avião foi uma sujeira — a corrida violenta

para fora da casa dos Ashford, a escorregadia descida da colina molhada de chuva até a recepção e escada abaixo, outra escada até a doca onde Steve chamou o submarino. Cada passo do caminho parecia acelerar os alarmes, a contínua voz lembrando-os do óbvio.

Enquanto saíam do submarino, a insensível voz feminina começou uma nova mensagem – e apesar das palavras não serem exatamente iguais, Claire teve uma súbita lembrança de Raccoon, de estar parada na plataforma do trem enquanto outro anúncio de autodestruição anunciava que o fim estava próximo.

“O sistema de destruição está agora ativo. Faltam cinco minutos para a detonação inicial”.

“Bom, isso é uma droga”. Steve disse, pela primeira vez desde que saíram da mansão. E apesar do medo de não conseguirem fugir a tempo, da exaustão e das terríveis lembranças que ela levaria consigo, a expressão facial de Steve a fez achar o comentário engraçado.

É uma droga mesmo, não é?

Claire começou a rir, e apesar de ter tentado parar imediatamente, ela não conseguiu. Parecia que até a morte iminente não conseguiria fazer a risada parar. Isso ou a histeria acabou sendo mais divertido do que imaginava... e o olhar no rosto de Steve não estava ajudando.

Histérica ou não, ela sabia que precisava andar. “Vai”. Ela falou apertado, empurrando-o para frente.

Ainda olhando para ela como se tivesse perdido o controle, Steve agarrou seu braço e a trouxe consigo. Depois de alguns degraus cambaleantes – e perceber que a risada dela poderia acabar matando os dois – Claire conseguiu se conter.

“Eu estou bem”. Ela disse, respirando fundo, e Steve a soltou, um olhar de alívio em seu rosto pálido.

Eles correram algumas escadas abaixo e através de um túnel submerso, e assim que alcançaram a porta no final do corredor, o computador lhes informou que outro minuto havia passado, que restava apenas quatro minutos. Isso tinha acabado com qualquer chance de começar a rir de novo.

Steve abriu a porta e correu para a direita, ambos saltando sobre o trio de cadáveres, todos contaminados, todos com uniforme da Umbrella. Claire pensou em Rodrigo, e seu coração apertou.

Ela esperava que ele estivesse seguro onde estivesse, e que estivesse em condições de fugir do complexo... mas não podia se enganar quanto suas chances. Ela o desejou sorte silenciosamente, e seguiu Steve através de outra porta.

Sua jornada havia terminado numa grande e escura caverna, um hangar para aviões aquáticos, e a esperança de fuga parada bem na frente deles – um pequeno avião de carga flutuando logo após a plataforma que estavam. Não muito longe à direita, a luz azul do amanhecer definia a passagem para o mar.

“Ali”. Steve disse, e correu para o pequeno elevador no fim da plataforma, um com um painel de controle. Claire o alcançou, tirando os três emblemas da bolsa.

“A seqüência de autodestruição está agora ativada. Restam três minutos para a detonação inicial”.

O painel de controle tinha três espaços hexagonais. Steve pegou duas das peças e juntos, eles encaixaram as três.

Ah, Deus, por favor, por favor , por favor – Deu para ouvir um click – as luzes do painel acenderam, e um profundo ruído veio do

maquinário.

Steve riu, e Claire percebeu que estava prendendo a respiração quando repentinamente começou a respirar de novo.

“Agüente firme”. Steve disse, e varreu sua mão sobre o painel, apertando tudo.

Com um pequeno chacoalho, o elevador começou a abaixar na diagonal, e a porta de cantos arredondados do avião abriu, expondo um pequeno conjunto de degraus. Claire sentiu que tudo parecia acontecer em câmara lenta, um tipo de surrealidade enquanto o elevador encontrava-se com a base dos degraus, chacoalhando de novo; era difícil imaginar que estava finalmente acontecendo, que estavam saindo da ilha amaldiçoada da Umbrella.

Que se dane acreditar, apenas vá!

Eles entraram no avião, Steve correndo para iniciar o vôo enquanto Claire verificava rapidamente o resto do lugar — uma grande e praticamente vazia área de carga constituía a parte de trás do avião, separada da cabine por uma porta a prova de som. Não havia muito conforto além de um armário atrás do assento do piloto e um armário embutido que continha dois galões de água, para o alívio de Claire.

Apesar de abafado, eles ainda podiam ouvir o alerta soando pelo hangar enquanto Steve achava os controles da porta, a mesma levantando e trancando assim que a contagem marcava dois minutos. Claire correu até ele, e seu coração realmente começando a bater; dois minutos não era muito.

Ela queria ajudar, perguntar o que podia fazer, mas toda a atenção de Steve estava no painel. Ela lembrou o que ele disse sobre habilidades de vôo duvidosas, mas sendo que não possuía nenhuma, ela ficou quieta. Os segundos passaram e ela teve que se conter para

não tagarelar, para não distraí-lo.

Os motores começaram a ligar, o som aumentando e estabilizando, os nervos de Claire também – e quando a voz feminina falou de novo, Claire se viu agarrando a cadeira de Steve por trás, seus dedos brancos.

“Resta agora um minuto até a detonação inicial, 59... 58... 57...”.

E se for complicado de mais e ele não conseguir, Claire pensou, certa de que estava para explodir.

“44... 43...”

O Steve ergueu-se de repente, agarrando uma alavanca – olhando para a direita e empurrando-a para frente antes de segurar o manche. O som do motor ficou mais alto, e bem devagar, o avião começou a andar.

“Está pronta?”. Ele perguntou, um sorriso em sua voz, e Claire quase caiu de alívio, seus joelhos fracos.

“30... 29... 28...”.

O avião passou pela baixa ponte de metal, perto o bastante para ver as ondas. Houve uma forte pancada acima, como se a ponte tivesse acertado o avião, mas eles continuaram em movimento, devagar e constante.

“17... 16...”.

Steve manobrou em mar aberto, a contagem chegando a dez... e então ficou longe demais para ser ouvida assim que os motores ficaram bem mais altos enquanto ganhavam velocidade, o suave passeio ficando turbulento enquanto começavam a voar sobre as ondas. Havia luz o bastante para Claire ver a costa da ilha à direita,

rochosa e traiçoeira. Tinha baixos penhascos cercando a maior parte de Rockfort, levantando-se das águas como as paredes de um forte.

Logo depois que Steve puxou o manche para trás, para levantar o veloz avião, Claire viu as primeiras explosões, o som alcançando-os um segundo depois – uma série de profundos booms que se distanciavam rapidamente, desaparecendo enquanto Steve levantava-os gentilmente.

Assim que o avião de carga decolou, gigantes nuvens de fumaça preta subiram ao céu matutino, formando sombras sobre o complexo desintegrado. Chamas estavam por toda parte, e apesar de não conhecer o layout do lugar, pensou ter visto a casa particular dos Ashford sendo engolida pelo fogo, uma imensa luz laranja atrás do que tinha sobrado da mansão de recepção. Ainda havia estruturas de pé, imensos pedaços estavam faltando, reduzidos a escombros e poeira.

Claire respirou fundo e exalou devagar, sentindo músculos amarrados começarem a desatar.

Estava acabado. Outro complexo da Umbrella perdido, por causa de uma integridade científica que continuavam a violar, por causa da ausência de moral que parecia ser um elemento fundamental nas normas de uma companhia. Ela esperava que a alma torturada e distorcida de Alfred Ashford pudesse finalmente pudesse ter achado um pouco de paz... ou seja lá o que realmente merecia.

“Então, para onde?”. Steve perguntou casualmente, e a tirou de seus pensamentos, Claire se afastou da janela lateral, sorrindo, pronta para beijar o piloto.

Steve encontrou o olhar dela, sorrindo – e enquanto olhavam nos olhos, os segundos esticaram, pela primeira vez ela percebeu

que ele não era uma criança. Nenhuma criança olharia para ela do modo como ele a estava olhando... e apesar de sua decisão de não encorajá-lo, ela não desviou o olhar. Ele era atraente, mas ela tinha passado as últimas doze horas pensando nele como um irmão insolente – não exatamente fácil de se livrar, mesmo se quisesse. Por outro lado, depois de tudo o que passaram, ela se sentia íntima dele, de modo sólido, forte, uma afeição que parecia perfeitamente natural...

Claire interrompeu o contato visual primeiro. Eles estavam livres e a salvo durante um minuto e meio; ela queria digerir aquilo um pouco antes de seguir adiante.

Steve voltou sua atenção para os controles, corado – e houve uma pancada no teto, como da última vez no hangar.

“O que foi isso?”. Claire perguntou, olhando para cima como se esperasse algo atravessar o metal.

“Não faço a mínima idéia”. Steve disse, franzido. “Não há nada lá em cima–”.

CRUUNCH!

O avião parecia balançar no ar e Steve tentou compensar, enquanto Claire olhava instintivamente para trás. O som destrutivo vinha da área de carga.

“A comporta abriu”. Steve disse, apertando uma pequena luz piscando no painel, e depois outro.

“Eu não consigo fechá-la”.

“Eu vou até lá”. Claire disse, e sorriu com a triste expressão de Steve. “Apenas mantenha a gente no ar, tá bom? Eu prometo não pular”.

Ela virou para a porta, e assim que Steve olhou para frente, ela pegou o rifle atrás do assento do piloto, aquele que Alfred tinha derrubado. Ela ainda tinha a semi-automática, mas a mira laser significava precisão — e sendo que não queria encher o avião de buracos, a .22 era a melhor escolha. Teve um monstro ou dois na ilha, e podem estar com um passageiro clandestino, mas não queria que Steve se preocupasse, ou se envolvesse. Ambos precisavam dele no comando.

Seja lá o que for, eu vou te que resolver, ela pensou firmemente, tocando a maçaneta. Ela provavelmente estava subestimando um probleminha mecânico, uma placa solta do teto e uma dobradiça quebrada. Ela abriu a porta – e entrou, batendo a porta antes que Steve ouvisse o barulho, demais para um pequeno – A comporta estava faltando, arrancada de lá, nuvens e céu passavam incrivelmente rápido.

Confusa, Claire deu um passo adiante – e viu qual era o problema.

Mr. X, ela pensou de repente, lembrando da monstruosa coisa em Raccoon, o perseguidor implacável de sobretudo escuro – mas a enorme criatura abaixada perto dos trilhos hidráulicos não era igual. Era humanóide, gigante e careca como o monstro X, sua pele semelhante, quase um cinza metálico escuro – porém, era mais alto e musculoso, como um fisiculturista de dois metros e meio de altura, seus ombros extremamente largos, seu abdômen detalhado com músculos. Não tinha sexo, um calombo em sua virilha, e as mãos não eram humanas, eram bem mais letais. Seu punho esquerdo era uma massa redonda de carne maior que a cabeça de Claire inteira, sua mão direita era uma mistura de carne e facas curvas, duas delas com pelo menos trinta centímetros.

E não está usando um casaco, ela pensou enquanto o monstro

virava seus brancos para ela antes de olhar para cima e gritar, uma explosão de fúria e sede de sangue.

Aterrorizada, mas determinada, Claire levantou sua agora ridícula arma enquanto a criatura ia para a ela, e colocou o ponto vermelho em seu olho direito incolor. Ela apertou o gatilho – e ouviu o clique seco do pente vazio, ensurdecedoramente alto mesmo em meio aos ferozes ventos que passavam pela porta danificada.

Capítulo 9

Não havia um palavrão forte o bastante para expressar precisamente seu terror. Claire largou a inútil arma instantaneamente e correu, desviando para a direita, não querendo ser encurralada no canto, sem acreditar que tinha esquecido de conferir a arma. havia seis ou sete caixas empilhadas do lado direito da porta da cabine, mas sem cobertura lá, em ambos os lados; a criatura iria encurralá-la.

Vai vai vai!

Enquanto ela corria ao lado da parede direita, a enorme criatura virava lentamente para acompanhá-la, ela tirou a 9mm do cinto e a destravou sem olhar, com medo de perdê-lo de vista.

Ele andou para ela sobre suas troncudas pernas, totalmente concentrado nos passos dela.

A área de carga não era tão grande, talvez dez metros comprimento por três e meio de largura. Ela logo chegou na traseira do avião, o vento gelado subitamente puxando-a tentando sugá-la para as nuvens. Agachando, tentando não tropeçar, Claire cruzou o espaço aberto e alcançou a outra parede, agarrando um pedaço torto de metal com seus dedos trêmulos.

A criatura estava a quase seis metros de distância. Claire segurou na parede, esperando ele chegar mais perto antes de correr de novo. Pelo menos era lento, mas ela precisava pensar em algo, ela não podia ficar andando em círculos.

Ela estava de olho na criatura, podia vê-la claramente... mas o que aconteceu depois foi algum tipo de ilusão ótica. Ele abaixou sua

cabeça um pouco e – e de repente estava a um metro e meio, a distância coberta em menos de uma fração de segundo, e estava descendo seu braço direito, partindo o ar com um whoosh, as facas brilhando – Claire não pensou, ela correu, seu estômago de repente na garganta, seu próprio movimento desapercebido. Por um segundo ela foi apenas um corpo, agachando e correndo – e então estava do outro lado do avião, perto das caixas, olhando para a criatura que virava devagar.

Ah, que se dane! O avião sobreviveria a alguns buracos, ela abriu fogo, mandou oito balas de 9mm na direção do peito dele – e acertou todos. Ela viu buracos aparecerem perto de onde seu coração estaria se fosse humano, nenhum sangue exceto a exposição de um tecido escuro e úmido, formando um inchaço esponjoso em torno dos ferimentos. A criatura parou onde estava – e andou novamente depois de dois segundos, um lento passo depois do outro, seu objetivo inalterado.

Uma facada de pânico a acertou, tenho que dar o fora daqui, ele vai me matar, Steve, talvez outra arma – Não, ela não podia, e não iria ajudar, apenas tornaria as coisas piores. O Mr. X tinha sido programado para um único propósito, obter uma amostra do vírus; ela suspeitava que essa criatura estivesse especificamente atrás dela, e se ela deixasse a área, a criatura rasgaria a porta, matando ela e Steve. Ao menos assim, ele terá uma chance. E a 9mm era o maior poder de fogo a bordo – se ele agüentava oito balas no peito, outra arma não faria diferença.

Tente tiros na cabeça, como no monstro de braço comprido.

Ela podia tentar, mas sentia que algo que não sangrava provavelmente não ficaria cego. Seus olhos eram estranhos, talvez nem fossem usados para visão... e também tinha o fato de estarem num avião em movimento, um que balançava e tremia; sem chão

firme, como ela iria mirar?

Tudo isso passou em sua mente em um segundo e já estava andando de novo, indo para a parte traseira mais uma vez – com medo de correr, com medo de ficar parada, imaginando quanto tempo restava antes dele correr de novo e o que ela faria depois – e ele abaixou a cabeça como antes e, de novo, o corpo de Claire reagiu, mas uma idéia estava se formando, também. Ela saiu da parede e correu para ele, angulando seu trajeto, se não funcionar, estarei morta – e ela sentiu o frio de sua estranha carne quando passou correndo por ela, passou tão perto que pode sentir o cheiro podre. E então ambos estavam em lados opostos, ele virando lentamente, mecanicamente. Tinha funcionado, por pouco; um centímetro mais perto e um passo mais devagar, já estaria acabado.

Armas não funcionavam, ela não podia fugir, então era a criatura que devia ir, mas como? A correnteza de ar na abertura era forte, mas não sugaria a pesada monstruosidade... ela tinha que tirar seu equilíbrio, talvez atraí-lo até a abertura e desviar, ela não era forte o bastante para empurrá-lo...

Pense, droga! Ele começou a ir na direção dela de novo, um passo, dois. Ela olhou em volta o bastante para examinar o chão perto da abertura, procurando algum que possa fazê-lo tropeçar, talvez um trilho hidráulico – O trilho hidráulico.

Usado para empurrar caixas pesadas até a comporta, para carga e descarga. De fato, duas caixas vazias estavam na plataforma metálica no início dos trilhos, do lado direito da porta da cabine, os controles do lado esquerdo.

Muito devagar, não tem jeito. Talvez devagar por estar carregando muito peso; se houvesse apenas um contêiner vazio ou dois, a que velocidade iria? Ela tinha que ver os controles, tinha que – Houve um movimento borrado, e a massa de espetos estava indo

na direção da cabeça dela.

Claire pulou para frente, mas não foi rápida o bastante. Os espetos não há pegaram, mas seu braço sim, batendo dolorosamente em sua orelha, levando-a ao chão.

Instantaneamente, a criatura ajoelhou e desceu o braço direito, mas ela já estava em movimento, rolando assim que caiu no chão. As lâminas da mão acertaram o chão e faíscas voaram, a criatura gritando de raiva enquanto Claire ficava de pé, tentando não reparar nos pontos pretos que cruzavam a sua visão e no assobio de sua audição. Ela correu até os controles enquanto a criatura ficava de pé, seus movimentos novamente mecânicos, tão sem emoções quanto furioso há alguns segundos.

Alguns passos largos e estava olhando para o simples painel de controle, liga/desliga, teclado numérico para especificar o peso, botões para frente e para trás, um pequeno visor, e desligamento de emergência. Claire apertou o botão de ligar, digitando o peso máximo que podia, pouco menos de três toneladas.

Ela olhou para a criatura, ainda a uma distância segura, e viu que estava a um ou dois passos de ficar diretamente no caminho da plataforma. Sua mão pairou sobre o botão azul de acionamento, que mandaria a carga através do compartimento a uma incrível velocidade. Alguns quilos de caixa onde três toneladas eram previstas, iria bater na criatura como um taco de golfe.

Quase... quase... agora!

Quando a criatura ficou quase que diretamente na frente dos trilhos, Claire apertou o botão – e nada aconteceu, absolutamente nada.

Droga! Ela mexeu no interruptor de novo, talvez não o tivesse ligado – e viu o que estava no visor, e gemeu alto e apertado. As

simples instruções diziam, “Carregando – espere o sinal”.

Bom Deus, quanto tempo vai demorar?

A criatura ainda estava a seis metros de distância, andando quase que totalmente ao longo dos trilhos. Ela pode não ter melhor chance, porque outro golpe poderia muito bem significar sua morte – mas se ficasse onde estava e a criatura a alcançasse antes que a plataforma fosse carregada, ela ficaria encurralada e seria esmagada contra a porta da cabine.

É melhor correr.

É melhor ficar.

Claire hesitou um pouco demais, e a criatura moveu-se de novo. O monstro ia para ela como um desastre natural e era tarde demais, sem tempo para virar e entrar na cabine – ping! – e ele desceu sua mão esquerda cheia de espetos assim que Claire apertou o botão, seus olhos fechando, certa de que o mundo desapareceria numa nevasca de dor – e a criatura se afastava dela, rosnando, as caixas vazias tirando-o do chão, empurrando-o para longe. Antes que pudesse aceitar que o plano tinha funcionado, a criatura usou uma de suas incríveis explosões de velocidade e ficou na frente das velozes caixas, o suficiente para começar a contê-las – mas Claire não esperou para ver quem era mais forte. Ela abriu fogo de novo, duas, três balas acertando-o na cabeça, sem causar danos – conseguindo distraí-lo. A criatura lutou durante outro meio segundo, e então ele e as duas caixas sumiram, mergulhando no céu.

Claire olhou para os jatos de atmosfera passando por um tempo, sabendo que deveria sentir-se aliviada – que tinha matado o monstro, que tinha sobrevivido a outro desastre da Umbrella, que finalmente, finalmente estavam a salvo... mas ela foi chacoalhada,

qualquer possibilidade de sentir fortes emoções lançada pela comporta junto com o grandalhão Mr. X.

“Por favor, que esteja acabado”. Ela disse suavemente, e virou e abriu a porta da cabine.

Enquanto subia os dois degraus da área dos pilotos, Steve olhou para ela, franzindo. “O que aconteceu? Tá tudo bem?”.

Claire acenou, sentando ao lado dele, completamente acabada. “Tá. Marque mais um ponto para os mocinhos. Ah, a comporta da área de carga se foi”.

“Você tá brincando?”. Steve perguntou.

“Não”. Claire disse, e bocejou amplamente, de repente tomada pelo cansaço. “Ei, eu vou descansar meus olhos por um minuto. Se eu dormir, me acorde em cinco minutos, tá?”.

“Claro”. Steve disse, parecendo confuso. “A comporta se foi”.

Claire não respondeu, o escuro já convocando ela, seu corpo derretendo no assento...

... e então Steve estava balançando ela, repetindo seu nome várias vezes.

“Claire! Claire!”.

“Que foi”. Ela murmurou, certa de que não tinha dormido enquanto abria os olhos, imaginando porque Steve a torturaria desse jeito – até que viu suas expressões, e um trovão de alarme a sacudiu, acordando-a.

“O que, o que foi?”. Ela perguntou, melhorando a postura.

Steve parecia muito preocupado. “Há um minuto, nós mudamos de direção e os controles travaram de repente”. Ele disse.

“Eu não sei o que é, não temos rádio, mas todo o resto parece estar funcionando bem – exceto por não conseguir virar e mudar a altitude e a velocidade. Parece estar travado no piloto automático”.

Antes que ela pudesse dizer algo, houve um som de estática vindo de um monitor instalado perto do teto. Linhas flutuantes se espalharam pela tela, mas quando a imagem apareceu, estava clara o bastante.

Alfred!

Parecia que ele também estava voando, preso no primeiro assento de um caça a jato, ou algo similar. Ele ainda tinha restos de maquiagem no rosto, seus olhos contornados de preto, e quando falou, foi com a voz de Alexia.

“Minhas desculpas,”. Ele rugiu. “mas eu não posso deixá-los escapar agora. Parece que vocês escaparam de outro de meus brinquedos – malvados, malvados”.

“Maluco travestido”. Steve repreendeu, mas Alfred não ouviu ou não se importou.

“Aproveitem o passeio”. Alfred disse, cacarejando, e com um zumbido final de estática, o monitor ficou em branco.

Claire olhou para Steve, que olhou sem resposta, e ambos olharam para o mar de nuvens, olhando silenciosamente enquanto os primeiros raios de luz surgiam.

Steve estava sonhando com seu pai quando começou a acordar, com medo por algum motivo, o sonho indo embora enquanto lembrava de onde estava. Claire soou sonolenta no fundo da garganta e se aconchegou mais perto, sua cabeça contra seu ombro esquerdo, sua respiração quente em seu peito.

Oh, Steve pensou, com medo de se mexer, não querendo

acordá-la. Eles tinham adormecido lado a lado contra a parede da cabine, e aparentemente tinham se aproximado em dado momento. Ele não tinha idéia de quando foi isso, ou quanto tempo tinham dormido, mas ainda estavam voando, a luz do sol ainda atravessando as janelas.

Eles tinham conversado por um tempo depois que Alfred tomou controle do avião, mas não sobre o que iriam fazer depois que seu seqüestro terminasse. Claire respondeu, já que não havia nada que pudessem fazer, não havia motivo para se preocupar. Ao invés disso, eles comeram – Claire tinha pego alguns pacotes de nozes das máquinas automáticas, coisa que fez Steve eternamente grato – e fizeram o possível para se limpar usando uma garrafa de água, e depois conversaram. De verdade.

Ela contou sobre ter ido para Raccoon City procurar Chris, e tudo o que aconteceu lá, e tudo o que sabia sobre a Umbrella e o tal espião Trent... e ela falou sobre um monte de outras coisas, também. Ela estava na faculdade, era dois anos mais velha que ele, e pilotava uma moto, mas provavelmente desistiria por ser muito perigoso. Ela gostava de dançar, então gostava de dance music, mas também gostava de grunge, achava política chata e sanduíche era sua comida favorita.

Ela era totalmente, incrivelmente legal, a garota mais legal que já tinha conhecido – e melhor, ela estava interessada no que ele tinha a dizer. Ela riu com muitas de suas piadas, achou legal ele ser corredor, e quando ele falou sobre seus pais, ela ouviu sem ficar incomodada.

E era tão esperta e bonita...

Ele olhou para ela, para seu cabelo desarrumado e longas mechas, seu coração batendo mesmo tentando relaxar. Ela se moveu de novo, sua cabeça caindo um pouco para trás – e seus lábios

levemente abertos estavam perto o bastante para ele beijá-los, tudo o que precisava fazer era abaixar o rosto alguns centímetros, e queria tanto que começou a fazê-lo, abaixando sua boca na direção da dela – “Mmmm”. Ela murmurou, ainda totalmente adormecida, e ele parou, recuando, seu coração batendo ainda mais rápido. Ele queria, mas não daquele jeito, não se ela não quisesse. Ele pensou que ela queria, mas ela também falou um pouco sobre seu amigo Leon, e ele não tinha certeza de que eram apenas amigos.

Sentindo-se torturado, tê-la tão perto, mas não para si, ele ficou aliviado quando ela se afastou segundos depois. Ele ficou de pé, esticando as pernas, e andou para frente do avião, imaginando se o tanque de combustível reserva estava sendo usado, o pensamento de ter que lidar com aquele Ashford maluco de novo estava consumindo seus pensamentos positivos. Ele esperava que Claire dormisse mais um pouco, ela estava muito cansada – até ver o que estava do lado de fora, e ler o destino, perceber que a altitude tinha caído consideravelmente. O avião estava começando a arremeter um pouco. No mapa ao lado da bússola, estava uma latitude-longitude aproximada de sua posição.

“Claire, acorde! Você tem que ver isso!”.

Alguns segundos depois ela estava ao seu lado, esfregando os olhos – os quais abriram bastante ao olhar pela janela. Havia neve estendendo-se até onde podiam ver.

“Estamos sobre a Antártida”. Steve disse.

“No Pólo Sul?”. Claire perguntou, incrédula. Ela agarrou o assento do co-piloto enquanto o avião subia e descia. “Pingüins e baleias assassinas, e tudo mais?”.

“Eu não sei sobre a vida selvagem, mas estamos na latitude de 82.17 Sul”. Steve disse.

“Definitivamente o fundo do mundo. E não tenho certeza, mas acho que estamos para pousar.

Estamos perdendo velocidade”.

Talvez o plano de Alfred fosse jogá-los no meio do nada para morrerem congelados. Nada original, mas certamente daria certo. Steve desejou colocar as mãos no cara por apenas um minuto, só um.

Ele não era muito lutador, mas Alfred derreteria como bolinho de creme.

“Nós devemos estar indo para lá”. Claire disse, apontando para a direita, e Steve olhou, quase incapaz de enxergar através da nevasca... e então viu outros aviões, e os longos e baixos prédios a apenas alguns minutos de distância.

“Você acha que são da Umbrella?”. Steve perguntou, sabendo antes que ela dissesse. Onde mais?

O nariz do avião continuava descendo, levando-os para o lugar planejado por Alfred, mas Steve estava aliviado. Visitar a Umbrella de novo que seria uma droga, claro, mas ao menos outra pessoa estaria no comando, nem todos os funcionários da Umbrella eram distorcidos como Alfred. Ele não conseguia imaginar todo mundo largando o que estava fazendo para puxar o saco de Alfred.

Talvez Claire e ele pudessem negociar com alguém, ou subornar...

Eles estavam se aproximando do primeiro passo, o passeio estava ficando conturbado, as asas provavelmente pesadas com gelo – quando Steve percebeu que estavam muito baixo e muito rápido. O trem de pouso tinha abaixado em algum momento, mas não podiam aterrissar com essa velocidade e altitude.

“Levanta, levanta...”. Steve disse, vendo os prédios ficarem grandes muito rapidamente, sentindo gotas de suor correndo por toda parte. Ele sentou na cadeira do piloto, agarrando o manche e puxando – e nada aconteceu.

Ah, Deus.

“Ponha o cinto, nós vamos cair!”. Steve gritou, pegando o seu enquanto Claire pulava no assento, o cinto travando assim que tocaram o chão – e alarmes começaram a tocar assim que o trem de pouso foi esmagado e arrancado, a barriga do avião batendo no chão. A cabine balançou violentamente, os cintos de segurança a única coisa que os impedia de bater a cabeça no teto. Claire soltou um grito assim que uma onda de neve bateu no pára-brisa, e houve um gigante rasgo de metal atrás deles enquanto a cauda ou uma asa era arrancada – e a cortina de neve saiu do pára-brisa para eles verem o prédio bem à frente, o avião fora de controle deslizando na direção dele, fumaça em algum lugar, ele iriam bater e –

Capítulo 10

A cabeça de Claire doía. De novo.

Algo pegava fogo, ela podia sentir o cheiro da fumaça e estava com muito frio, e de repente lembrou o que tinha acontecido – a neve, o prédio, a batida. Alfred.

Ela abriu os olhos e levantou a cabeça, a ação complicada e estranha, pois ainda estava presa no assento, agora inclinado cerca de 45 graus – e lá estava Steve em seu assento, imóvel.

“Steve! Steve, acorde!”.

Steve gemeu e murmurou algo, e Claire respirou mais fácil. Depois de algumas tentativas ela conseguiu se soltar, de pé no painel de instrumentos. Ela não podia ver muito pelo pára-brisa por causa da inclinação, mas parecia que estavam dentro de um grande prédio. Havia uma passarela lateral de metal a uns quinze metros na frente deles e apesar do profundo poço do lado direito do avião, ela podia ver um pedaço da passarela a uns dois metros abaixo.

Mas cadê todo mundo? Onde está qualquer um? Se este fosse um complexo da Umbrella, porque não havia uma dezena de soldados arrastando os dois para fora dos destroços? Ou ao menos alguns zeladores irritados...

Steve se aproximou, e ela pode ver um baita inchaço em sua testa. Ela tocou sua têmpora direita e descobriu que tinha um galo igual, cerca de um centímetro maior do que a descoberta quando acordou... ontem? Um dia antes?

Deus, como o tempo passa quando você vive levando pancada

na cabeça.

“O que está queimando? Steve perguntou, abrindo seus turvos olhos.

“Eu não sei”. Claire disse. Havia apenas um traço de fumaça na cabine, ela considerou que estava vindo de outra parte do avião. De qualquer modo, ela não queria ficar por perto caso algo explodisse. “Mas nós devemos sair daqui. Você consegue andar?”.

“Estas botas foram feitas para andar”. Steve resmungou, e Claire sorriu, ajudando-o com o cinto.

Eles pegaram o que restou do armamento aos seus pés, a metralhadora de Steve e sua 9mm.

Infelizmente, eles tinham pouca munição, e dois pentes estavam faltando. Ela tinha vinte e sete balas, ele tinha quinze. Eles dividiram a munição e com nada restando para fazer a bordo, Steve se posicionou sobre a passarela e saltou os últimos metros.

“O que tem aí?”. Claire perguntou, sentada na beira do buraco e guardando a arma no cinto.

Estava frio o bastante para ver sua respiração, mas pensou que podia agüentar mais um pouco.

“Nada de mais”. Steve disse, olhando em volta. “Nós estamos num prédio redondo – eu acho que é um prédio em torno de um poço de mineração, tem uma queda livre no meio. Não tem ninguém aqui”.

Ele olhou para ela acima e estendeu os braços. “Pode descer, eu te pego”.

Claire duvidou. Ele estava em forma, mas tinha o físico de um corredor, nada muscular. Por outro lado, ela não podia ficar no

avião o dia inteiro, e ela odiava pular de coisas mais altas que um metro, ela certamente queria uma ajuda...

“Estou descendo”. Ela disse, e saltou do buraco, hesitando o máximo que pôde – e ela estava caindo, Steve emitiu um “oof”, e ambos estavam no chão, Steve deu costas para o chão com seus braços em volta dela, Claire em cima dele.

“Bela pegada”. Ela disse.

Au, num foi nada”. Steve disse, sorrindo.

Ele estava quente. E atraente, e doce, e obviamente interessado, e por alguns segundos, nenhum deles se moveu, Claire satisfeita por se conter... e Steve querendo mais, ela podia ver no modo como ele olhava seu rosto.

Pelo amor de Deus, você não está de férias! Anda!

“Nós provavelmente devemos...”.

“... descobrir onde estamos”. Steve completou, e apesar de perceber um pouco de decepção em seus olhos, ele fez o melhor que pôde para esconder, suspirando melodramaticamente enquanto derrubava os braços como se fingisse rendição. Relutante, ela ficou de pé e o ajudou a levantar.

Realmente parecia uma mina, uns 20 metros de diâmetro, a passarela que estavam correndo por metade da lateral – havia duas escadas de mão e ao menos duas portas, todas à esquerda e no nível inferior. Só havia uma porta naquele nível, à direita, mas Steve confirmou que estava trancada.

“Onde você acha que todos estão?”. Ele perguntou em voz baixa. Certamente havia a chance de fazer eco dado o tamanho da câmara vazia.

Claire balançou a cabeça. “Fazendo bonecos de neve?”.

“Ha Ha”. Steve falou. “O Alfred não devia estar aparecendo agora com um lança-chamas?”.

“É, provavelmente”. Claire disse. Ela estava pensando nisso. “Talvez ele ainda não esteja aqui, ou não esperava que batêssemos, então ele está em um dos outros prédios onde deveríamos ter pousado... se não pudermos chegar nos outros aviões antes que ele nos ache...”.

“Vamos fazer isso”. Steve disse. “Você quer se separar? Podemos cobrir mais lugares assim, acelerar o processo”.

“Com Alfred vagando por aí? Eu voto não”. Claire disse, e Steve acenou, parecendo aliviado.

“Então, por ali”. Claire disse, e andou para a primeira escada, Steve logo atrás.

Uma curta descida depois e estavam na primeira porta, porta dupla na verdade. Também trancada.

Steve se ofereceu para dar um pontapé, mas ela sugeriu que verificassem as outras primeiro. Ela estava se sentindo cada vez mais desconfortável com o quanto quieto as coisas estavam, e não queria o forte eco de uma porta arrombada anunciando sua presença, mas precisariam estar em coma para não terem notado a colisão do avião...

A próxima, a única outra porta antes da abertura que levava a uma escadaria. Claire girou a maçaneta que colaborou suavemente; Claire e Steve prepararam suas armas por precaução – e com o aceno de Steve, ela abriu a porta – e sentiu sua boca abrir, totalmente chocada.

Quais são as chances?

Era um dormitório escuro e fedido, e com o som da porta abrindo, três, quatro zumbis viraram para eles, todos recém infectados, ainda com quase toda a pele. Só um estava em estado de gangrena, o cheiro ruim de carne quente e podre pesado no ar.

Steve ficou pálido, e assim que ela fechou a porta, ele engoliu forte, parecendo e soando meio enjoado. “Um daqueles caras trabalhou em Rockfort. Ele era cozinheiro”.

Claro! Por um segundo ela pensou que poderia ter havido um vazamento aqui também, mas seria uma coincidência grande demais. Ao menos um daqueles aviões lá fora veio da ilha, provavelmente um bando de funcionários desesperados que não perceberam estar infectados, presumivelmente não cientistas.

Mais canibais viróticos doentios... e o que mais? Claire deu com os ombros, tentando imaginar que tipo de soldado da Umbrella desejaria um ambiente gelado... e que animais nativos podem ter sido infectados depois de sua chegada.

“Nós definitivamente devemos sair daqui”. Steve disse.

Bom, talvez Alfred tenha sido devorado, Claire pensou. Pensamento otimista, pois certamente mereciam sossego. “Vamos”.

O último lugar para verificar era a escadaria que marcava o fim da passarela, descendo para a quase total escuridão. Lembrando dos fósforos que encontrou em Rockfort, Claire deu sua arma para Steve e pescou a caixinha da bolsa, dando metade a ele antes de pegar a arma de volta.

Steve assumiu a dianteira, acendendo dois fósforos na metade da escada e levando-os ao alto.

Não iluminavam muito, mas era melhor do que nada.

Eles chegaram no fim da escada e avançaram para o estreito

corredor, Claire alerta enquanto o escuro os cercava. Algo cheirava mau, como grãos apodrecendo, e apesar de não haver nada se mexendo, não pareciam estar sozinhos. Ela geralmente confiava em seus instintos, mas estava tão calmo e silencioso, nem mesmo um suspiro de som ou movimento...

Nervosismo, ela pensou esperançosa.

Eles só conseguiam enxergar um metro à frente, mas andavam o mais rápido possível, a sensação de estarem totalmente expostos e vulneráveis empurrando-os adiante.

Alguns passos adiante e ela podia ver que o corredor se dividia, eles podiam ir reto ou à esquerda.

“O que você acha”. Claire suspirou – e de repente o corredor explodiu em movimento, asas batendo e o cheiro podre soprando neles. Steve xingou quando os fósforos apagaram, completando a escuridão. Algo esfregou no rosto de Claire, emplumado, leve e silencioso, e ela reflexivamente afugentou a coisa, sem saber no que atirar.

“Vamos!”. Steve gritou, agarrando seu braço e puxando-a. Ela cambaleou atrás dele sem fôlego, e de novo, algo agitado tocou seu rosto, seco e empoeirado – e então Steve a estava puxando através de uma porta e batendo-a atrás deles, ambos ofegando apoiados nela, Claire tremendo, totalmente enojada.

“Mariposas”. Steve disse. “Jesus, elas eram enormes, você viu elas? Grandes como pássaros, como águias–”. Ela o ouviu cuspindo, como se estivesse tentando limpar a boca.

Claire não respondeu, procurando um fósforo. A sala estava escura e queria ter certeza de que não havia mais delas por aí, mariposas, eca!

De alguma forma elas pareciam piores do que zumbis, elas podiam se esfregar diretamente em você, voar no seu rosto – ela tremeu de novo, e acendeu o fósforo.

Steve a trouxe para um escritório aparentemente livre de mariposas gigantes e qualquer outra surpresa da Umbrella. Ela viu um par de candelabros em um baú à sua direita e acendeu as velas imediatamente, entregando uma delas para Steve antes de olhar em volta, a suave luz de vela iluminando seu refúgio. Mesa de madeira, prateleiras, dois quadros – a sala era surpreendentemente agradável, considerando o aspecto funcional do complexo. E não era fria.

Eles procuraram armas e munição nas não acharam nada.

“Ei, talvez haja algo que possamos usar ali”. Steve disse, indo para a mesa. Havia vários papéis e o que parecia ser uma coleção de mapas espalhados na mesa – mas de repente, Claire ficou mais interessada na coisa branca presa atrás do ombro direito de Steve.

“Não se mexa”. Ela disse, aproximando-se dele. Tinha uma grossa meleca parecida com teia segurando a coisa, o objeto em si com uns quinze centímetros de comprimento e meio deformado, como um ovo de galinha esticado.

“O que é? Tira daí”. Steve disse, tenso, e Claire aproximou a vela, viu que a coisa não era totalmente opaca. Ela conseguia ver dentro, um pouco...

... uma gosma branca se mexendo lá dentro. Era um casulo, a mariposa tinha colocado um casulo nele.

Claire quis vomitar, mas se conteve, olhando em volta atrás de algo para arrancá-lo. Havia papel amassado no cesto de lixo perto do baú, e ela pegou um pedaço.

“Espere um segundo”. Ela disse, impressionada com o quanto casual ela soou enquanto tirava o casulo do ombro dele. Não queria sair, a úmida teia agarrando firme, mas Claire conseguiu, soltando o casulo no chão instantaneamente. “Saiu”.

Steve virou e abaixou perto do papel, segurando a vela – e levantou abruptamente, tão enjoado quanto parecia. Ele desceu sua bota no casulo, forte, e geléia clara espirrou sob a sola.

“Ah, Deus”. Ele disse, sua boca para baixo. “Me lembre de vomitar depois que tivermos comido. E da próxima vez que formos lá, nada de fósforos”.

Ele checou suas costas – e nada, graças a Deus – e então eles dividiram os papéis sobre a mesa, Steve pegando os mapas e sentando no chão, Claire olhando o resto na mesa.

Inventários, contas, contas, listas... Claire esperou que Steve fosse mais sortudo. Pelo que conseguiu entender, eles estavam no que a Umbrella chamava de “terminal de transporte”, e foi construído numa mina abandonada – ela não sabia exatamente que tipo de mina, mas haviam vários pedidos de novos equipamentos e materiais de construção. Quase o suficiente para construir uma cidade pequena.

Ela achou uma série de mensagens entre dois senhores extremamente chatos, discutindo o orçamento da Umbrella para o próximo ano. Era ainda mais chato porque tudo parecia perfeitamente dentro da lei. Aquela sala pertencia a um deles, Tomoko Oda, e foi dele que Claire achou algo interessante, uma observação no meio de seus incontáveis relatórios datados da semana passada.

Obs: a propósito, lembra da história que você me contou quando vim aqui pela primeira vez, sobre o “monstro” prisioneiro?

Não ria, mas eu finalmente o ouvi, há duas noites, neste escritório. É tão assustador quanto as histórias dizem, um tipo de grito irritado de sofrimento que ecoou dos níveis inferiores. Meu assistente disse que os funcionários vêm ouvindo isso durante os últimos quinze anos, quase sempre tarde da noite – dizem que ele grita daquele jeito porque alguém esqueceu de alimentá-lo. Eu também ouvi dizer que ele é um fantasma, uma brincadeira, um experimento científico que deu errado, e até um demônio. Eu ainda não formei minha opinião, e sendo que nenhum de nós está autorizado a ir lá embaixo, eu suponho que isso continuará um mistério. Eu vou te contar, depois de ouvir aquele horrível e insano grito, eu não me interesso em descer além do B2.

Avise-me sobre aquele carregamento de válvulas de retenção. Atenciosamente, Tom.

Parecia que os trabalhadores de cima não sabiam o que acontecia embaixo. Talvez fosse melhor para eles, Claire pensou... talvez não, considerando a situação atual.

Steve riu de repente, um curto latido de vitória, e ficou de pé, sorrindo largamente. Ele abriu um mapa político da Antártida sobre a mesa.

“Nós estamos aqui,”. Steve disse, apontando para uma marcação em vermelho que alguém desenhou. “entre este posto japonês, Dome Fuji, e o pólo em si, em território australiano. E bem aqui fica uma estação de pesquisa australiana – estamos falando de quinze a vinte e cinco quilômetros no máximo”.

Claire sentiu seu coração pular uma batida. “Que ótimo! Se acharmos um bom equipamento podemos ir andando...”.

E se conseguirmos sair desse lugar, ela pensou, parte de seu entusiasmo desaparecendo.

Steve desdobrou um segundo mapa. “Espere, essa não é a parte boa. Veja isso”.

A cópia de uma planta. Claire estudou os diagramas a mão, vista lateral e superior de um alto prédio e seus três andares, os níveis de salas claramente rotulados – e se levantou, agitada demais para ficar parada. Era um mapa do prédio que estavam, não era alto, mas sim profundo.

“É aqui que nós estamos agora”. Steve disse, apontando para um pequeno quadrado denominado “escritório do gerente”, no nível B2. Ele traçou o dedo para baixo, para a esquerda e para baixo de novo, parando numa área de forma incomum no fim do diagrama. O pequeno texto dizia “câmara de mineração”, e havia um túnel rabiscado a lápis saindo da câmara dizendo “para a superfície/ inacabado” também, a lápis.

“E é para lá que precisamos ir”. Claire completou, balançando a cabeça incrédula. O mapa que Steve achou pouparia horas de procura, e com o pouco de munição que tinham, também salvaria suas vidas.

“Isso. Se encontrarmos portas fechadas, nós as quebramos ou atiramos na fechadura, talvez”.

Steve disse feliz. “E é quase um minuto andando daqui. Nós estaremos voando daqui a pouco”.

“Mas aqui diz que o túnel não está acabado–”. Claire começou, mas Steve a interrompeu.

“E daí? Se eles ainda estão trabalhando nele, deve haver algum equipamento por lá”. Steve disse, empolgado. “Aí diz câmara de mineração, certo?”.

Ela não podia contestar sua lógica, e não queria. Era quase bom

demais para ser verdade, e ela estava mais do que preparada para boas notícias... e apesar de significar outra corrida pelas mariposas, desta vez, eles estariam preparados.

“Você ganhou o prêmio”. Claire disse, cedendo ao seu próprio entusiasmo.

Steve ergueu sua sobrancelha inocentemente. “Sério? E qual é o prêmio?”.

Ela ia responder que estava aberta a sugestões quando um inesperado e alarmante barulho a impediu, invadindo o escritório de todos os lados vindo de lugar nenhum. Por uma fração de segundo ela achou que fosse uma sirene, era tão alto e penetrante, mas nenhuma sirene começava tão profunda e baixa, ou tinha níveis de intensidade com sentimentos de medo. Havia fúria no som, uma raiva cega tão completa que era incompreensível.

Congelados, eles ouviram enquanto o incrível e apavorante berro se esticava e morria, Claire imaginando quanto tempo havia passado desde sua alimentação. Ela não tinha dúvidas de que era uma das criações da Umbrella. Nenhum fantasma podia produzir um som tão visceral, e nenhum humano podia produzir tal raiva.

“Vamos agora”. Claire disse baixo, e Steve acenou ansioso e de olhos arregalados enquanto dobrava os mapas e os colocava de lado.

Eles aprontaram suas armas, bolaram um rápido plano e numa contagem até três, Steve abriu a porta.

Enquanto o ronco da monstruosidade ecoava, Alfred sorriu através das grossas barras de metal da úmida cela, admirando o trabalho de sua irmã. Ele também ajudou, claro, mas ela foi o gênio que criou o vírus T-veronica, aos dez anos de idade... e apesar de ela ter considerado seu primeiro experimento um fracasso, Alfred

não concordou. O resultado era profundamente gratificante de um modo particular.

As coisas estavam bem mais claras, desde que deixou Rockfort. Memórias tinham retornado, coisas que tinha enterrado ou perdido, sentimentos que esquecera. Depois de quinze anos na escuridão, de confusão e fantasias instáveis, Alfred sentiu que seu mundo finalmente estava ficando em ordem – e agora ele entendia porque sua casa tinha sido atacada, e o quanto isso foi bom.

“Eles também sabiam que era hora”. Alfred disse. “Se não fosse pelo ataque, eu teria continuado achando que ela estava comigo”.

Ele observou impressionado enquanto o monstro virava sua corrompida face na direção da porta, ouvindo. Ele estava acorrentado à sua cadeira, vendado, mãos presas para trás... e apesar de não ter sido capaz de nada durante uma década e meia, ele ainda respondia ao som das palavras.

Talvez ele ainda reconhecesse sua voz em algum nível de instinto animal.

Eu devia alimentá-lo, Alfred pensou, não querendo que ele morresse antes de Alexia acordar... mas isso seria um breve, muito em breve – talvez o processo já tenha começado. O pensamento o encheu de imaginação, ele estaria presente no miraculoso renascimento dela.

“Eu senti tanto a falta dela”. Alfred disse, suspirando. Tanto que ele criou um reflexo dela, para compartilhar os solitários anos de espera. “Mas ela logo emergiria como uma rainha soberana, sendo eu seu fiel soldado, e nunca nos separaremos de novo”.

Isso o lembrou de sua tarefa final, um último objetivo a ser cumprido antes que pudesse iniciar confortavelmente a espera final. Sua alegria ao descobrir o avião acidentado durou pouco ao achá-lo

vazio, mas ao lembrar do layout do complexo, ele percebeu que só poderiam estar em um lugar ou dois. Ele pegou um rifle da sala de armamentos em um dos outros prédios, uma Remington de ação rápida 30.06 com uma magnífica mira telescópica, um delicioso brinquedo que queria tentar usar. Ele não queria que Claire e seu amiguinho aparecessem num momento inoportuno, atrapalhando a celebração – De repente, Alfred começou a rir, uma idéia lhe ocorrendo. O monstro tinha que comer... porque não trazê-lo os dois intrusos? Claire Redfield trouxe destruição para Rockfort, tentou enterrar o nome dos Ashford, tal como o monstro tentara, de certo modo.

Ele consumirá os agentes inimigos em honrar ao retorno de Alexia... e então teremos uma reunião familiar particular, só nos três.

Ao som de sua gargalhada, a monstruosidade ficou agitada, puxando suas correntes com tal força que Alfred parou de gargalhar. Ele deu outro tremendo e longo grito, desejando se libertar, mas Alfred acreditava que as correntes agüentariam mais um pouco.

“Eu volto logo”. Alfred prometeu, levantando seu rifle e indo embora, imaginando o que Claire acharia de conhecer o pai de Alexia e Alfred sob circunstâncias tão incomuns – em outras palavras, sua própria morte sangrenta.

A monstruosidade era atraída por calor do corpo e cheiro de medo, como Alfred gostava de acreditar, querendo muito ver a pobre Claire sendo perseguida na escuridão.

Assim que Alfred começava a subir as escadas para o segundo nível, Alexander Ashford gritou de novo, como fez quinze anos atrás quando seus próprios filhos o drogaram, roubando sua vida.

Capítulo 11

Eles correram pela escuridão, Steve na frente de Claire, deixando a porta do escritório aberta.

Havia luz o suficiente para ver onde o corredor virava à direita, que era toda a luz de que precisavam. – direita, andar, porta direita, andar, degraus à esquerda – passou por sua mente, as direções simples para não cometer nenhum erro. A imagem do que Claire tinha tirado de suas costas ainda estava fresca em sua memória, e eles não sabiam o que mais as mariposas podiam fazer.

Dois saltos à frente e a primeira mariposa foi para eles, um borrão quieto e esbranquiçado, e Steve abriu fogo.

Bam-bam-bam! Três tiros e a coisa desintegrou, suaves barulhos enquanto os pedaços caíam no chão, e o resto delas veio, flutuando do corredor que ele e Claire queriam. Eles voavam sobre uma nuvem de cheiro podre, sombrias e fracas formas... e o que era aquilo, a grande coisa do tamanho de um homem presa no teto com teia? – não pense nisso agora, vai logo – "Agora!". Steve disse, e Claire correu atrás dele, desviando para a direita até o fim do corredor enquanto ele abria fogo, duas, três explosões.

Pedaços macios de asas, calor e meleca repulsiva choviam enquanto ele atirava nas formas escuras adiante, fazendo-o engasgar, as mariposas morrendo tão quietas quanto seu ataque. Ele sentiu uma delas em seu cabelo, sentiu algo quente tocando seu couro cabeludo, e se debateu desesperadamente, atirando, arrancando um casulo grudento da cabeça.

"Está aberta!". Claire gritou, mais perto do que esperava, e

apesar de planejar recuar, a sensação do casulo no cabelo foi o suficiente. Ele abaixou, cobriu a cabeça com um braço e correu.

Ele viu a silhueta dela na passagem da porta à direita e acelerou, correndo diretamente para o braço esticado dela. Claire agarrou sua camiseta de mão cheia e o puxou de lá, batendo a porta atrás deles – e então virou e começou a atirar, protegendo o corpo dele com o seu.

“Ei, o que–”.

Bam! Bam! A sala era enorme, os tiros ecoando para longe.

Havia um traço de luz vindo de algum lugar, mas Steve os ouviu antes de vê-los. Zumbis, gemendo e ofegando, aproximando-se deles. Ele só podia perceber os contornos, cambaleando e avançando, viu dois deles indo ao chão e mais dois ocupando o mesmo lugar.

“Eu estou bem!”. Ele disse entre os tiros, Claire dando um passo ao lado, gritando para ele cuidar do lado direito.

Steve mirou e atirou, piscando e espremendo os olhos no escuro, tentando tiros na cabeça. Ele derrubou três deles, depois um quarto, tão perto que ele sentiu sangue espirrando em sua mão. Ele a limpou imediatamente na calça, rezando para não ter nenhum corte aberto, para que não ficasse sem munição, mas havia outro zumbi, e outro – e então Claire o estava puxando de novo e ele parou de atirar, deixando-a guiá-lo para onde a sala de mineração deveria estar. Atrás deles, zumbis arrastavam os pés e uivavam, numa perseguição em câmera lenta. Ele tropeçou num corpo quente e pisou em outro, sentindo algo quebrar sob seus pés – e por mais indefeso e assustado que parecia, não foi nada se comparado ao grito de dor de Claire, sentindo os dedos dela soltarem seu braço.

“Claire!”. Aterrorizado, Steve tentou agarrá-la, mas só

encontrou ar – “Cuidado onde pisa, eu machuquei meu dedão”. Claire disse, irritada, não mais distante que meio metro, e ele sentiu seus joelhos enfraquecerem. Ele também podia sentir um corrimão de metal frio contra seu ombro direito – os degraus para a sala de mineração. Eles tinham conseguido.

Juntos, eles subiram os degraus, Claire ainda na frente – e quando ela abriu a porta, luz de verdade vazou, perfurando a escuridão.

“Graças a Deus”. Steve murmurou, segurando a porta enquanto Claire entrava – e antes que pudesse seguir, ele ouviu aquela perturbada gargalhada afeminada que tinha aprendido a odiar, e Claire jogou uma mão para trás acenando para ele parar, e ele soltou a porta e não se moveu, deixando-a apoiada na perna de Claire enquanto Alfred dizia algo e ela erguia as mãos vagarosamente.

Parecia que Alfred tinha rendido Claire...

... mas não eu, Steve pensou, sem perceber que sorria um pouco. Alfred tinha muito que responder, mas Steve estava certo de que em um minuto ou dois, não haveria mais nada para ele dizer, jamais.

Ele a tinha. Como previsto, eles – bom, ela tinha descoberto o túnel, a única saída do terminal que não precisava de chave. Ela não era burra, de modo algum, mas ele era superior, em intelecto e estratégia. Entre outras coisas.

Ainda parada na porta, Claire ergueu as mãos, suas expressões irritantemente vazias. Por que ela não estava com medo?

“Largue a arma”. Alfred mandou, seu dedo no gatilho do rifle. Sua voz amplificada naturalmente pelo poço de mineração que ocupava a maior parte do chão, ecoando pela fria câmara, soando

autoritária e um pouco cruel. Ele gostava de como soava forte, e soube que tinha funcionado quando ela soltou a arma sem hesitar.

“Chute-a para cá”. Ele ordenou, e ela obedeceu, arma batendo contra o concreto. Alfred não a pegou, e a chutou para o parapeito à sua esquerda, ambos escutando sua única esperança quicando nas pedras congeladas, perdida nas profundezas do poço.

Que maravilha exercer tanto controle!

“O que aconteceu com seu companheiro de viagem?”. Ele perguntou, com desprezo. “Ele sofreu um acidente? Ah, e afaste-se da porta, se não se importa. E mantenha as mãos onde eu possa vê-las”.

Claire avançou, a porta quase que totalmente fechada atrás dela, e ele viu um flash de tristeza cruzar seu rosto, soube imediatamente que tinha marcado um ponto. Menos comida para o papai, mas Alfred duvidava que a monstruosidade iria reclamar.

“Ele está morto”. Ela disse. “O que aconteceu com Alexia? Ou estou falando com ela – você sabe, vocês dois se parecem muito...”.

“Cale a boca, mocinha”. Alfred resmungou. “Você não merece dizer o nome dela. Você já sabe que é hora dela retornar, foi por isso que seus amigos atacaram Rockfort, para atraí-la – ou vocês esperavam matá-la logo de cara, interromper seu primeiro suspiro?”.

Claire agiu confusa, determinada a continuar seu disfarce, mas Alfred não queria ouvir mais nenhuma de suas mentiras. O jogo estava perdendo interesse para ele. Perto do iminente triunfo de Alexia, nada mais importava.

“Eu já sei de tudo,”. Ele falou. “não precisa se preocupar. Agora venha comigo–”.

Claire olhou de repente para cima e à direita, para a plataforma elevada onde o túnel começava.

“Cuidado!” Ela gritou, indo ao chão enquanto Alfred virava, vendo apenas a grande escavadeira e a escura entrada do túnel – e a porta abrir violentamente atrás de Claire, o rapaz mergulhando e aterrissando de lado, apontando a arma para ele, para ele.

Furioso, Alfred girou o rifle e apertou o gatilho, três, quatro vezes, mas não teve tempo bastante para mirar apropriadamente, os tiros explosivos desorientados – e foi como se uma mão gigante empurrasse Alfred para trás, levando seu fôlego, o rapaz atirando até a arma clicar.

O camaleão Alfred cambaleou mais um passo para trás e abriu a boca para rir, pronto para matar os dois e, e o rifle não estava mais em suas mãos, ele o tinha largado por algum motivo, e seu riso foi apenas uma molhada e dolorosa tosse – e algo cedeu atrás dele, e então estava caindo no poço de mineração. Ele aterrissou numa grossa camada de gelo e começou a levantar, mas havia uma grande dor em seu peito. Seria possível ter sido baleado?

Quase sem som, o gelo cedeu à sua volta e ele gritou, caindo, Alfred tinha que vê-la mais uma vez, tinha que tocá-la, mas podia ouvir seu pai gritando também, indo para ele, e então tudo foi perdido em dor e escuridão.

O som do terrível e monstruoso berro que surgiu para encontrar o de Alfred os fez andar, Claire parando tempo suficiente para pegar a Remington antes de alcançar Steve na plataforma elevada.

Com Steve sem balas e a sua chutada no poço, era a única arma.

Eles entraram na cabine de uma grande escavadeira amarela,

na frente de um túnel ascendente, Steve assumindo o volante – e de novo, eles ouviram aquele profundo e insano grito, e que definitivamente estava mais perto, o monstro prisioneiro solto em algum lugar.

Steve apertou um monte de botões, acenando e sussurrando consigo mesmo. Claire ouvia enquanto verificava o rifle – apenas seis balas – descobrindo que o maquinário de escavação, um enorme trator em forma de prego, na verdade, aquecia para derreter o gelo. Ela não se importava como funcionava, desde que saíssem de lá antes que o monstro os achasse.

Com o pesado maquinário ganhando vida, Steve explicou que o túnel provavelmente não foi terminado porque os trabalhadores resolveram não usar o aquecedor a fim de não inundar o complexo.

“Mas nós não”. Ele disse, sorrindo. “O que você acha de fazermos um lago?”.

“Vai nessa”. Ela disse, sorrindo também, desejando estar um pouco mais entusiasmada. Deus, eles estavam escapando, e com Alfred Ashford finalmente morto, não havia ninguém em seu caminho.

Mas porque ela se sentia tão insegura?

Foi aquela baboseira sobre a irmã dele... loucura, sim, mas trouxe uma pergunta que ainda não tinha resposta – por que Rockfort tinha sido atacada?

Steve acelerou e a máquina avançou. Não havia cinto de segurança, e Claire colocou uma mão no teto, a escarradeira balançando mais do que o avião antes de bater. A visão estava quase totalmente bloqueada pelo parafuso gigante, mas deu pra perceber quando atingiram o fundo do túnel.

O barulho foi incrível, ensurdecedor, como pedras num liquidificador vezes cem. Tinha um cheiro deu vapor queimado, e enquanto avançavam em total escuridão, ela podia ouvir o gelo derreter mesmo sob o barulho, enquanto cachoeiras lavavam a cabine.

O barulho parecia não acabar mais enquanto continuavam subindo – e então o veículo gaguejou chacoalhando, a tração forçando – e de repente luz inundou a cabine, cinza, sombria e bonita.

A escavadeira se arrastou para fora do novo buraco perto da torre, Claire reconhecendo o heliporto enquanto Steve apontava para os veículos de neve perto da base. Estava nevando, o úmido frio entrando na cabine um minuto depois de chegarem na superfície. Havia um vento soprando, a neve levemente inclinada – não uma nevasca, mas constante.

“Terra ou ar”. Steve perguntou, e Claire percebeu que ele estava começando a tremer. Tal como ela.

“Você é quem manda, menino voador”. Ela disse. No helicóptero seria mais rápido, mas ficar no chão parecia mais seguro. “Dá pra decolar com o parafuso?”.

“Desde que não fique pior”. Ele disse, olhando para a torre, mas não parecia certo. Ela estava para sugerir um dos carros de neve quando ele deu com os ombros, abrindo a porta e deslizando para fora, chamando-a por sobre o ombro.

“Eu sugiro a torre, menina voadora”. Ele disse. “Podemos ver se realmente temos escolha”.

Ela também saiu, jogando o pescoço para trás, mas não conseguiu ver o topo da torre. E estava frio, de congelar.

“Que seja, vamos andar rápido”. Claire disse, pendurando o rifle no ombro.

Steve correu para a escada, Claire o seguindo, congelada, mas alegre, de repente feliz por poder escolher, por decidir o que podiam fazer, e como podiam fazer. E de qualquer modo, eles estariam na estação australiana em torno de uma hora, envoltos num cobertor e bebendo algo quente, contando suas histórias.

Bom, ao menos as partes mais plausíveis, ela pensou, subindo a escada recém lixada atrás dele.

Até mesmo as pessoas com mais mente aberta do mundo não acreditariam em metade do que tinham para contar.

Sua alegria estava por um fio enquanto se aproximavam do topo, três andares acima, seus dentes batendo – e quando Steve virou, franzindo, ela não quis mais nada além de ficar quente.

“Não tem helicóptero”. Ele disse, neve começando a grudar em seu cabelo. “Eu acho que iremos–”.

Ele viu algo atrás dela e sua face de repente se contorceu com terror e surpresa. Ele se esticou para levantá-la, mas ela já estava em movimento.

“Vai!”. Ela disse, e ele virou para destrancar a escada, Claire a meio passo atrás dele. Ela não sabia o que ele tinha visto – sim você sabe – mas pelo olhar no rosto dele, ela sabia que não o queria atrás dela.

Era a coisa, o monstro, estava solto e vindo atrás de você, seu medo bem motivado, e então, Steve a estava puxando pelo braço, arrastando-a pelos últimos degraus. Ela cambaleou pela grande e vazia plataforma, as linhas de pouso parcialmente cobertas pela neve, uma neblina acinzentada tornando difícil enxergar.

“Me dê o rifle”. Ele pediu, e ela ignorou, virando para ver se era verdade, para ver se identificava a terrível dor que o fazia gritar daquele jeito – e assim que ele subiu na plataforma, ela viu que era verdade, e reconheceu o problema imediatamente. Ela empunhou o rifle e recuou, acenando para Steve ficar atrás dela.

Alfred acordou num mundo de dor. Ele mal podia respirar, e tinha sangue em seu rosto, nariz e boca, e quando tentou se mexer, a agonia foi instantânea e abrangente. Cada centímetro dele estava quebrado, cortado, esmagado ou perfurado, e sabia que iria morrer. Tudo o que restou foi sua rendição ao escuro. Ele estava com muito medo, mas doía tanto que talvez dormir fosse o melhor...

... Alexia...

Ele não podia desistir, não tendo estado tão perto – não estando tão perto. Ele forçou a abertura dos olhos, e viu através de uma fina camada vermelha, que estava numa das plataformas do nível inferior que se sobressaía do poço de mineração. Ele tinha caído pelo menos três níveis, talvez tanto quanto cinco.

“Aa, lexii-aa”. Ele suspirou, e sentiu sangue borbulhando em seu peito, sentiu ossos estalando enquanto se movia, sentiu medo da dor que enfrentaria – mas ele iria até ela, porque ela era seu coração, seu grande amor, e ganharia forças vendo seu nome nos lábios dela.

“Me dá o rifle”. Steve disse de novo, observando a coisa dar seu primeiro passo na direção deles, mas Claire não estava escutando. Ela tinha um olho na mira telescópica, estava vendo o que ele via, ampliado – e o que ele viu era uma abominação.

De olhos vendados, suas mãos amarradas para trás, vestindo apenas uma capa de couro manchada em torno da cintura, a criatura tinha sofrido terrivelmente, sem dúvida; ele podia ver as

cicatrizes, as amarras velhas, marcas de sangue nas algemas em seus calcanhares. Parecia quase humano, mas seu tamanho exagerado e pele estranha – uma variação de cinzas, sustentado por magros músculos rasgados em alguns lugares, expondo carne crua. Seu peito estava descoberto, e ele podia ver um vermelho pulsante no centro do tórax, um alvo fácil – e por alguns segundos, Steve pensou estarem a salvo, o monstro não tinha armas – e houve o som de algo eclodindo e rasgando, e quatro tentáculos assimétricos, como as pernas de um inseto, desdobraram-se de suas costas, o mais longo com cerca de três metros, brotando de seu ombro direito como a cauda de um escorpião. Ele deu outro passo à frente – e um líquido escuro estava sendo borrifado de seu corpo, de seu peito ou das costas. Assim que as gotículas tocavam o cimento congelado, um denso gás roxo começou a evaporar, soprado pelo vento em várias direções.

A coisa soltou um rosnado pesado sem palavras, e deu outro passo na direção deles, seus novos braços passando sobre sua cabeça sem cabelo, balançando de um lado ao outro. Ele mal podia se equilibrar, quando o pensamento lhe ocorreu, Steve já estava correndo.

Vá abaixado, cabeça para baixo, empurre ele enquanto ainda está na beirada – "Steve!". Claire gritou amedrontada, mais ele já estava quase lá, perto bastante de seu ácrido gás natural para agredir suas narinas, devia ser veneno, tenho que afastá-lo dela – e pouco antes de empurrá-lo, algo violento o acertou, uma pancada nas costas que o fez voar para o chão.

"Steve!". Claire gritou de novo, desta vez horrorizada, porque ele estava deslizando pelo gelo, e apesar de estar lutando para parar, de repente não havia mais plataforma.

Steve estava a apenas alguns passos do monstro quando seu

estranho braço ou acertou, jogando-o para o lado.

“Steve!”.

Steve deslizou pelo chão como uma pedra achatada na água, e desapareceu no fim da plataforma.

Ah, meu Deus, não!

Claire perdeu fôlego, a dor emocional atingindo ela como um soco, agudo e forte no estômago. Ele estava tentando protegê-la, e tinha lhe custado a vida. Por um segundo, ela não conseguiu se mover nem respirar, não conseguiu sentir o frio e nem se importar com o monstro.

Mas só por um segundo.

Ela olhou para o cambaleante e torturado animal indo na sua direção, sabia que sua fúria vinha sendo alimentada há tempos, longos anos de abuso, experiências, e não sentia nada. O coração de Claire tinha se fechado, sua mente de repente mais fria que seu corpo. Ela corrigiu a postura, posicionando uma bala na câmara do rifle, avaliando a situação com critério.

Ela certamente podia contorná-lo, deixá-lo na plataforma e alcançar um quilômetro antes que ele pudesse fazer a volta – mas isso não era uma opção, não mais. Sua morte seria por piedade, mas isso não cabia a ela calcular.

Eu matei Steve, e agora vou matar a coisa, ela pensou, e andou para o canto noroeste do heliporto, o mais distante da escada. De tentáculos pairando sobre a cabeça, o monstro virou-se dolorosamente devagar, seu rosto cego finalmente em sua direção.

Ele deu um outro ronco profundo e desalmado, e seu corpo expeliu mais líquido, algum tipo de ácido ou veneno, provavelmente. Ela imaginou quem tinha criado tal coisa, e como –

ele não era um zumbi infectado pelo T-virus, e pelo seu estado de abuso e tormento, não era uma arma desenvolvida. Ela acreditava que nunca descobriria.

Claire empunhou o rifle e olhou através da mira, focalizando a massa pulsante em seu peito, e depois em seu vazio rosto cinza. Ela não sabia quanto a massa em seu peito, mas tinha certeza de que não sobreviveria a um tiro na cabeça de uma 30.06. Ela não queria perder tempo perseguindo o monstro, ou causar dor desnecessária; ela só o queria morto.

Ela mirou no meio da testa. Ele tinha um queixo forte e um fino nariz abaixo da pele enrugada, podendo um dia ter sido bonito, ou até mesmo um aristocrata.

Talvez seja outro Ashford, ela pensou com gozação e ironia.

A cabeça do monstro partiu ao meio quando a bala encontrou seu alvo. Pedaços de osso e massa cerebral voaram, todos tão cinza quanto o cinza do céu, vapor subindo da tigela que um dia foi seu crânio – caindo sobre os joelhos, os braços mutantes chacoalhando sob a neve, sua face arruinada indo de encontro ao chão.

Claire não sentiu nada, nenhum prazer, medo ou pena. Estava morto, e só, e era hora de partir. Ela ainda não sentia o frio, embora seu corpo chacoalhasse violentamente e seus dentes batiam fora do controle, e ela soube que era a hora de se esquentar – “Claire?”.

A voz era fraca, trêmula e inconfundivelmente de Steve, vinda do canto leste da plataforma. Claire olhou para o espaço vazio durante uma fração de segundo, totalmente confusa – e correu, mergulhando de joelhos e mãos sobre a suave camada de neve, esticando o pescoço para encontrá-lo estranhamente abraçado num cano dar estrutura de apoio, agarrando o metal congelado com os dois braços e uma perna.

Seu rosto estava quase azul de frio, mas quando a viu, seus olhos acenderam, um olhar de incrível alívio cruzando suas pálidas feições.

“Você está viva”. Ele disse.

“Essa fala é minha”. Ela respondeu, soltando o rifle e debruçando-se para agarrar seu braço. Foi difícil, mas em outro minuto, Steve estava de volta na plataforma, e ambos ficaram de joelhos, frio demais para fazer qualquer coisa além de esperar.

“Eu sinto muito, Claire”. Ele disse miseravelmente, seu rosto enterrado no ombro dela. “Eu não consegui pará-lo”.

O coração dela se abriu quando o encontrou vivo, e agora estava apertado dolorosamente. Ele tinha dezessete anos de idade, sua vida destruída pela Umbrella, e quase morreu tentando salvá-la. Outra vez. E ele sentia muito.

“Não se preocupe, eu o peguei desta vez”. Ela disse, determinada a não chorar. “Você pega o próximo, tá bom?”.

Steve acenou, sentando nos calcanhares e olhando para ela. “Eu vou”. Ele disse, tão veementemente que ela teve de sorrir.

“Legal”. Ela disse, e levantou, estendendo a mão para ele. “Isso vai me poupar trabalho. Agora vamos pegar o carro de neve, sim?”.

Apoiados um ao outro e ficando próximos para aquecer, eles foram para a escada, nenhum deles querendo se separar.

Capítulo 12

Alexia Ashford viu seu irmão morrer aos seus pés, sangrando com muita dor, estendendo o braço para tocar seu tanque de estase com admiração em seus olhos. Ele nunca foi muito brilhante ou competente, mas ela o amava, muito. Sua morte era uma grande tristeza... mas também o sinal que estava esperando. Era hora de sair.

Ela sabia durante meses que o fim estava próximo – ou o começo, a emersão de uma nova vida na Terra. Sua estase permaneceu estável durante os quinze anos que precisou, sua mente e corpo inconscientes da vida – sem ciência de que estava suspensa em fluído amniótico congelado, suas células adaptando-se vagarosamente ao T-Veronica.

No ano passado, isso tinha mudado. Ela tinha previsto que dado tempo suficiente, o T-Veronica elevaria a consciência para novos patamares, expandindo áreas da mente que ultrapassariam os simplistas sentidos humanos, e ela estava correta. Durante os últimos dez meses, apesar da estase, ela começou a experimentar, testar sua lucidez... e conseguiu enxergar através de seus olhos humanos, quando desejasse.

Alexia projetou sua mente e desligou as máquinas de suporte. O tanque começou a drenar, e ela olhou para seu querido irmão, triste por estar morto. Ela decidiu não empregar suas emoções, mas ela já foi humana como ele; parecia apropriado.

Quando o tanque esvaziou, Alexia o abriu, pisando em seu novo mundo. Havia poder em todo lado, seu poder, mas naquele momento ela sentou em frente ao tanque e apoiou a cabeça

ensangüentada de Alfred no colo, sentindo a tristeza.

Ela começou a cantar, uma canção infantil que seu irmão gostava, tirando o cabelo de sua pálida face. Havia tristeza nas linhas em torno de seus olhos e boca, e ela imaginou como devia ter sido sua vida. Ela pensou se ele ficou em Rockfort, na casa de Veronica, o lar de seus ancestrais.

Ainda cantando, ela tentou alcançar seu pai – e ficou surpresa ao não encontrá-lo, talvez morto ou além do alcance de sua percepção. Ela tinha tocado sua mente recentemente, estudando o que tinha restado dela. De certo modo, ele foi responsável pelo que ela tinha se tornado; o T-Veronica tinha despedaçado sua mente, levando-o à loucura... como teria feito com ela, caso não tivesse testado nele antes.

Ela ampliou sua percepção, encontrando doença e morte nos níveis superiores do terminal. Uma pena. Ela estava pensando em começar suas experiências de novo, imediatamente; sem objetos de teste, ela não tinha motivos para ficar.

Ela encontrou duas pessoas não muito longe do complexo da Umbrella e decidiu flexionar seu controle sobre substâncias, para ver quanto esforço seria necessário – e descobriu que mal precisava de esforço. Ela se concentrou por alguns segundos, viu um homem e uma mulher dentro de um veículo de neve, e desejou que fossem trazidos de volta para o complexo.

Instantaneamente, linhas de matéria orgânica rasgaram um caminho através do gelo, na direção do veículo. Impressionada, Alexia observou com seus sentidos enquanto um tentáculo gigante de substância recém-formada subia e abraçava o veículo, erguendo-o no ar sem esforço algum – e depois o arremessou na direção do complexo. O veículo capotou várias vezes, o motor pegando fogo, finalmente parando contra um dos prédios da Umbrella.

Ambos ainda estavam vivos, e ela pensou, satisfeita. Ela podia usar um deles numa experiência que vinha planejando há semanas, e certamente acharia um bom uso para o outro mais tarde.

Alexia continuou cantando para seu irmão morto, intrigada pelas mudanças que estavam por vir, procurando ganhar o máximo de domínio sobre seus poderes. Ela acariciou o cabelo dele, sonhando.

Capítulo 13

As coisas foram de mal a pior bem rápido quando ele finalmente alcançou a ilha. Chris ficou de pé no topo do rochedo no começo da noite, recuperando o fôlego, xingando a si mesmo. Tudo estava naquela mochila – armas e munição, equipamento de escalada para que pudesse voltar ao barco, lanterna, kit básico de primeiros socorros, tudo.

Nem tudo. Você ainda tem três granadas no seu cinto, sua mente lhe disse. Ótimo. Na metade da subida ele perdeu o equilíbrio e perdeu a mochila, mas parecia que ainda tinha seu senso de humor.

É, vai ser um longo caminho para salvar Claire. Barry estava certo. Eu devia ter trazido reforços.

Bom. Ele podia ficar parado lá o dia inteiro desejando que as coisas fossem diferentes, ou podia ir andando; ele escolheu andar.

Chris se curvou e entrou na baixa caverna que escolheu como ponto de partida, uma área isolada, mas definitivamente conectada o resto do complexo – havia uma antena de rádio do lado de fora, e quando corrigiu a postura, viu que ele estava numa grande câmara aberta, as paredes e teto em sua forma natural, mas o chão completamente nivelado.

Havia luz em algum lugar adiante, e Chris foi até ela, cruzando os dedos para que não atrapalhasse nenhum jantar de militares da Umbrella. Ele duvidava. Pelo que tinha visto da ilha, o ataque mencionado por Claire tinha sido extremamente brutal.

Ele tinha dado doze passos dentro da sombria caverna quando

um pequeno tremor a chacoalhou, fazendo pedras e poeira choverem em sua cabeça – e bloqueando a entrada que acabara de cruzar, o som das rochas bem distintos. Parece que o ataque tinha tornado a ilha um pouco instável.

“Que maravilha”. Ele murmurou, mas de repente ficou feliz sobre as granadas. Não que fossem ajudar muito aqui. Mesmo se conseguisse explodir a abertura sem trazer tudo abaixo, ainda seria muito alto para pular, e a corda estava na mochila; a não ser que estivesse tendo aulas, Claire não poderia descer sem ajuda – “O que?”. Alguém sussurrou, e Chris se abaixou na defensiva, procurando nas sombras – e viu um homem no chão da caverna, encostado numa parede. Ele vestia uma camiseta branca rasgada com sangue, suas calças e botas militares – ele era da Umbrella, e não estava muito bem.

No entanto, Chris virou de lado, pronto para chutar seu traseiro caso espirrasse.

“Eu não sabia que ainda tinha gente por aqui”. O homem disse, fraco, e tossiu um pouco. “Pensei que eu fosse o último... depois da autodestruição”.

Ele torceu de novo, obviamente não muito longe da morte. Suas palavras sumiram, criando um nó no estômago de Chris. Autodestruição?

Ele agachou, tentando manter seu tom de voz. “Estou aqui procurando uma garota, seu nome é Claire Redfield. Você sabe onde ela está?”.

Ao ouvir o nome de Claire, o homem sorriu, mas não para Chris. “Um anjo. Ela fugiu. Eu ajudei... a deixei ir. Ela tentou me salvar, mas foi tarde demais”.

A esperança se renovou.”Você tem certeza que ela fugiu?”.

O homem condenado acenou. “Ouvi os aviões partindo. Vi um jato saindo do subsolo, debaixo do...”. Ele tossiu. “do tanque. Você deve ir, também. Não há mais nada aqui”.

Chris pôde sentir um pouco de seu estresse e medo ir embora, tensões em seu pescoço e costas aliviando. Se ela foi embora, estava a salvo.

“Obrigado por ajudá-la”. Ele disse, com sinceridade. “Qual é seu nome?”.

“Raval. Rodrigo Juan Raval”.

“Eu sou irmão de Claire, Chris”. Ele disse. “Deixe eu te ajudar, Rodrigo, é o mínimo que posso fazer e–”.

Eeaaaaaaa!

Um ensurdecedor choro animal preencheu a caverna, e na mesma hora, outro tremor aconteceu, um dos ruins, o solo tremendo tão forte que Chris perdeu o equilíbrio – e terra irrompeu, e Chris pensou ser uma explosão, uma fonte de areia e rochas cuspindo para cima – mas continuou subindo, e Chris conseguiu ver uma grossa e asquerosa meleca por debaixo dela, por de sentir o cheiro de enxofre e podridão, viu o imenso cilindro de borracha continuar subindo – e então gritou de novo, o topo do cilindro ser contorcendo, pequenos tentáculos em sua uivante garganta, e Chris ficou de pé, tirando uma granada do cinto – e a minhoca gigante voltou ao chão, de boca aberta – e engoliu Rodrigo antes de mergulhar no solo onde estava sentado. O monstro mergulhou no solo como um mergulhador na água, seu impossível e longo corpo arqueando, acompanhando o resto.

Jesus!

Chris se afastou de lá enquanto o chão continuava tremendo, a

criatura remanejando pedras, terra e areia em torno dele, e percebeu que devia matá-la ou fugir rápido, que podia facilmente surgir de novo para outro lanche rápido.

Ele correu para parede de fora da caverna, bolando um plano de emergência enquanto o verme emergia do chão atrás dele, sua boca insana abrindo enquanto hesitava no ápice da elevação, pronto para mergulhar sobre ele, pedras chovendo – e Chris tirou o pino da granada e correu na direção da parte da criatura que se encontrava com o chão.

Loucura, isso é loucura – Ele agachou pouco antes de alcançar o sujo e musculoso corpo, e posicionou a granada no chão bem na frente da criatura, com o máximo de cuidado para não ativá-la – e então procurou cobertura atrás do corpo da minhoca, rolando no chão, cobrindo a cabeça enquanto a criatura começava a descer, berrando – e BOOM, a explosão fez o chão tremer mais forte do que o animal, o berro parou, o som da granada abafado por meia tonelada de tripas da minhoca que voaram em todas as direções, fedendo e quentes, pintando as paredes da caverna com baldes de gosma viscosa.

Chris rolou pelo chão, ensopado, observando a frente do animal se contorcendo, já morto – e enquanto seus músculos e reflexos apertavam pela última vez, a minhoca expeliu um jato de ácido estomacal e pedras por seu ventre, vomitando sua última refeição.

Rodrigo!

Antes que o enorme corpo tocasse o chão, Chris já estava ao lado de Rodrigo, horrorizado e indefeso, dominado pelo choque e pela dor. Ele estava coberto por uma bile amarela, e Chris podia ver lugares onde o líquido já tinha começado corroer sua pele.

Rodrigo soltou um leve gemido, fraco demais para gritar com a

incrível dor, e Chris rasgou a própria camiseta para limpar o rosto de Rodrigo.

“Você vai ficar bem, apenas relaxe, não tente falar”. Chris disse, totalmente ciente de que Rodrigo estaria morto em minutos, talvez segundos. Ele continuou falando, mantendo o tom de voz apesar do pavor.

Rodrigo abriu os olhos, e apesar de estarem cheios de sofrimento, também tinham aquele molhado e distante olhar de alguém que está partindo, alguém perto de se livrar da dor e do medo.

“Direito... bolso...”. Rodrigo suspirou. “O anjo... deu... para sorte”.

Rodrigo respirou fundo bem devagar, e exalou com a mesma velocidade, uma exalação que parecia não terminar mais, e então se foi.

Chris automaticamente fechou seus olhos entre abertos, triste e ao mesmo tempo aliviado com a morte de Rodrigo, pelo fim de uma vida, mas também pelo fim do sofrimento.

Descanse, amigo.

Suspirando, Chris alcançou o bolso de Rodrigo, sentiu um metal morno – e tirou o velho e pesado isqueiro que tinha dado a Claire há muito tempo. Para dar sorte.

Chris o segurou em seu peito, de repente tomado por uma onda de amor por sua irmã. Ela carregou o isqueiro com ela durante anos, mas desistiu dele para aliviar a mente de um homem morrendo, possivelmente o homem responsável por sua captura.

Ele o guardou em seu bolso e levantou, grato pela oportunidade de devolvê-lo para ela – e de dizer que o objeto tinha

feito a diferença nas últimas horas de Rodrigo, que tinha sorrido ao ouvir seu nome. Mesmo Claire não precisando ser resgatada, a viagem de Chris para ilha já tinha valido a pena.

O fedor da caverna estava chegando até ele, e agora que sabia que sua irmã estava a salvo, tudo que restava era ir para casa. A entrada tinha sido bloqueada, e ele não tinha uma arma decente, mas se alguém ativou o sistema de autodestruição da Umbrella – parecia que todos os seus laboratórios ilegais tinham esse tipo de dispositivo, um bom jeito de destruir evidências caso algo desse errado – então não teria problemas para achar o tanque que Rodrigo tinha mencionado, poderia ter outro jato à disposição.

“Não tenho escolha”. Ele disse suavemente, e com uma oração final por Rodrigo, ele foi atrás do que procura.

* * *

Havia uma briga prestes a começar em um dos monitores restantes da sala de controle, e Albert Wesker, frustrado com um dia de procura sem resultados e não querendo enfrentar outro longo vôo, puxou uma caixa e sentou para observar. Ele tinha dispensado todo mundo e estava sozinho – mas disse que tinha esquecido de alguém, que alguém ainda estava andando pela ilha...

... mas não por muito tempo, ele pensou, feliz, desejando que a recepção fosse melhor; graças àquele fracassado Alfred Ashford, o sistema de autodestruição tinha bagunçado tudo... e finalmente, algo interessante estava para acontecer.

Deus, ele está desarmado!

Maluco, pouco ou totalmente ignorante quanto à situação da

ilha. Wesker sorriu. O homem desarmado estava andando pelo complexo de treinamento um andar abaixo, e estava para encontrar uma das mais novas armas biológicas da Umbrella, uma que estava presa nos esgotos até que Wesker apareceu e a libertou. Eles estavam próximos; quando o idiota fizer a curva, estará morto.

Wesker ajustou seus óculos escuros, prazerosamente despreocupado com seus afazeres.

Sweepers (varredores), era como a Umbrella os chamava, mas eles eram basicamente Hunters com garras venenosas – enormes anfíbios violentos. Na opinião de Wesker, os Hunters, a série 121, já era perfeitamente eficaz sem o toque extra de veneno.

Mas é a cara da Umbrella, sempre desperdiçando recursos, fazendo brincadeiras enquanto podiam estar vencendo guerras.

Sim, sim, mas em alguns segundos haveria carnificina. Wesker deixou seu desgosto pela companhia de lado e se curvou para assistir.

O idiota sem arma – um homem alto com cabelo castanho avermelhado, era tudo o que a estática permitia enxergar – estava a dois passos do desastre, o Sweeper esperando na próxima curva... até que ele parou e encostou na parede danificada.

Wesker franziu. O homem começou a recuar, devagar e com cuidado, ainda encostado na parede.

Talvez não fosse um idiota completo.

Ele tinha recuado metade do corredor quando o Sweeper finalmente perdeu a paciência, decidindo entrar em ação. Não havia sistema de som ativo, mas a criatura tinha levantado a cabeça e estava gritando, aquele esquisito e rouco grito ecoando até Wesker através do prédio arruinado um segundo depois.

“Pega ele”. Wesker falou, ansioso, olhando para o pobre condenado... bem a tempo de vê-lo arremessando algo, algo pequeno e escuro, o Sweeper saltando ainda gritando, o objeto caindo à sua frente – E o prédio chacoalhou, os monitores mostrando branco e depois preto, o profundo trovão do explosivo fazendo o chão tremer.

Wesker ficou impressionado. E furioso. A criatura era um milagre da ciência, um guerreiro criado para batalhar – quem era o idiota que o tinha explodido?

Um idiota morto, Wesker pensou, empurrando a caixa e indo para a escada. Ele desceu dois degraus por vez, cuidadosamente passando por alguns focos de incêndio, ciente de que estava canalizando todas as suas frustrações e preocupações para o desconhecido soldado, sem se importar. Alexia não estava em Rockfort, o que significava que precisava ir para a Antártida, para o único outro complexo que poderia estar; para o que mais Alfred teria ido lá? E se Wesker não achá-la antes de acordar, irá para casa de mãos vazias... o que o levaria ao fracasso, e se havia alguma coisa que Wesker odiava, era perder.

Ele marchou através dos destruídos restos do complexo de treinamento, alcançando o corredor que queria, silenciando seus passos enquanto avançava. Ainda havia fumaça no ar quando alcançou a curva onde o conflito tinha acontecido, não tinha sobrado muito do Sweeper. A maior parte dele estava grudada nas paredes e no teto.

Ali, adiante e a esquerda; ele podia cheirar o intruso, podia sentir o cheiro de suor e ansiedade emanando do pequeno laboratório onde estava refugiado.

Isso vai machucá-lo mais do que machucaria a mim, ele pensou, seu humor aumentando um pouco com a possibilidade de

uma pequena interação pessoal.

Não querendo ser explodido, Wesker não hesitou, não deu a chance para o cara ficar alerta. Ele invadiu a sala, viu o futuro cadáver de costas e andou. Movendo-se do modo como só ele podia – num segundo ele estava na porta, no outro ele estava contornando o intruso, levantando-o pelo pescoço – Ah, não!

Chris, que esteve no S.T.A.R.S. de Raccoon, levado – sob o comando de Wesker – para a mansão de Spencer, onde acabou arruinando os planos de Wesker. Chris Redfield o fez perder dinheiro e, por pouco, sua vida – mas o pior de tudo, ele foi o principal responsável pelo maior fracasso da carreira de Wesker.

Wesker se recuperou rapidamente, uma obscura e maravilhosa alegria tomando conta de seu corpo. “Chris Redfield, enquanto eu viver e respirar – o que o trouxe a Rockfort, se não se importa em...”.

Wesker parou, ainda olhando para a avermelhada face de Redfield enquanto lutava inutilmente contra seus dedos. A garota, claro! Ele nem sabia que Chris tinha uma irmã, mas a carta que Alfred Ashford tinha deixado para trás explicava tudo... incluindo seus planos para a jovem Claire Redfield.

“Ela não está aqui”. Wesker disse, sorrindo. Com sua mão livre, ele ajustou os óculos escuros.

“Você... você está morto”. Chris engasgou, e Wesker sorriu mais, não se importando em responder tal afirmação.

“Não mude de assunto, Chris. Você quer saber onde Claire está, hein? Você sabia que o avião dela fez com pequeno desvio não planejado para a Antártida?”.

Chris estava morrendo de choque lentamente, mas Wesker

podia ver que a notícia sobre sua irmã o estava afetando mais do que sua morte iminente. Maravilha!

“Há experiências sendo conduzidas lá”. Wesker zombou sussurrando, como se estivesse contando um segredo. “Eu planejo ir para lá, ver se consigo fazer um ou dois dos experimentos... me diga, a sua irmã é atraente? Será que ela estaria interessada em alguma ação, porque eu tenho uma dureza que você não imagina–”.

Chris golpeou Wesker, a indefesa fúria em seus olhos absolutamente maravilhosa. Ele acertou Wesker no rosto, derrubando seus óculos escuros no chão... e Wesker riu, levantando olhar e piscando devagar, deixando-o ver. Ele próprio ainda não estava acostumado, o olho felino vermelho e dourado ocasionalmente o surpreendia na frente do espelho – e causaram o efeito exatamente como esperava.

“O que... é você?”. Chris roncou.

“Eu estou melhor, é isso”. Wesker disse. “Novos patrões, você sabe. Depois da mansão de Spencer, eu precisei de uma pequena ajuda para ficar de pé, coisa que eles estavam perfeitamente desejando fornecer. Você acha que Claire gostará?”.

“Monstro”. Chris resmungou.

Eu vou te mostrar o monstro, seu merda.

Wesker começou a fechar a mão, devagar, observando os olhos de Chris saltarem, a veia em sua testa inchando – e foi interrompido pelo som de uma gargalhada. Fria, feminina, preenchendo a sala, cercando-os.

“Vocês não querem jogar comigo?”. A voz disse, a mesma mulher, suave, sensual e perigosa, e então começou a rir de novo, um impiedoso e bonito som que finalmente terminou em nada.

Alexia!

Deus, ela já tinha acordado... e o tipo de poder que a fez achá-lo aqui, que a fez se projetar tão longe...

Wesker jogou Chris para o lado, mal ouvindo a parede de gesso rachar sob seu inútil corpo, seus pensamentos tomados por Alexia. Ele tinha que ir até ela imediatamente. Ele precisava dela, e não apenas pela amostra... ele pegaria o que pudesse.

"Estou indo". Ele disse, pegando seus óculos escuros e movendo-se, correndo pelo arruinado complexo até onde seu avião particular esperava. Chris Redfield era seu passado; Alexia era seu futuro.

Chris engatinhou e ficou de pé logo depois que Wesker partiu, machucado numa dúzia de lugares, sua garganta terrivelmente dolorida. Ele não sabia o que tinha acontecido exatamente, não sabia quem era a mulher ou porque Wesker parecia tão ansioso em achá-la – mas agora ele sabia quem tinha atacado Rockfort, e suspeitava do motivo. Albert Wesker deveria ter morrido quando a mansão de Spencer explodiu, mas parecia que tinha vendido sua alma para alguém novo pelo preço de sua vida, alguém obviamente tão sujo e imoral quanto Umbrella – alguém desejando matar em troca de sua necessidade, por algo que a Umbrella tinha.

Chris não se importava. No momento, tudo com que se importava era Claire, e chegar nesse complexo da Antártida. Ele sabia que a Umbrella tinha uma base legítima lá... devia ser a mesma, e se não fosse, alguém lá saberia dizer onde os experimentos eram conduzidos.

Ele só tinha uma granada restando. Se ele pudesse achar o aeroporto subterrâneo, não teria problemas para entrar, e podia pilotar qualquer coisa com asas. Ele usaria o rádio para localizar a

base da Umbrella, e caso não achasse uma arma, usaria as próprias mãos.

Tudo o que importava era Claire. E já estava a caminho.

Capítulo 14

Eles estavam a algumas horas de distância.

Dois homens conectados pela história, um era seu inimigo, o outro... Alexia não sabia, ainda não, mas sabia que estava atrás da garota que havia tirado do veículo de neve. Provavelmente o garoto também. Nenhum deles conseguiria escapar, claro... mas ela estava procurando pelas intrigas e pretensões, os dramas que a humanidade deles traria ao seu lar. Ela aproveitaria a chance de observar suas tendências naturais e instintos antes de alterar suas vidas para sempre.

Ela parou no grande salão fazendo considerações: possíveis futuros, sua próxima transformação, as mudanças psicológicas e estruturais que sua nova síntese causaria nos humanos, como daria boas-vindas a seus novos convidados... e lhe ocorreu que seu lar, nas profundezas do gelo e da neve, seria difícil para eles encontrarem. Ela imediatamente desejou que as portas fossem abertas, que obstáculos fossem removidos... e ela ouviu, viu e sentiu os resultados no mesmo instante, presente numa centena de lugares ao mesmo tempo enquanto fechaduras eram quebradas e paredes derrubadas, enquanto destroços eram empurrados de lado e aberturas alargadas.

Ela estava preparada. As coisas fluiriam mais rápido agora... e o que aconteceria nas próximas horas, a certo grau, definiria suas escolhas para um futuro próximo. Tudo ainda era tão novo, os modelos de sua nova vida escritos apenas na areia...

Sorrindo com suas próprias noções poéticas, Alexia foi conferir a primeira série de injeções para o garoto.

Capítulo 15

Algo estava muito, muito errado no complexo da Umbrella na Antártida, mas Chris não sabia o que era.

No quinto nível da escura e deserta base, dezenas de metros abaixo da neve, Chris parou na frente do que parecia ser uma grande mansão feita de tijolos brancos. Uma fonte atrás dele, vasos de plantas, até um carrossel decorado. Ele tinha sido conduzido até lá, presumivelmente porque alguém queria que ele entrasse, mas ele não sabia quem ou o porquê.

Seus instintos diziam para sair de lá, mas ele os ignorou. Ele precisava. Não sabia se era um animal indo para o abate, ou se estava sendo levado para Claire. Desde que pousou o jato no hangar, ele foi guiado durante cada passo do caminho – entrando em corredores e ouvindo portas trancando atrás dele, outras abrindo à sua frente... duas vezes, ele encontrou jóias no frio chão de cimento, apontando numa direção em particular, e uma vez, depois de fazer uma curva errada, todas as luzes se apagaram. Elas acenderam de novo quando ele voltou para o caminho "correto".

Já foi estranho bastante achar o complexo depois de cruzar intermináveis quilômetros de gelo e neve... e vê-lo pela primeira vez, surgindo das vazias planícies como uma miragem...

Mas ser atraído para algum lugar como um animal, sem saber o motivo...

Chris estava assustado, mais assustado do que queria admitir. Ele tentou parar, procurar armas ou pistas, mas tudo se desligava, toda a porta trancava – exceto as que deveria seguir, claro. As

câmeras que deviam observar seus movimentos estavam tão bem escondidas que ele não viu nenhuma delas... até parecia que seu pastor conhecia sua mente, sabia que sinais mostrá-lo para seguir adiante. A princípio ele achou que fosse Wesker, que tudo seria uma armação para capturá-lo – mas por que se preocupar? Ele podia ter estrangulado Chris na ilha se quisesse. Não, ele estava sendo guiado por algum motivo, e parecia não ter escolha senão continuar... a não ser que não quisesse achar Claire.

Ele respirou fundo e abriu a porta da frente da mansão, entrando.

Era bonita, tão extravagante quanto a fachada sugeria, uma grande escadaria, pilares decorados – e estranhamente familiar, apesar de ter levado um momento para entender, as cores e decorações diferentes. Era a configuração – o mesmo desenho básico do saguão principal da mansão de Spencer. Era surreal, mas tão perfeitamente harmoniosa no meio de todas as outras estranhezas que ele nem se importou.

Chris parou por um momento, esperando, olhando em volta por outro sinal – e então ouviu o que parecia ser uma risada vindo de trás da escada. Era a mesma risada que tinha ouvido no complexo em Rockfort, aquela mulher.

O que ela disse? Algo sobre querer jogar?

Definitivamente se parecia com um jogo, como se ele fosse um personagem controlado por alguém se divertindo – e estava começando a deixá-lo irritado. Ficar com medo só o deixava mais bravo.

Chris foi até a parede do fundo, pronto para confrontar a mulher, para exigir algumas respostas – Mas quando ele contornou um dos pilares decorados, viu que não havia ninguém lá.

“Mas que diabos é isso”. Ele murmurou, virando – e lá estava Claire. Presa com teia na parte de trás da escada, como se feita por uma aranha gigante, de olhos fechados, sua cabeça abaixada.

Wesker não ficou surpreso ao achar partes do complexo antártico construídos à semelhança da mansão de Spencer. A extravagância subterrânea era um incrível desperdício, mas como tinha reparado outras vezes, era coisa da Umbrella.

Tudo se resumia a intrigas, no começo. Depois, tudo virou um filme de espionagem ruim.

Oswell Spencer e Edward Ashford foram responsáveis pela criação do T-virus, mas esse foi sua única realização; o resto era dinheiro jogado fora. Verdade, os complexos inteiros – com exceção dos laboratórios, claro – eram uma cara piada, mantidos por homens velhos e crianças com pouca imaginação e dinheiro demais.

Ciente de que Alexia o estava observando, Wesker fez seu tempo, indo de andar em andar, eliminando alguns zumbis restantes. Ele não carregava uma arma, ele simplesmente agarrava seus pescoços e os deixava asfixiar. Em duas ocasiões, ele foi visto por outras criaturas, ele as sentiu, mas não as viu, e elas não atacaram, talvez o reconheceram como um deles.

Wesker continuou andando, certo de que Alexia o encontraria quando estivesse preparada. Ele tinha deixado seu jato a uma certa distância do complexo, querendo ter certeza de que ela entendia como ele era diferente – que os elementos não o afetavam, que era mais forte do que cinco homens juntos, com melhor resistência e sentidos mais aguçados. Ele também queria que ela o visse respeitando seu espaço, que ele seria paciente... e que estava extremamente determinado.

Na hora que quiser, querida, ele pensou, andando por um frio

corredor no quinto subsolo. Ele já tinha passado por ali antes, mas sabia que a mansão estava lá, e suspeitava de que ela iria querer recebê-lo em grande estilo. Mas não importava, ela podia jogá-lo numa cocheira e não faria diferença, mas ele sabia que ela era provavelmente tão vaidosa e mimada quanto seu irmão.

Apesar de poderosa e brilhante, ela também era uma menina rica de vinte e cinco anos que passou quinze desses anos dormindo.

Rica, bonita... travessa. Ela provavelmente ainda não entendia seus poderes, e não demoraria muito, ele podia sentir. Ele sentiu a fria calmaria do corredor e avançou para a mansão novamente.

Claire acordou devagar, seu corpo dolorido segurado gentilmente por mãos quentes. Ela foi deitada, a frieza do chão a acordando, e quando abriu os olhos, viu seu irmão. Sorrindo para ela.

“Chris!”. Ela sentou e o abraçou, ignorando seus músculos doloridos, tão feliz em vê-lo que por um momento ela se esqueceu de tudo mais. Era Chris, era ele, finalmente!

“Ei, irmãzinha”. Ele disse, abraçando fortemente suas costas, o familiar som de sua voz fazendo-a segura. Ela desejou que pudesse durar para sempre, depois de tanto tempo!

“Claire... eu acho que devemos sair daqui agora”. Ele disse, e pôde sentir a preocupação por trás de suas palavras, lembrando-a de tudo que tinha acontecido. “Eu não sei exatamente o que está acontecendo, mas não acho seguro”.

“Nós temos que achar Steve”. Ela disse, e começou a levantar, preocupada. Chris a ajudou, segurando-a enquanto se equilibrava.

“Quem é Steve?”.

“Um amigo”. Claire disse. “Nós escapamos de Rockfort juntos, e

íamos escapar daqui também – mas algo... algum tipo de criatura agarrou o carro de neve e o arremessou–”.

Ela olhou para Chris, de repente, mais do que apenas preocupada. “Antes de eu apagar, eu o ouvi dizer meu nome – ele está vivo, Chris, não podemos deixá-lo–”.

“Não vamos”. Chris disse firmemente, e Claire sentiu-se fraca de alívio. Chris tinha vindo, ele sabia tudo sobre a Umbrella, ele encontraria Steve e os tiraria de lá.

Risada. Uma mulher estava rindo, uma alta e cruel risada. Chris saiu de trás da escada, Claire o seguiu, ambos olhando para o andar de cima, e havia uma mulher, era – Alfred?

Não, não era Alfred. E isso significava...

“Então existe uma Alexia”. Claire disse suavemente.

Ainda rindo, Alexia Ashford virou e foi embora, saindo por uma porta no topo da escada.

“Ela deve saber onde Steve está”. Chris disse, apressado, ao mesmo tempo que Claire pensou, e então ambos estavam correndo, subindo, Claire o ultrapassando rapidamente, pronta para arrancar a verdade da irmã de Alfred a tapas – e CRASH, atrás dela, a escada desmoronando, Claire rolando para o chão enquanto um gigantesco tentáculo destruía o andar de cima, igual ao que tinha pego o veículo de neve – e então sumiu, recolhendo-se para a parede através do buraco que tinha criado, deixando um lance de escada destruído para trás. O lance principal ainda estava inteiro, mas Claire estava presa no andar superior. Ela teria que descer.

“Claire!”.

Claire se ajoelhou, viu Chris lá embaixo, franzindo com uma dor em sua perna, no meio de madeira e gesso quebrado.

“Você está bem?”. Claire perguntou, e Chris acenou – e então houve um grito, e ela sentiu seu sangue gelar.

Veio da porta que Alexia tinha cruzado, e era de Steve, não havia dúvida na consciência de Claire.

Era de Steve, e ele estava sofrendo.

Não posso deixar Chris, mas – “Chris, é ele”. Claire disse, trocando olhares entre seu irmão e a porta, sem saber o que fazer.

“Vá, eu te alcanço!”. Chris disse.

“Mas–”.

“Vá! Eu ficarei bem, tome cuidado!”.

Aterrorizada, Claire virou e correu, esperando não chegar tarde demais.

Wesker entrou no grande saguão da mansão subterrânea, e viu que não era mais grandiosa. Algo tinha acontecido com a escadaria, parte do balcão superior em pedaços no chão.

Ele ouviu alguém se mexendo atrás de um grande pedaço do andar superior, ainda pendurado pelo carpete, e deu um passo adiante – e lá estava ela. Parada no topo da escadaria usando um longo e escuro vestido, seu sedoso cabelo loiro amarrado atrás de seu pálido e bonito rosto.

“Alexia Ashford”. Wesker disse, surpreso por estar ansioso agora que o momento tinha chegado.

Ela parecia humana, delicada e indefesa, mas ele sabia que não.

Faça seu arremesso, e faça direito.

Wesker limpou a garganta, dando um passo adiante e tirando seus óculos escuros. “Alexia, meu nome é Albert Wesker. Eu

represento um grupo que sempre admirou seu trabalho e que esteve ansiosamente esperando por seu, é, retorno".

Ela o observou indiferente, de cabeça levemente inclinada, postura ereta e rígida. E parecia uma debutante em sua primeira festa social.

"E permita-me dizer que é uma honra pessoal conhecê-la". Wesker disse sinceramente. "Meus empregadores contaram tudo sobre você. Eu sei que seu pai a inoculou com os genes de sua tataravó, Veronica – que com esse material genético, a verdadeira fundação da linhagem dos Ashford, ele criou você e Alfred para serem gênios. Veronica certamente ficaria orgulhosa".

"Eu sei que você criou o T-Veronica em sua homenagem...". Cuidadoso, ele não deveria mencionar o que aconteceu a seu pai, não estrague tudo. "... e que você é o único, é, ser vivo com acesso ao vírus".

"Eu sou o vírus". Alexia disse friamente, estudando-o com olhos estreitos.

"Sim, claro". Wesker disse. Deus, ele odiava essa porcaria diplomática, ele era péssimo nisso, mas queria impressioná-la, impressioná-la com o quanto valiosa era para certos partidos interessados.

"Então". Ele continuou, pensando no quanto fácil as coisas teriam sido se a tivesse achado em estase. "Eu apreciaria muito – todos nós apreciaríamos muito se você concordasse em fazer uma reunião particular com meus empregadores, para discutir uma aliança. Eu posso garantir que não ficará desapontada".

Ela esperou para ver se já tinha acabado – e então riu, bem alto. Wesker sentiu-se corado. Ficou claro o que ela achava de seu pedido.

Certo. A gentileza acabou.

Wesker deu um passo à frente e esticou a mão. “Nós queremos uma amostra do T-Veronica”. Ele disse, o disfarce sumindo de sua voz. “E eu insistirei que você o dê para mim”.

Quando ela começou a descer a escada, por um segundo ele pensou que ela o faria – mas então ela começou a mudar, e ele parou de pensar. Ele só pôde olhar, seu medo voltando multiplicado por dez.

Um degrau abaixo, e seu vestido se desfez em chamas, sob veias de luz dourada, a luz vindo de seu corpo. Outro degrau, e sua pele mudou para um cinza-escuro, seu cabelo desaparecendo, mechas de carne cinza crescendo do topo de sua cabeça até enquadrar-seu rosto. Sua nudez foi transformada no próximo degrau, assim que uma armadura áspera cresceu sobre uma perna até a virilha, enrolando para suportar um dos seios e cobrir seu braço direito. Ao chegar no primeiro degrau, ela não se parecia mais com Alexia Ashford.

Sem fôlego, Wesker tentou tocá-la – e com as costas da mão, ela o acertou, e ele voou para perto da porta de entrada.

Que poder!

Ele se levantou, entendendo que força poderia ser útil, e se preparou para mover, para usar seu próprio poder – e com um sorriso, ela abanou o braço e fogo se espalhou pelo chão de mármore, cercando-o.

Ela abaixou o braço e o jato de chamas cessou, mas o que estava no chão continuou queimando, sobre pedra bruta.

Wesker soube aí que ele estava acabado. Se ela optasse por matá-lo, seria melhor para ele. Sem outra palavra, ele virou e saiu

de lá, correndo assim que a porta fechou atrás dele.

O metade-criatura foi embora, e segundos depois, o jovem rapaz o seguiu, acreditando ter escapado sem ser visto. Alexia os observou correndo, impressionada e um pouco desapontada.

Ela esperava mais.

O metade-criatura não era ameaça, e ela decidiu se livrar dele. Sua arrogância a tinha agradado, tanto quanto sua patética "oferta". O jovem rapaz, por outro lado... corajoso e capaz de auto-sacrifício, leal e cheio de compaixão. Fisicamente uma boa cobaia. E ele amava sua irmã, que estava para morrer – serviria para uma interessante reação fisiológica.

Alexia decidiu criar um confronto para fazê-los interagir. Ela testaria uma nova forma para si e veria se o sofrimento o tornaria mais forte, ou se provaria ser um dom – Ela riu, imaginando uma forma apropriada para adquirir. Exceto por Alfred, ninguém mais sabia o simples segredo do T-Veronica, que era baseado na química de uma formiga rainha. Ela tentaria uma configuração insetóide, vivenciar as forças e vantagens que tal forma dispunha.

Sua decepção tinha passado. A garota e o garoto morreriam, e depois iria atrás do rapaz.

Capítulo 16

Através das salas e corredores da mansão, Claire teve que correr, com medo de ouvi-lo gritar novo, com medo de não saber onde procurar. Passados os aveludados corredores, pela chegou numa área carcerária, celas dos dois lados do corredor, o ambiente frio e escuro mais uma vez.

Um solitário infectado tentou alcançá-la através das barras, uivando.

“Steve!”.

Sua voz ecoou de volta para ela, cheia de tensão e medo, e sem uma resposta de Steve. Havia uma pesada porta de metal à sua direita, diferente das outras, reforçada com barras de aço. Ela a abriu, achando a ante-sala de uma ainda maior.

“Steve!”.

Sem resposta. A sala maior era comprida e mal iluminada, como um grande corredor, e ela não conseguia ver o que havia no final dele. Ela viu um portão suspenso que separava os dois ambientes, que definitivamente a fez parar. Ela olhou em volta e achou um pedaço de madeira quebrada no chão, e a posicionou obstruindo o trilho do portão na parede, não querendo terminar presa.

Ela correu pelo salão, intimidada pelas enormes estátuas de cavaleiros alinhadas nas sombrias paredes, sua ansiedade crescendo a cada segundo. Onde ele estava, por que tinha gritado?

Ela estava na metade do corredor quando o viu, sentado numa

cadeira na parede do fundo, com um tipo de barra bloqueando seu peito.

Ah, Deus...

Claire correu, e enquanto se aproximava, viu que se tratava da barra de um comprido machado, uma alabarba, a lâmina firmemente fincada na parede atrás dele. Ele parecia muito pequeno e muito jovem, seus olhos fechados e cabeça abaixada – mas dava para perceber sua respiração, o que diminuiu sua ansiedade.

Ela ficou ao seu lado e puxou o gigante machado, que não soltou. Ela agachou perto dele, tocando seu braço, ele tremeu, abrindo os olhos.

“Claire!”.

“Steve, Graças a Deus você está bem, o que aconteceu? Como você veio parar aqui?”.

Steve tentou puxar o machado e não conseguiu. “Alexia, deve ter sido a Alexia, ela se parecia com o Alfred – ela me injetou algo, ela disse que faria o mesmo que tinha feito com seu pai, mas que desta vez faria certo–”.

Ele empurrou o machado de novo, fazendo força, mas não estava se movendo. “Em outras palavras, ela estava pirada. Eu acho que ela e Alfred eram bem próximos afinal de contas...”.

Steve parou de falar, suas bochechas corando de repente. Suas mãos começaram a se contorcer, seu corpo tremendo.

“O que é isso?”. Claire perguntou, com medo, com muito medo, por seu corpo estar se curvando seus dedos fechando um punho, seus olhos aterrorizados.

“C... Claire...”.

Sua voz foi o apagando, seu nome virando um grunhido, e então estava se torcendo na cadeira, suas roupas rasgando. Ele abriu a boca e um gemido aguado saiu, assustado no começo e depois bravo. Furioso.

"Não". Claire suspirou, começando a recuar, e Steve segurou o machado, tirando-o da parede, levantando. Seu corpo continuou encurvando, sua cabeça tombando, seus músculos inchando debaixo da pele que estava ficando cinza esverdeada. Espinhos brotaram de seu ombro esquerdo, dois, três deles, enquanto suas mãos alongavam-se, enquanto um enorme ferimento sem sangue crescia em suas costas, enquanto seus olhos ficavam vermelhos e selvagens.

A coisa que uma vez foi Steve Burnside abriu a boca e gritou, enfurecida, e Claire virou e saiu correndo, doente com a perda e o pavor, correndo mais do que podia.

O monstro a seguiu, varrendo com o machado, a afiada lâmina cortando o ar. Ela conseguia sentir o vento causado pela lâmina e de alguma forma ganhou mais velocidade, suas pernas pulando, acelerando mais rápido.

O monstro varreu de novo, o som vasto e ensurdecedor. Mais rápido, mais rápido, a ante-sala logo à frente – e o portão estava descendo, estava para trancá-la junto com o monstro, como, não importava, ela tinha que ir mais rápido ou estaria morta – e com um último e forte impulso, Claire mergulhou no espaço entre o portão e o chão, deslizando sobre o estômago, o portão batendo atrás dela.

O monstro mugiu, começou a balançar o machado em abandono, faíscas voando enquanto atacava as barras de metal. Chocada, Claire o observou quebrar três delas, dobrando o aço com a ferocidade de seus golpes, antes de perceber que podia fugir dali.

A porta, eu a deixei aberta, ela pensou deslumbrada, e se levantou, e deu um passo na direção da saída quando – algo atravessou a parede, não o monstro, mas sim uma coisa que a agarrou como uma cobra constritora, levantando-a, outro tentáculo. O monstro continuou agredindo o metal, e o atravessaria em segundos, o tentáculo a segurando firmemente.

Acordada de seu deslumbre, Claire bateu no tentáculo, mas o material era impenetrável. Ele simplesmente a segurou, esperando pelo monstro atravessar o portão.

O monstro queria espancá-la e cortá-la, queria parti-la ao meio, e continuou batendo a arma nas barras, e finalmente, surgiu um buraco por onde podia passar.

Ela fazia barulhos entre a coisa que a segurava, barulhos ofegantes que faziam seu sangue quente em e excitado, que o fez levantar o machado, desejando o fim dela.

Ele desceu o machado, forte, lembrando do que tinha dito a ela, prometido a ela – você pega o próximo – eu vou – e a coisa, ele, parou a lâmina quase tocando sua cabeça. O tentáculo esperou, apertando ainda mais, e ele lembrou.

Claire.

Steve levantou o machado novamente, com força. Ele era muito forte e desceu o machado no tentáculo, fatiando ele.

Com um espirro de fluído verde, a grossa mangueira abanou e acertou seu peito, arremessando-o contra a parede, e depois desaparecendo. Ele sentiu e ouviu costelas quebrando, sentiu o fervor de seu sangue esfriando, sentiu sua força indo embora.

A dor veio, aguda, intensa e em todo lugar, mas ele abriu os olhos e ela estava lá, em segurança, ela estava alcançando sua mão.

Claire Redfield, tocando sua mão com lágrimas nos olhos.

O monstro se fora.

Ela tocou sua mão e ele a levou até seu rosto, para seu bonito rosto, apoiando-a em sua bochecha.

“Você está quente”. Ele suspirou.

“Agüente aí,”. Ela disse, apelando, o nó em sua garganta chocando-a. “por favor, meu irmão veio e vai nos levar com ele, por favor, não morra!”.

Os olhos de Steve estavam agitados, como se estivessem tentando ficar abertos.

“Estou feliz por seu irmão ter vindo”. Ele sussurrou, sua voz falhando. “Estou feliz por ter te conhecido. Eu... eu te amo”. Depois da última palavra, sua cabeça tombou, seu peito murchou e não levantou mais, e Claire ficou sozinha.

Steve se fora.

Capítulo 17

Chris correu, sabendo que seu tempo era curto enquanto Alexia Ashford continuasse viva, com medo de ela já ter pego Claire.

“Claire!”. Ele gritou, batendo seu punho em cada porta que passava. Não adiantava gritar; se Alexia tivesse apenas metade do poder que ele suspeitava, ela já saberia onde ele estava... e onde Claire estava.

Por favor, por favor, não a machuque, ele pensou, o pensamento repetindo enquanto corria por outro corredor, cruzando uma porta, outro corredor, e outro. Ele não sabia se algo poderia impedir Alexia, mas se pudesse achar Claire e seu amigo, e levá-los para o elevador de emergência, ele tentaria ativar o sistema de autodestruição antes de partir. Alexia estava na metade do caminho até o poder absoluto e o puro mal, ela era um apocalipse esperando para acontecer, e precisava ser impedida.

“Claire!”.

Através de um corredor familiar, outra imitação da mansão de Spencer, cruzando uma porta que dava em uma sombria prisão, celas alinhadas nas paredes. Ele tinha que achá-la, sem ela, não partiria. Ele queria Alexia morta, mas não colocaria a vida de Claire em risco, por nada, e tirá-la de lá era sua principal prioridade – e alguém estava chorando atrás de uma das portas fechadas. Chris parou de correr e escutou, tentando não respirar, isolando a incansável persistência de um contaminado preso em uma das celas. Outro choro...

Claire, ah, Graças a Deus você está viva!

Ele abriu a porta, pronto para agredir qualquer coisa próxima a ela – e a viu sentada no chão, gemendo, seus braços em volta de um jovem rapaz, seu corpo nu escoriado. Ele estava morto.

Ah, não.

Só podia ser Steve, o amigo de Claire, e apesar de triste pelo garoto que nunca conheceu, o coração de Chris estava partido por ela. Ela parecia tão frágil, tão sozinha... mais um ponto para Alexia. Chris não tinha dúvida de que Steve tinha morrido por causa daquela vadia maluca. E por mais que quisesse sentar e confortar Claire, estender sua mão e compartilhar seu sofrimento, ele sabia que precisavam sair.

“Nós temos que ir agora, Claire”. Ele disse o mais gentil possível – e ficou aliviado quando ela acenou, cuidadosamente deitando seu amigo, fechando seus olhos com uma trêmula mão. Ela o beijou na testa e levantou.

“Tá”. Ela disse, acenando de novo. “Estou pronta”.

Ela não olhou para trás, e apesar de tudo, ele estava orgulhoso dela. Ela era forte, mais forte do que ele poderia ter sido se perguntado para deixar alguém que amava.

Juntos, eles correram pelo corredor, Chris considerando que deveriam estar perto do canto sudoeste do prédio, onde tinha pousado seu jato e visto o elevador de emergência. O sistema de autodestruição deveria ficar consideravelmente perto do elevador para tornar uma fuga possível; se apenas pudesse achar o elevador, ele verificaria cada andar durante a subida.

Havia uma escada no fim do corredor, e Chris correu até lá, Claire ao seu lado. Ele conseguia sentir os segundos passando enquanto subia os degraus, sentiu como se o tempo os estivesse alcançando, que Alexia tinha parado de jogar.

Passada a porta no topo da escada, cruzando uma grande plataforma de metal – Chris riu alto quando olhou para trás, viu as portas do elevador de emergência.

“O quê?”. Claire perguntou.

Ele apontou para as portas, sorrindo. “Ele vai nos levar direto para o jato”.

Claire acenou, sem sorrir, mas parecendo aliviada. “Ótimo. Vamos”.

Chris virou para olhar a parede de frente para o elevador. “Eu tenho que verificar uma coisa primeiro”. Ele disse, querendo olhar a outra porta mais de perto, a que parecia uma porta de segurança. “Você vai, eu irei logo atrás”.

“Esquece”. Claire disse, firme. Ela foi atrás dele, seus olhos vermelhos de tanto chorar, mas seus dentes apertados, determinada. “De modo algum vamos nos separar de novo”.

Chris se curvou para o olhar o mecanismo de abertura das portas e suspirou, levantando. Já devia ser o sistema de destruição; a trava era complicada e única, requerendo uma chave que não possuía. Além disso, à direita da porta havia um lançador de granadas trancado, um que não reconhecia, a etiqueta do lacre dizendo somente em caso de emergência.

Melhor assim, devemos sair enquanto podemos, ele pensou, mas não estava contente. O quanto poderosa Alexia ficaria antes de outra oportunidade como essa?

“Ei – espere um segundo” Claire disse, e começou a revirar a pequena bolsa em sua cintura. Antes que ele pudesse perguntar, ela estava segurando uma chave de metal, na forma de uma libélula.

Não havia dúvidas de que serviria na fechadura.

“Eu a achei em Rockfort”. Ela disse, inclinando-se e pressionando a chave no rebaixamento. Ela serviu perfeitamente, a porta destrancando com um sólido clique.

“Você vai ativar o sistema de autodestruição, não vai”. Claire disse, não exatamente em forma de pergunta. “Você tem o código?”.

Chris não respondeu, pensando que havia um número incrível de coincidências na vida, e que às vezes, funcionavam a favor de um indivíduo.

“Código Verônica”. Ele disse, suavemente, e abriu a porta, pronto para derrubar tudo, entendendo que deveria ser assim.

Capítulo 18

O garoto estava morto, mas a garota não. E agora o jovem homem estava tentando destruir o lar de Alexia, e não era um jogo, uma experiência ou algo para observar, ele tinha que morrer com dor e miséria. Como ele ousou considerar tal coisa? Ele devia estar ajoelhado diante dela, um inútil suplicante à disposição para ela fazer o que quisesse, como ele ousa?

Alexia viu os irmãos correndo de sua traiçoeira façanha, sentiu eles desejando partir enquanto a seqüência automática começava, luzes e sons pulsando, sistemas desligando pelo terminal. Sua perfídia era inútil, claro. Ela seria capaz de interromper a seqüência com o mínimo de esforço, usando seu controle sobre o orgânico para servir cada conexão no complexo, mas foi a insolência que a deixou tão furiosa. Ele tinha testemunhado a glória de suas habilidades, ele tinha visto e fugido de medo... e ainda podia se dar ao luxo de tirar uma vida como a dela?

Alexia se conteve, reunindo todo o seu poder, tornando-se completa. Ela sabia que o rapaz tinha achado uma arma perto do teclado, um revólver que alguém tinha deixado para trás. Ela não fez objeção, sabendo que a arma o daria esperança, e que para uma vitória ser completa, o vencedor ficaria com tudo. Ela iria tirar sua esperança, ela iria tirar a vida de sua irmã e depois tiraria a sua.

Ao adquirir sua totalidade, ela imaginou se tornando líquida, percorrendo as estruturas ao seu redor tão facilmente quanto as extensões orgânicas que controlava, e então estava fazendo isso, indo confrontar os intrusos.

Eles ficaram desacreditados, como se esperassem conseguir. Ela

deslizou para fora de seu hospedeiro orgânico, desdobrando-se, virando para olhar seus nublados olhos, seus estremecidos rostos tolos. Ela os viu olharem para ela, curiosos apesar de sua raiva.

Eles conversaram na frente dela, ele insistindo que cuidaria das "coisas", que a garota deveria fugir. A garota concordou, mas insistiu que ele sobrevivesse. Depois desse comentário absurdo, a garota virou e correu para o elevador.

Alexia foi interceptá-la, levantando a mão para atacá-la – e uma perfuração apareceu em sua carne, distraindo-a. Uma bala tinha entrado em seu corpo.

Ela virou e sorriu para ele, para a arma em suas mãos, e alcançou dentro de si, tirando a bala e a jogando nele. Por mais gratificante que sua reação fosse, a garota não estava mais lá.

Era hora de expandir seus limites, Alexia decidiu. Para mostrá-lo quem ela era e o que podia fazer... e impor o medo de Deus sobre ele, porque ao fechar os olhos, imaginando e desejando, ela parou de ser Alexia Ashford e se tornou Ira, divina e impiedosa.

Capítulo 19

“O sistema de autodestruição foi ativado”. Uma gravação começou, reverberando pelo poço, o eco misturando com o resto da mensagem. “Você tem quatro minutos e quarenta segundos para alcançar a distância mínima de segurança”. Chris já estava alerta mesmo antes da luta começar.

Alexia levantou a mão para acertar Claire e Chris atirou, a .357 pulando em sua mão, o tiro se sobrepondo às sirenes, ensurdecedoramente explosivo.

Isso! Um tiro certeiro, bem na barriga, e Claire já estava no elevador, apertando o botão e entrando na cabine – mas ao invés de sangrar, ao invés de cambalear, Alexia sorriu para ele. Ela levantou uma de suas mãos acinzentadas e a fez penetrar em seu corpo, a carne afrouxando como água em movimento. Um segundo depois ela retirou a bala e gentilmente a jogou em sua direção.

Ruim, isso é muito, muito ruim, Chris pensou, e então ela começou a mudar.

A flexível mulher agachou na grade de metal e sua carne líquida começou a tremer, formando altos e baixos em todo o se corpo, o tecido borbulhando, expandindo. Os altos virando montanhas, os baixos virando vales, tudo cinza e inchado enquanto seus membros começavam a dobrar em si mesmos. Seus braços curvaram e se juntaram à massa expandindo, as pernas desaparecendo no meio de tudo, a textura ficando áspera e ressecada, veias como cabos levantando, e ela continuou inchando. Sua cabeça rolou para baixo e se tornou parte do gigante corpo, o cinza virando um músculo avermelhado, o roxo e azul dos vasos

sanguíneos conectando-se como se carregados pela maré.

“Você tem quatro minutos para alcançar a distância mínima de segurança”. Alguém disse, e Chris mau ouviu, ele estava recuando, cada vez mais convicto de que aquilo não acabaria bem. O elevador estava bloqueado, e ela continuava crescendo.

Grossos tentáculos saíram de baixo da elefântica massa, ondulando como ondas, espalhando-se pela plataforma. As costas de Chris tocaram a parede, e a coisa, o massivo tumor se separou de uma cintura que não existia, abrindo gigantes asas, asas de libélula, expelindo uma retorcida e deformada face humana.

A face abriu a boca e um alto grito rouco saiu, suas asas tremendo com a vibração do poderoso som – e então cuspiu nele, um fino jato verde amarelado de bile que atingiu a plataforma aos seus pés, começando a corroer o metal.

“Droga!”. Chris gritou, e mal teve tempo de sair do caminho enquanto um dos tentáculos atacava.

Ele tinha que ficar de olho na boca e nos tentáculos ao mesmo tempo – e dos circulares e trêmulos buracos que nasceram ao redor da base de seu gigante corpo, rastejantes criaturas começaram a sair.

Chris correu para o canto mais distante de Alexia e levantou a .357, sem saber onde atirar. As pequenas subcriaturas estavam caindo na plataforma, como pedras achatadas com tentáculos, alguns parecidos com besouros e outros como nunca tinha visto antes, e todos estavam vindo em sua direção, e bem rápido.

Os olhos, se não puder matá-la, ao menos poderia cegá-la – mas os olhos já eram cegos, esferas cinzas com escuridão sob elas, e ele já sabia o quanto eficazes as balas eram contra ela.

Isso fez sua decisão. Chris mirou e atirou – e a pulsante e inchada criatura gritou de novo, desta vez com dor, uma de suas asas caindo na plataforma.

Alguns dos pequenos organismos tinham alcançado ele, um deles saltando em sua perna, tentando subir. Enojado, ele o varreu de lá, mas logo outro assumiu seu lugar, e um terceiro. Um tentáculo voou em seu rosto, vindo de uma das criaturas. Chris o bloqueou, por pouco.

Anda!

"Você tem três minutos para alcançar a distância mínima de segurança".

Chris correu ao longo da parede, chegando no canto em frente à criatura e mirou de novo, tentando a outra asa. Ele errou o primeiro tiro, mas acertou o segundo.

Ela uivou, a asa pendurada por fiapos de tecido, e cuspiu de novo, o jato de bile errando seu rosto por centímetros. Agora a coisa só tinha as duas asas de cima, e apesar de saber que a tinha machucado, não parecia ter sofrido nenhum ferimento grave.

E só tenho duas balas sobrando.

Devia haver algo que pudesse fazer, algum modo de pará-la, o sistema de autodestruição iria mandá-los para o inferno e seria tudo culpa sua. Ele saltou quando outro tentáculo atacou da base da criatura, tentando pensar, essa era uma baita emergência e ele tinha que pensar – somente em caso de emergência.

O inflamado monstro gritou. Mais besouros estavam pulando nele, mas ele os ignorou, tendo apenas que virar a cabeça para ver a cavidade da arma perto da porta, aquela com uma barra de segurança. Um lançador de mísseis ou de granadas, que seja, era

uma beleza, mas a barra ainda estava abaixada, não tinha liberado.

“Você tem dois minutos para alcançar a distância mínima de segurança”.

Ka-chunk.

A barra levantou.

Chris correu e tirou a arma, levantando-a e mirando no arregaçado corpo da criatura. Ele não sabia o que a arma faria, mas esperava que fosse boa, esperava que fosse acabar com aquela vadia.

Não havia trava de segurança, nada para abastecer. Chris puxou o gatilho – e uma fúria de luz branca e calor partiu do cano, explodindo no alvo como uma flecha em um balão. O efeito foi enorme, a explosão monstruosa.

Uma fonte de sangue e gelatina cinza espirrou do rasgado buraco, respingando em seu rosto, mas ele só tinha olhos para a aberração Alexia gritando enquanto sua carne e estrutura cediam, murchando – A parte de cima da criatura estava tentando se livrar da massa morrendo, as duas asas se debatendo freneticamente, mas com apenas duas, ela não podia se libertar... e estava morrendo, ele sabia porque podia ver seu sangue drenando, porque a cor de sua horrível pele estava mudando, ficando pálida, as subcriaturas estavam encolhendo, por causa do absoluto ódio em sua face... e pela absoluta surpresa.

Enquanto o monstro Alexia silenciava e começava a cair, sua cria derretendo, Chris ouviu que restava apenas um minuto.

Claire.

Ele largou a arma incendiaria e correu.

Capítulo 20

Claire estava acabada e não havia nada que pudesse fazer. Steve estava morto, e Chris tanto poderia voltar como não, e de um jeito ou de outro, tudo iria pelos ares em breve, e ela não tinha nada o que dizer sobre isso.

“Você tem dois minutos para alcançar a distância mínima de segurança”. O computador a informou educadamente, e Claire mostrou o dedo do meio para o alto-falante mais próximo. Se existisse inferno, ela já saberia o que tocavam nos elevadores ao invés de música.

Só havia um jato onde o elevador a tinha deixado, e Claire apoiou-se no parapeito na frente dele, seus braços cruzados bem apertado, seu olhar fixado nas portas do elevador. Ela olhava e esperava, sua ansiedade crescendo, uma parte dela acreditando que ele não apareceria enquanto os alarmes soavam pelo hangar vazio, ecoando de volta para ela.

Não me deixe, Chris, ela pensou, apertando seus braços mais forte. Ela pensou em Steve, lembrando do ataque de riso que ele a tinha inspirado na ilha. O modo como ele a tinha olhado, como se fosse louca.

Venha agora , Chris, ela pensou, fechando os olhos e desejando o mais forte que podia. Ela não podia perdê-lo, também, seu coração não agüentaria.

Restava um minuto para alcançar uma distância segura.

Quando o chão tremeu sob seus pés, ela pensou em chorar, mas não houve lágrimas. Ao invés disso, ela olhou para o elevador, certa

de que ele se fora, tão certa disso que quando a porta do elevador abriu, quando ele saiu, ela pensou estar alucinando.

“Chris!”. Ela perguntou, sua voz quase um sussurro, e ele estava correndo para ela, espirros de sangue e algo mais espalhados por seu rosto e braços, e foi aí que ela entendeu que era real. Ela não teria alucinado sobre ele com meleca na cara.

“Chris!”.

“Entre”. Ele ordenou, e Claire pulou no banco de trás, feliz, assustada e ansiosa, sozinha e aliviada, desejando que Steve estivesse com eles e triste por não estar. Havia mais sentimentos, dezenas, mas no momento, ela não podia lidar com nenhum deles. Ela os afastou e não pensou em nada, não sentiu nada além de esperança.

Chris a prendeu apertado e começou a apertar botões, o pequeno jato acordando. Acima deles, o teto se dividiu ao meio, as nuvens acima enquanto ele os tirava do hangar, suavemente. Alguns segundos depois, eles estavam acelerando, deixando o morto complexo para trás.

Os ombros de Chris relaxaram, e ele limpou a testa com as mãos, tentando esfregar a meleca mau cheirosa.

“Eu podia tomar um banho”. Ele disse de leve, e as lágrimas finalmente vieram, acumulando nos cílios inferiores.

“Não me deixe sozinha de novo, tá bom?”. Ela perguntou, fazendo o possível para deixar as lágrimas fora de sua voz.

Chris hesitou, e ela instantaneamente soube porque, sabia que não estava acabado para eles dois.

Aquilo seria pedir demais.

“Umbrella”. Ela disse, e Chris acenou.

“Nós temos que resolver isso, de uma vez por todas”. Ele disse firmemente. “Nós precisamos, Claire”.

Claire não sabia o que dizer, finalmente optando por não dizer nada. Quando a explosão ocorreu um momento depois, ela não olhou. Ela fechou os olhos, encostou no assento e desejou não sonhar caso finalmente dormisse.

EPÍLOGO

Há milhas de distância, Wesker ouviu a explosão, e pôde ver a fumaça subindo logo depois, pesadas e escuras nuvens. Ele pensou em fazer a curva e voltar, mas desistiu; não havia porque.

Se Alexia não estivesse morta, seus comparsas descobririam em breve; droga, o mundo inteiro descobriria em breve.

“Espero que você tenha ficado aí, Redfield”. Ele disse baixo, sorrindo um pouco. Claro que ficou; Chris não era tão brilhante e rápido para ter fugido a tempo...

... mas pode ter tido sorte o bastante.

Wesker tinha que reconhecer isso; Redfield tinha uma sorte dos diabos.

Foi uma pena Alexia ter recusado sua proposta. Ela era algo, aterrorizante e maligna, mas definitivamente algo. Seus empregadores não ficariam felizes ao descobrir que voltou sem ela, e não podia culpá-los; eles tinham investido muito no ataque a Rockfort, e ele tinha praticamente prometido resultados.

Eles continuarão vivendo. E se não gostarem, podem procurar um cara novo. Trent, por outro lado...

Wesker fez cara feia, não desejando a próxima reunião. Ele devia ao cara. Depois do fiasco na mansão, Trent tinha – literalmente – tirado seu traseiro do fogo, e cuidou para que fosse consertado, melhor do que novo. E foi responsável pela introdução de Wesker a seus novos empregados, homens com reais aspirações ao poder, e meios de conseguí-lo.

E...

E ele nunca admitiria isso em voz alta, mas Trent o assustava. Ele era tão discreto, educado e tranqüilo ao falar – mas com um brilho nos olhos que sempre parecia estar sorrindo, como se tudo fosse uma piada e ele era o único que entendia. Na experiência de Wesker, aqueles que riam eram os mais perigosos; eles não pareciam ter nada para provar, e eram no mínimo levemente insanos.

Só estou grato por estarmos do mesmo lado, Wesker afirmou para si, acreditando nisso porque queria. Porque ir contra alguém como ele não era um bom plano.

Bom. Ele podia se preocupar com Trent mais tarde, depois de se desculpar com os agentes apropriados. Pelo menos o escoteiro Redfield estava morto, e Wesker ainda estava bem vivo, trabalhando para o lado que iria vencer no final.

Wesker sorriu, desejando o fim. Seria espetacular.

O sol tinha nascido e estava refletindo na neve, criando uma brilhante radiação, ofuscante em sua perfeição. A aeronave continuou voando, sua sombra perseguindo a luz sobre as brilhantes planícies.

* * *

(Nota 1) Capetown – Capital da África do Sul.

(Nota 2) Utah – Estado dos Estados Unidos.

(Nota 3) Glock – Fabricante austríaca de armas com componentes plásticos.

(Nota 4) Lugers – Pistola semi-automática alemã.